

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Hannytta Medici Morales

**Análise da cobertura da imprensa sobre a instrumentalização dos
judeus no Brasil por Jair Messias Bolsonaro.**

Bauru
2025

HANNYTТА MEDICI MORALES

Análise da cobertura da imprensa sobre a instrumentalização dos judeus
no Brasil por Jair Messias Bolsonaro.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Área de Concentração: Comunicação Midiática. Linha de Pesquisa: Processos midiáticos e práticas socioculturais.

Orientador: Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

Bauru - SP
2025

M828 Morales, Hannytta Medici
Análise da cobertura da imprensa sobre a
instrumentalização dos judeus no Brasil por Jair Messias
Bolsonaro / Hannytta Medici Morales. -- Bauru, 2025
141 f. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design Bauru

1. Antissemitismo. 2. Comunicação. 3.
Bolsonarismo. 4.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE HANNYTTA MEDICI MORALES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 12 dias do mês de agosto do ano de 2025, às 14h30min, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de HANNYTTA MEDICI MORALES, intitulada **Análise da cobertura da imprensa sobre a instrumentalização dos judeus no Brasil por Jair Messias Bolsonaro**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Jornalismo / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Professora Doutora LILIANE DE LUCENA ITO (Participação Presencial) do(a) Departamento de Jornalismo / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design de Bauru, Professor Adjunto MICHEL GHERMAN (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA DE MESTRADO

Conforme estabelece a Portaria Unesp 117/2022, de 21 de dezembro de 2022 e ainda pela Instrução AT/PROPG nº 02, de 22 de dezembro de 2022, apresenta-se aqui o Impacto esperado desta dissertação de Mestrado.

Mesmo após 80 anos da Shoah, vivemos uma crescente onda de ataques de cunho antissemita ao redor do mundo, em especial, no Brasil. Nos últimos anos, observou-se em nosso país uma apropriação de simbologias judaicas em meios neopentecostais e a busca pela “construção de uma pureza original”. Essa apropriação vem sendo lida como uma nova forma de antissemitismo, visto que há um caráter de conversão e higienização dos judeus, que veio a ser conhecido pela expressão “judeu imaginário”.

Sendo esse fenômeno cada vez mais difundido no âmbito da sociedade e da política, consideramos de extrema relevância seu estudo na academia, a partir de sua relação com o campo da Comunicação.

POTENTIAL IMPACT OF THIS MASTER RESEARCH

As established by Unesp Ordinance 117/2022, of December 21, 2022, and also by AT/PROPG Instruction No. 02, of December 22, 2022, the expected impact of this Master's dissertation is presented here. Even 80 years after the Shoah, we are experiencing a growing wave of antisemitic attacks around the world, especially in Brazil. In recent years, an appropriation of Jewish symbols has been observed in our country within neo-Pentecostal circles, along with a quest for the "construction of an original purity." This appropriation has been interpreted as a new form of antisemitism, given its character of converting and "cleansing" Jews, which has come to be known by the expression "imaginary Jew."

As this phenomenon is becoming increasingly widespread in society and politics, we consider its study in academia to be of extreme relevance, based on its relationship with the field of Communication.

Pela memória das vítimas do ataque
terrorista do dia 7 de outubro de 2023. Nós
vamos dançar de novo.

Hannytta Medici Morales

Agradecimentos

Quando me preparava para o processo de ingresso para o Programa de Pós-graduação em Comunicação, em certo momento ouvi que ser especialista em um determinado assunto demandava anos de dedicação. E justamente por conta disso, não seria possível ser especialista em todos os assuntos do mundo.

Meu interesse em realizar uma Pós-graduação Stricto Sensu foi guiado pela possibilidade de poder desenvolver ferramentas que pudessem contribuir nas pesquisas dentro do campo de Estudos Judaicos, onde eu já estava atuando nos últimos dez anos, além de poder adquirir um título que pudesse me conferir legitimidade no que dizia.

Justamente por querer me aperfeiçoar cada vez mais dentro desse campo, uma das minhas grandes preocupações, que se estende ao longo dessa dissertação, é de sempre ser o mais intelectualmente honesta para aquele que me lê, tratando dos assuntos à medida que tenho conhecimento. Em outras palavras, me sinto bastante desconfortável em tratar de assuntos que não tenho repertório.

Também aprendi que, quanto mais eu me aprofundo nos assuntos que me interessam, sejam eles antissemitismo, Israel e Palestina, identidade judaica, dentre outros, menos certeza eu tenho das coisas. E é partir disso que começa o problema.

Quem integra o campo dos Estudos Judaicos sabe que, desde o dia 7 outubro de 2023, a “vida de pesquisador” não tem sido fácil. Talvez tenha sido a partir deste dia que descobrimos que não poderíamos mais negar a existência do antissemitismo. Foram meses em que, ao mesmo tempo que nos deparávamos com colegas que endossavam ataques antissemitas escancarados, por outro lado, acabamos fortalecendo outros laços.

E foi justamente nessa rede de apoio que esse trabalho pode ser desenvolvido e concluído. Não apenas pelas contribuições intelectuais recebidas a partir dos Grupos de pesquisa “Diálogos da Diáspora: Racismo e Antissemitismo” e “Judaísmo Contemporâneo”, ambos do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia (Labô/PUCSP/FUNDASP), e do grupo “Novas formas de Antissemitismo” do Instituto Brasil-Israel (IBI), mas também dos desabafos madrugadas adentro sobre este assunto que cada vez mais nos agoniava.

Para quem não lida cotidianamente com os Estudos Judaicos, pode ser difícil imaginar e compreender o quanto esses Grupos e espaços de Pesquisas se tornaram

fundamentais nesse processo. Cada vez mais, boa parte de nós, vem se sentindo menos confortável em compartilhar nossas pesquisas em outras áreas do conhecimento, onde muitas vezes nossos papers, artigos e apresentações são declinados sem justificativa plausível.

Como disse, só falo daquilo que sei. Eu mesma experienciei o resultado do desconhecimento sobre o campo, em um Grupo de Trabalho onde tratava a respeito do jornalismo inserido na sociedade midiaticizada, e do seu papel em um contexto de ampliação do antissemitismo no Brasil. Os apontamentos feitos por quem coordenava o GT pouco tinham relação com que eu escrevi, mas sim, a respeito do que estava acontecendo em Gaza.

Dessa forma, agradeço à Universidade Estadual Paulista, mais especificamente ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, por ter aceitado este projeto para ser desenvolvido em um período tão crucial.

Estendo os meus agradecimentos ao meu querido orientador Mauro de Souza Ventura, por ter aceitado esse desafio, pela generosidade e pela calma durante o processo.

Agradeço enormemente pelas contribuições da Professora Dra. Liliane Ito em relação ao debate comunicacional durante minha qualificação e na minha defesa final.

Não poderia deixar de agradecer também ao querido Professor Dr. Michel Gherman! Ao longo do meu processo de desenvolvimento do projeto de pesquisa, os trabalhos desenvolvidos pelo professor foram essenciais para que ele pudesse se tornar o que é hoje. Por esse motivo, me é muito emocionante ter a oportunidade de tê-lo presente na minha banca, por tudo o que ele representa!

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa oferecida durante meu Mestrado.

(...)

Então escute: sabemos que

você é nosso inimigo. Por isso vamos agora

Encostar você num paredão. Mas em consideração
aos seus serviços

E bons atributos

Num bom paredão e vamos fuzilar você com

Boa munição de armas boas e enterrar você

Com uma boa pá, num bom solo.

(Bertold Brecht - Bom, mas pra quê)

MORALES, Hannytta Medici. Análise da cobertura da imprensa sobre a instrumentalização dos judeus no Brasil por Jair Messias Bolsonaro. 2025. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) – FAAC – UNESP, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Bauru, 2017.

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo estudar a cobertura da imprensa sobre a instrumentalização dos judeus brasileiros durante o governo Bolsonaro. Para a análise, foram selecionadas 23 reportagens publicadas em dois veículos de imprensa nacionais: Folha de S. Paulo e portal G1. A hipótese de pesquisa partiu do pressuposto de que, desde a campanha realizada pelo então candidato à Presidência da República, ficou claro o aceno feito à comunidade judaica e a utilização de seus símbolos, dentre eles o uso frequente da bandeira de Israel. Essa aproximação, ao mesmo tempo que pode causar estranheza por se tratar de um governo de extrema-direita, traz também uma dificuldade de perceber o cunho antissemita desse discurso “filossemita”. Assim, o objetivo da análise foi identificar os elementos que caracterizam a aproximação de Bolsonaro dos judeus brasileiros e sua instrumentalização com finalidade política e ideológica. A partir da Análise de conteúdo, desenvolvido por Bardin (2011), foi possível estruturar as categorias de análise e coletar o material necessário. Dos resultados coletados, foi extraída certa documentação de tais instrumentalizações, porém parte delas carecem de exposição de problematização destes elementos.

Palavras-Chave: Antissemitismo; Comunicação; Bolsonarismo; Extrema Direita; Análise de conteúdo.

MORALES, Hannytta Medici. Analysis of press coverage on the instrumentalization of Jews in Brazil by Jair Messias Bolsonaro. 2025. Dissertation (Academic Master's in Communication) – FAAC – UNESP, under the advisement of Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura. Bauru, 2017.

ABSTRACT

This research aimed to examine press coverage of the exploitation of Brazilian Jews during the Bolsonaro administration. Twenty-three reports published in two national media outlets: Folha de S. Paulo and the G1 portal were selected for analysis. The research hypothesis was based on the assumption that, since the then-presidential candidate's campaign, there has been a clear nod to the Jewish community and the use of its symbols, including the frequent use of the Israeli flag. This approach, while perhaps surprising given the far-right administration, also makes it difficult to discern the anti-Semitic nature of this "philo-Semitic" discourse. Thus, the objective of the analysis was to identify the elements that characterize Bolsonaro's outreach to Brazilian Jews and their exploitation for political and ideological purposes. Using content analysis, developed by Bardin (2011), it was possible to structure the categories of analysis and collect the necessary material. From the results collected, certain documentation of such instrumentalizations was extracted, however some of them lack exposure of the problematization of these elements.

Keywords: Antisemitism; Communication; Bolsonarism; Far Right; Analysis Content

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Beatrix Von Stoch na sala de Eduardo Bolsonaro em 2021. É possível visualizar uma bandeira de Israel na mesa	18
Imagem 2 - Protesto realizado por jovens judeus na frente da Hebraica, no Rio de Janeiro	28
Imagem 3 - Cópia de uma resposta de um usuário no X (antigo Twitter) em uma publicação do Instituto Brasil-Israel. Usuário anonimizado por razões legais	29
Imagem 04 - Reprodução da postagem de Roberto Jefferson em 2021 em seu perfil de Instagram	34
Imagem 05 - Caso de antissemitismo na Universidade Federal de Santa Catarina	35
Imagem 06 - Edir Macedo durante o culto utilizando uma kipá e um talit, com a tábua dos Dez Mandamentos ao fundo	40
Imagem 07 - Atos pró-Bolsonaro, 2020	50
Imagem 08 - Flávio Bolsonaro (esq.) e Eduardo Bolsonaro (dir.) vestindo respectivamente uma camiseta do Mossad (Serviço de Inteligência Israelense) e da Israeli Defense Forces	51
Imagem 09 - Mussolini (dir.) e Bolsonaro (esq.) durante motocicletas	53
Imagem 10 - Joseph Goebbels (Ministro da Propaganda de Hitler) e Roberto Alvim (Secretário de Comunicação de Bolsonaro, em 2019, em anúncio de financiamento de projetos culturais	53
Imagem 11 - Propaganda da SECOM do Governo Bolsonaro, 2020	54
Imagem 12 - Frame de vídeo mostra a pastora evangélica Damare Alves, Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, dizendo que “menino veste azul, menina veste rosa”, com a bandeira de Israel ao fundo	107
Imagem 13 - Jair Bolsonaro recebe manifestantes na rampa do Palácio do Planalto, em protesto contra o Congresso e o STF	115
Imagem 14 - Almoço entre Jair Bolsonaro e o Embaixador Yossi Shelley, em 2019, com lagostas nos pratos borrradas	117
Imagem 15 - Debate sobre a questão israelo-palestina em reunião do Conselho de Segurança da ONU em Nova Iorque	121
Imagem 16 - O Embaixador palestino no Brasil, Ibrahim Alzeben, em Brasília	123
Imagem 17 - O presidente Jair Bolsonaro durante evento no Palácio do Planalto	124
Imagem 18 - Michelle Bolsonaro publicou foto após votar no segundo turno, neste domingo (30), em Ceilândia, no DF	126
Imagem 19 - O presidente Jair Bolsonaro	127
Imagem 20 - Bolsonaro foi recebido em Tel Aviv pelo premiê israelense Benjamin Netanyahu	129
Imagem 21 - O presidente Jair Bolsonaro e o Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, durante declaração conjunta à imprensa neste domingo	131
Imagem 22 - O presidente Jair Bolsonaro e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, durante visita à sinagoga no Rio de Janeiro	133
Imagem 23 - Jair Bolsonaro na Marcha para Jesus	134
Imagem 24 - O presidente Jair Bolsonaro, ao lado da Bispa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo; o senador Major Olímpio (PSL-SP) também participa da Marcha para Jesus	135
Imagem 25 - Fiéis curtem shows de música gospel na Marcha para Jesus de São Paulo	136
Imagem 26 - Fiéis acompanham shows da Marcha para Jesus na Praça Heróis da FEB em São Paulo	137
Imagem 27 - O governador João Dória, ao lado de Estevam Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo, na Marcha para Jesus	137
Imagem 28 - Fiéis participam da Marcha para Jesus em São Paulo	138
Imagem 29 - Sheila (de verde) com a filha Agnes e os netos na Marcha para Jesus	139

Imagem 30 - Fiéis acompanham shows da Marcha para Jesus de São Paulo	140
Imagem 31 - Cantora gospel Aline Barros se apresenta na Marcha para Jesus 2019 em São Paulo	140
Imagem 32 - Sidney Batista e Geisa Moraes com um casal de amigos na Marcha para Jesus	141
Imagem 33 - Milhares de fiéis participam da Marcha para Jesus em São Paulo	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de reportagens selecionadas para análise	66
--	----

SUMÁRIO

Introdução	16
1. Judeus brasileiros no século XXI em face à ascensão da extrema-direita	22
1.1. Quem são os Judeus e os Sionistas, quando falamos de Judeus e Sionistas	23
1.2. Abril de 2017: passagem de Bolsonaro pela Hebraica do Rio de Janeiro, o racha na “comunidade judaica” e o prelúdio do debate sobre antissemitismo no Brasil no século XXI	27
1.3. Antissemitismo no Brasil? Um panorama geral a respeito do antissemitismo no Brasil, e porque ele é um tema tão atual	30
1.4. Novas formas de antissemitismo? Tentativas de teorizar o antissemitismo hoje	36
1.5. Novas formas de antissemitismo e a instrumentalização por parte dos evangélicos	39
2. Fascismo e antissemitismo na era das redes: mudanças na estrutura comunicacional	45
2.1. Sociedade em redes	47
2.2. O fascismo na ótica da sociedade midiaticizada: a ascensão bolsonarista, usos dos discursos pautados nos afetos e a adesão da sociedade ao discurso bolsonarista	50
2.3. Jornalismo na era da internet	60
2.4. Papel do jornalismo no combate ao antissemitismo: o estudo de caso da Folha de S. Paulo e do G1	63
3. Metodologia	65
4. Análise	70
4.1. Apropriação da imagem do judeu imaginário por Jair Bolsonaro	70
4.2. Influência de Donald Trump e dos evangélicos na guinada pró-Israel	79
Considerações finais	86
Referências bibliográficas	89
Anexos: Íntegra das reportagens analisadas	97

INTRODUÇÃO

Em um determinado momento em que navegava pela internet, coloquei um vídeo de uma produtora de conteúdo literário para ouvir enquanto fazia outras coisas. O vídeo em questão tratava a respeito da “cultura do cancelamento” e sobre o eterno dilema se deveríamos separar o autor da obra, a partir dos recentes acontecimentos envolvendo a Editora Todavia¹. Mas o que isso teria a ver com o projeto que me propus a desenvolver, e o trabalho apresentado aqui?

Ao listar exemplos de autores consagrados, e suas atitudes minimamente execráveis pelas lentes de hoje, é mencionado o antissemitismo presente nas obras de William Shakespeare para as quais, segundo a *Booktuber*², “certamente haveria notas de repúdio” se fossem publicadas atualmente.

Talvez seja fácil perceber o processo de desumanização de um grupo quando olhamos para trás. Mas e quando estamos vivenciando este processo? Depois de estar alguns anos inserida dentro do campo dos estudos judaicos, passando por perspectivas diferentes dentro desta área, o antissemitismo sempre foi um tema que esteve presente sob todas as óticas. Nos últimos três anos, venho me dedicando exclusivamente aos estudos sobre antissemitismo, e, por isso, além de desacreditar que os ataques de antissemitismo *hoje*, sofreriam qualquer tipo de represália pública, também sei que estes não são facilmente percebidos.

Digo isso não porque *acho*. Prisioneiros liberados dos campos de concentração de Buchenwald criaram um slogan, que seria popularizado anos mais tarde pela Jewish Defense League: “Never again”. E após oitenta anos da libertação dos campos de concentração nazistas, nós estamos aqui. De novo. E continuaremos estando.

Quando tratamos de uma pesquisa vinculada diretamente ao tempo presente, mesmo que haja uma delimitação temporal, a vida acontece. Quando submeti a proposta da pesquisa que originou esta dissertação, no ano de 2022, os ataques de antissemitismo já estavam numa crescente, como veremos ao longo do trabalho.

¹ Em janeiro de 2025, durante um programa da Rádio Novelo chamado “CPF na Nota”, Vanessa Barbara, ex-esposa do sócio-fundador da editora Todavia, André Conti, denuncia as violências psicológicas vivenciadas ao longo de seu casamento com Conti.

² Termo utilizado para se referir a produtores de conteúdo literários no Youtube.

No primeiro ano de mestrado, considerando a derrota eleitoral de Bolsonaro, pensei que talvez não fizesse sentido tratar o antissemitismo como assunto principal. Dessa forma, readequiei meu projeto pensando em focalizar a aproximação de Bolsonaro com a extrema direita, levando em conta eventos como ministros fazendo gestos de supremacia branca, parafraseando slogan e ministros nazistas, dentre outras coisas. O que não estava dentro do meu cronograma e interesse de pesquisa, porém, foi o que se sucedeu depois de 7 de outubro de 2023.

Em um mês, os ataques de antissemitismo aumentariam drasticamente, mais do que já estariam aumentando. Na Europa, propriedades judaicas foram depredadas. Willem-Alexander, rei da Holanda, em um determinado momento, admitiu falhar ao impedir ataques aos judeus³. Em outras palavras, o que acabou culminando o slogan “Never again” se repetiu na Europa oitenta anos depois.

Durante quatro meses, não me sentiria mais à vontade em não abordar o antissemitismo em minha pesquisa. Em fevereiro de 2024, com a manifestação bolsonarista a favor de Israel, tive o que me pareceu o “momento adequado” para dar um passo para trás, e reconstruir o projeto novamente, resgatando o que me motivou a ingressar no programa de Pós-graduação.

O início de meu interesse pela abordagem deste tema se deu em maio de 2021, após as manifestações de solidariedade ao povo palestino na cidade de São Paulo, por conta do confronto entre palestinos e a polícia israelense, referente a uma decisão da Suprema Corte Israelense sobre os despejos de famílias palestinas no bairro de Sheikh Jarrah, localizado na região de Jerusalém Oriental.

Longe de ser algo ilegítimo, o que chamou a atenção naquele momento foram os locais escolhidos pelos manifestantes para realizarem seus atos. Foram eles: o bairro de Higienópolis em São Paulo, conhecido bairro nobre da capital, onde residem muitas famílias judaicas, e uma agência do Banco Safra na Avenida Paulista. Que tipo de imaginário a escolha de um bairro nobre e um banco, ao invés de um Consulado, reforça? Como poderíamos relacionar os moradores de um bairro em São Paulo, ou clientes de um banco brasileiro, ao que acontece em fronteiras distantes das nossas?

³ Rei holandês admite falha ao não impedir ataques a judeus. Após violência em Amsterdã, Willem-Alexander promete reforçar segurança. O antagonista. 8 de novembro de 2023. Disponível em < <https://oantagonista.com.br/mundo/rei-holandes-admite-falha-ao-nao-impedir-ataques-a-judeus/> >. Acesso em 25. mar. 2025.

Dois meses mais tarde, a família Bolsonaro recebeu uma comitiva de deputados de Extrema-Direita Alemã, com destaque a Beatrix Von Storch (neta do Ministro de finanças de Adolf Hitler). Como era de se esperar, isso acabou repercutindo nas redes sociais. Houve, no entanto, certos tipos de postagens realizadas - em especial no X (antigo Twitter), que chamaram a atenção.

Postagens no estilo “O Clube Hebraica, que recebeu tão calorosamente o Bolsonaro, durante a campanha eleitoral, já se pronunciou sobre ele ter recebido a deputada, da extrema-direita alemã, e neta de um ministro do Hitler?”(sic, Anônimo 1, Twitter, 2021), e outros, que faziam alusões dando a entender que Judeus em sua totalidade votaram em Bolsonaro, foram frequentes.

Imagem 1 - Beatrix Von Storch na sala de Eduardo Bolsonaro em 2021. É possível visualizar uma bandeira de Israel na mesa



Fonte: Revista Fórum.

A diversidade da comunidade judaica também foi negada, quando houve manifestações de organizações judaicas contra posicionamentos vindos da então gestão bolsonarista. Muitos dos comentários ironizavam dizendo que os judeus “estariam descobrindo que Bolsonaro era nazista”.

Estes foram apenas alguns exemplos do que aconteceria ao longo de todo o mandato de Bolsonaro - e até o momento da escrita desta dissertação -, indo além do mandato: Judeus no centro do debate, tendo suas identidades homogeneizadas,

vinculados de alguma forma a um governo de Extrema-Direita e detentores de grandes acúmulos de dinheiro.

Inicialmente, nosso projeto se propunha a estudar a dinâmica dos ataques antissemitas nas redes sociais. O que nos chamou a atenção, de primeira, foram as diferenças de disseminação de antissemitismo até o século passado, com os dias atuais. Perguntas como “e se Hitler tivesse acesso ao twitter?” nos eram frequentes. Mesmo que não tenhamos nos aprofundado especificamente sobre este tema, percebemos que a vivência de uma sociedade midiaticizada acarreta impactos severos em relação à disseminação de ódio.

Contudo, o projeto de pesquisa foi tomando outras formas até chegar ao formato em que foi desenvolvido: a cobertura jornalística a respeito da instrumentalização de Jair Messias Bolsonaro sobre os judeus brasileiros. Não tenho formação em Jornalismo, e consequentemente, meu repertório foi sendo construído ao longo do mestrado. Por certo, existem pessoas muito mais qualificadas, e com um interesse maior do que eu para tratar deste assunto, desta forma. Mas, levando em consideração os tempos em que vivemos, talvez a melhor pessoa seja aquela que *faça*.

E ainda sobre o tempo em que vivemos: parece que os pesquisadores do campo dos Estudos Judaicos (não só especificamente sobre o antissemitismo), precisam estar se justificando sobre algo que não deveriam. O que eu quero dizer com isso? Quando decidimos tratar da cobertura jornalística sobre a instrumentalização de judeus brasileiros por Jair Messias Bolsonaro, não estamos nos referindo ao que acontece em Gaza, às decisões de Benjamin Netanyahu ou aos ataques islamofóbicos que são dirigidas às pessoas muçulmanas.

O que nos cabe aqui é falar do que sabemos, a partir do recorte proposto. Dessa forma, acreditamos que é relevante lembrar que a construção e organização deste referencial teórico partiu das leituras de uma pesquisadora que, mesmo inserida no campo dos estudos judaicos há dez anos, com um repertório sendo construído a partir do Cinema, História, Religião, Filosofia, questões ligadas ao antissemitismo propriamente dito, é, antes de tudo isso, uma pessoa não judia, porém com um profundo interesse pelo assunto.

Sobre a estrutura deste trabalho: foram desenvolvidos dois capítulos de cunho teórico, um a respeito da metodologia utilizada e, por fim, o capítulo dedicado

às análises propriamente ditas. As reportagens selecionadas como amostra de pesquisa estão como Anexos ao fim do trabalho.

Ao longo do primeiro capítulo, descrevemos o grupo social que estamos estudando, demonstrando que a vivência judaica é plural, mesmo em um território delimitado. Essa construção identitária diversa dos judeus impacta também na escolha da terminologia mais adequada para falar sobre este grupo; assim, buscamos justificar por que optamos por não usar a categoria “comunidade” para nos referirmos aos judeus brasileiros, ou, quando a usamos, fazemos com aspas, a partir da perspectiva de Bauman (2003).

Em seguida, tratamos a respeito da ida de Jair Bolsonaro ao clube Hebraica do Rio de Janeiro, ponto crucial para o início do debate que nos propomos na pesquisa: contradição de um discurso filossemita, se apropriando de elementos de um grupo social minoritário, ao mesmo tempo em que há um discurso abertamente antissemita e de extrema direita.

Observando o cenário atual, acreditamos que é necessário estabelecer delimitações o mais claras possíveis sobre o que é ou não antissemitismo, atrelando o tema com a realidade mais ampla, mas principalmente inserida na realidade brasileira.

Nesse sentido, abordamos um movimento bastante particular a respeito da instrumentalização de artefatos judaicos, muito presente em setores (neo)pentecostais. Esse movimento, como aprofundamos no capítulo inicial, se dá inicialmente por conta da necessidade de um “reavivamento das origens” (Chagas, 2023; Reinke, 2025). A partir disso, destacamos uma “nova forma” de antissemitismo, que consiste em um discurso aparentemente filossemita, baseado na admiração por um judeu (ou até Israel) que não existe na realidade.

No segundo capítulo nos debruçamos sobre as mudanças comunicacionais, contemporâneas da ascensão do antissemitismo e de um discurso conservador pós 2008, e também sobre a importância das plataformas digitais de socialização para disseminar discursos e pautas, discriminatórias e de ódio inclusive.

Descrevemos como o processo comunicacional mudou ao longo dos anos, deixando de ser de “poucos para muitos” se tornando de “muitos para muitos”. Essa mudança, como veremos, impacta por exemplo, a forma de fazer jornalismo, devido ao excesso de informação.

No terceiro capítulo, oferecemos um panorama sobre a metodologia adotada (Análise de Conteúdo), aplicada ao contexto da pesquisa. Estabelecemos os parâmetros para a escolha das categorias de análise, a catalogação das reportagens, e demonstramos como foram formuladas as hipóteses que guiaram as análises e suas interpretações.

Por fim, o último capítulo é dedicado às análises, e foi dividido em dois momentos, um para cada categoria. O primeiro momento se refere às apropriações dos usos de símbolos/instrumentalização dos judeus brasileiros, e em segundo tratamos a respeito da influência de Donald Trump e da bancada evangélica na movimentação do governo de Jair Bolsonaro.

Para isso, unindo a teoria com a prática, selecionamos alguns fragmentos das reportagens estudadas, para analisar a cobertura jornalística sobre tal instrumentalização.

1. Judeus brasileiros no século XXI em face à ascensão da extrema direita

O ato de produzir conhecimento a partir da noção da “história do tempo presente”, a respeito de um tema ainda pouco frequente no campo da Comunicação, se apresenta como algo desafiador. Desde a ascensão de Jair Messias Bolsonaro como possível e, logo depois, efetivo candidato à Presidência da República, o que vem se discutindo aos poucos no campo dos Estudos Judaicos é a percepção de novas formas de antissemitismo.

Muito provavelmente, nos encontramos em um cenário bastante peculiar - ou não tanto - a respeito de questões em torno da identidade judaica, em especial no Brasil, e sobre o antissemitismo. Temos como marco a ida de Bolsonaro ao clube Hebraica do Rio de Janeiro⁴, no ano de 2017, evento que se torna um ponto fundamental para debater diversos assuntos, dentre eles: a construção da identidade judaica brasileira, associada a uma possível “branquitude”, a construção do antissemitismo dentro do bolsonarismo, e a exteriorização das posições de um candidato de extrema direita em um clube judaico.

As manifestações de antissemitismo que podem ser observadas na atualidade, infelizmente, não se tratam de algo inédito. Entende-se aqui o antissemitismo como um ódio que estava adormecido, e aparece em contextos “oportunos”, como crises políticas. A particularidade que nos interessa aqui, muito presente nas manifestações bolsonaristas, ou de extrema direita, é a disseminação de ideias antissemitas a partir de um discurso filossemita⁵.

Em uma perspectiva talvez até um pouco similar, a citação utilizada por Kohatsu, poderia se enquadrar neste contexto. Ao tratar a respeito da discriminação de pessoas de origem asiática, o autor diz que

⁴ Em três de abril de 2017, uma segunda-feira, Jair Bolsonaro foi recebido na Sociedade Cultural, Esportiva e Recreativa Hebraica (ou ainda Clube Hebraica, ou apenas Hebraica) no Rio de Janeiro, para uma conversa com parte da “comunidade judaica” carioca. Na ocasião, durante sua palestra, Bolsonaro afirmou que, em um possível mandato seu com presidente do Brasil, “não haveria nem um centavo para demarcar terras indígenas”, e atacou também comunidades de quilombo, dizendo que “nem para procriar” os quilombolas serviriam mais. Durante sua permanência na Hebraica, ele foi efusivamente aplaudido por uma plateia de 300 pessoas, enquanto do lado de fora um significativo número de judeus e judias protestavam contra sua presença. Tanto o discurso quanto a reação a ele foram amplamente divulgados pela mídia na época.

⁵ Conceitualmente, adotamos aqui o filossemitismo como uma forma de “admiração” aos judeus, mas não uma admiração direcionada a um grupo como um todo, mas sim, uma admiração pelas expectativas criadas por este grupo.

A ausência de discriminação não significará necessariamente a ausência de preconceito, pois sob certas condições, como em sociedades mais democráticas, o preconceito poderá se manter encoberto, enquanto em circunstâncias com o predomínio de um clima autoritário, em que a perseguição às minorias é encorajada, a manifestação poderá ser francamente explícita e declarada. (Kohatsu, 2021, p. 128)

Este primeiro capítulo tem por objetivo a construção teórica e contextual a respeito do que vem sendo discutido dentro do campo dos estudos judaicos, visando estabelecer uma temporalidade capaz de demonstrar o avanço de algumas ideias extremistas, como no caso do antissemitismo. A partir dessas diretrizes, foi possível direcionar um olhar mais crítico a respeito da construção de análises das reportagens selecionadas.

1.1. Quem são os Judeus e os Sionistas, quando falamos de Judeus e Sionistas?

“Onde há dois judeus, há três opiniões”

Provérbio Judaico

Nós judeus somos incapazes de concordar com qualquer frase que comece com as palavras ‘nós judeus’

Amós Oz

A construção desta pesquisa se sustentou a partir de algumas dificuldades, e é importante fazer esse registro. A primeira delas é o que se tentará produzir neste primeiro subtópico: como podemos nos referir a um grupo que, apesar de numericamente pequeno aqui no Brasil, é complexo e plural? É possível, pelo menos em língua portuguesa, encontrarmos uma terminologia adequada para se referir aos judeus do Brasil? Será que o termo “comunidade” daria conta de definir este grupo?

A definição do termo comunidade, conforme proposto por Bauman (2003), é perpassada por diversas camadas. Trabalhamos aqui a partir de uma definição nas dimensões do “imaginário” e do “real”. No âmbito do imaginário, temos a comunidade como um lugar onde poderíamos nos sentir acolhidos e seguros. Conviveríamos bem com as diferenças entre as pessoas, com discussões amigáveis. Por outro lado, a

comunidade real exigiria lealdade incondicional, obediência em troca dos serviços prestados como segurança, proteção e outros.

A decisão de ter ou não uma comunidade organizada, ou pertencer a uma, anda paralelamente com a ideia de renunciar à sua segurança ou à sua liberdade, sendo o ideal o equilíbrio entre as duas coisas. Quando pensamos a respeito da construção de uma unidade, temos que considerar as diversas “influências que podem causar fissuras na comunidade, e hoje, o que mais se destaca, é a sociedade em rede” (Bauman, 2003, p. 18-9). A sociedade hoje acaba evidenciando os limites das pessoas que estão “dentro” com as de “fora”. A unidade deve ser construída a partir da separação e da exclusão da homogeneidade, como vemos em “a comunidade de entendimento em comum, mesmo se alcançada, permanecerá, portanto, frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa” (Bauman, 2003, p. 19).

Em seu livro, Bauman (2003) traz a ideia de Jack Young, segundo a qual “precisamente quando a comunidade entra em colapso, a identidade é inventada”. Dessa forma, a identidade se torna a nova comunidade. “‘Identidade’ significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular” (Bauman, 2003, p 21)

Dentro desta noção de “unidade” que envolve a noção de “comunidade”, talvez seja um ponto de partida para desconsiderar, ou no mínimo problematizar, a ideia de se referir aos judeus, não só os judeus brasileiros, enquanto “comunidade”. Isso, como buscamos demonstrar ao longo do capítulo, porque a vivência de sua judeidade é singular, dificilmente podendo ser unificada.

Em relação a uma melhor forma de se referir aos judeus (brasileiros), Reinke (2025), ao abordar este grupo, se utiliza do termo “comunidades”, tentando contemplar essa pluralidade. No entanto, neste trabalho optamos por nos referir aos sujeitos de pesquisa sem utilizar a terminologia “comunidade”, adotando apenas “judeus brasileiros”⁶.

Na contramão do que o antissemitismo pretende - implementar características em cima de um grupo como um todo - pretende-se aqui discorrer a respeito da “definição” da identidade judaica, e consequentemente o sionismo, na tentativa de demonstrar a pluralidade dos sujeitos de pesquisa que está na origem da presente dissertação.

⁶ Nas vezes em que utilizamos “comunidade judaica”, sempre a situamos entre aspas.

Usamos “definição” entre aspas, pois entendemos que conseguir definir a judeidade de alguém é algo desafiador, mesmo para as pessoas que se dedicam ao campo dos estudos judaicos por anos. Talvez, como constatamos aqui, não haja *realmente* uma resposta única para a pergunta “Quem são os judeus?”.

A necessidade de se buscar uma conceituação a respeito da identidade judaica pode ser caracterizada pelo advento da modernidade, visto que, em tempos anteriores, isto não era necessariamente uma questão (Sorj, 2024). Contudo, o que pode ser observado, em diferentes períodos históricos, é a praticamente imutável necessidade de a judeidade do judeu ser camuflada.

Se argumentamos que não existe um consenso sobre a definição da identidade judaica, e apontamos que há diversas formas de se compreender o sionismo, por que ainda assim dedicar um subcapítulo ao tema? Entendemos que, se propomos formas de compreender as manifestações de ódio direcionadas à “comunidade judaica” (e demonstramos que o antissemitismo atinge a coletividade, independentemente de sua pluralidade), é necessário antes tentar compreender e definir quem são essas pessoas.

Além de ser uma tentativa de encontrar a terminologia mais adequada para se referir ao grupo, respeitando sua diversidade, da mesma forma que foi apresentado pela pesquisa de Kogan, o objetivo deste tópico é

mostrar para onde estamos caminhando quando o judaísmo é questionado e o que as suas diversas definições, ao longo dos últimos duzentos anos, nos trazem de concreto para entendermos o que o judaísmo representa para o objeto da presente pesquisa. (Kogan, 2018, p. 21)

Judeus Askenazi⁷, Sefaradi⁸, Mizrahim⁹, judeu diaspórico. Mas que diáspora? Judeu no sentido étnico ou religioso? Qual contexto histórico? O entendimento do ser judeu vem se transformando ao longo da história. Isso significa que, o modo como o judeu se entende hoje, na Alemanha, é completamente diferente do que seus antepassados compreendiam sobre si nos séculos anteriores, por exemplo. Assim como Kogan (2018) em sua pesquisa, se torna necessário questionar sobre qual judaísmo e de que período temporal estamos falando.

⁷ Judeus provindos da região da Europa Central e Oriental.

⁸ Judeus provindos da Península Ibérica

⁹ Judeus provindos do Oriente Médio, Norte da África e Ásia Central.

Ao observar o recorte temporal desta pesquisa, e do contexto brasileiro, tratamos aqui de filhos, netos e até bisnetos de sobreviventes do Holocausto, ou de pessoas que fugiram antes da instauração da Segunda Guerra. Falamos de sujeitos que já estão inseridos na sociedade brasileira, com bagagens diversas, e para os quais, muitas vezes durante décadas, a judeidade nunca foi, de fato, uma questão. Até a ascensão de uma crise.

Em sua pesquisa, Kogan (2018) mostra que o judaísmo/judeu pode ser compreendido por um leque de ideias: do sentido cultural, idiomático ou religioso. O judeu pode, muitas vezes, ser educado dentro de uma ideia de secularidade e depois sentir necessidade de buscar suas raízes.

Tal como aponta Klein (2022, p.12) na escrita do prefácio ao ensaio de Gherman, intitulado “O não judeu judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo”, “Não presumiremos uma definição ‘fixa’ de judeus, entendendo judeus como partes integrantes das sociedades onde vivem”.

Destacamos que, neste trabalho, tratamos o antissionismo como uma forma de antissemitismo, e portanto, nada mais justo do que desenvolver, mesmo que brevemente, alguns apontamentos conceituais sobre o movimento sionista, estabelecendo uma contextualização histórica.

O movimento sionista surge muitos anos antes do momento convencionado historicamente, a partir das ideias do considerado “pai” do movimento de autodeterminação do povo judeu, Theodor Herzl. Uma das correntes a respeito indica que o sionismo seria uma resposta à Revolução francesa, tendo como idealizadores iniciais os rabinos Kalisher, Alkalay e Gutmacher¹⁰ (Bergman, 2005).

O principal ponto de estruturação do movimento foi a “recusa de aceitar um processo de redenção (Gueulá) que ocorresse de maneira natural” (Bergman, 2005, p. 21). Em outras palavras, o movimento sionista acreditava em um papel ativo dos judeus, ao invés de aguardar uma vinda messiânica, para construir um lar nacional.

Da mesma forma que os judeus são plurais, isso se aplicaria também em relação ao desenvolvimento do movimento sionista, e a aderência ou não por parte dos judeus. Algumas das formas de se compreender o sionismo são o Sionismo Religioso (fundado pelos rabinos já citados), e o movimento Sionista Político (ou laico, mais associado à Herzl).

¹⁰ A título de nota, os rabinos viveram entre o final de 1795 até 1895. Theodor Herzl nasceu em 1860.

Uma das respostas ao movimento sionista, por exemplo, foi a assimilação total dos judeus na diáspora, como uma forma de se combater o antissemitismo (Bergman, 2005). Isso, no entanto, não se mostrou como uma boa solução, visto o Caso Dreyfuss¹¹ na França, no final do século XIX.

Pontuar aqui o desenvolvimento histórico do Sionismo, e como isso teria impactado o estabelecimento do Estado de Israel ao longo dos anos, bem como as formas de percepção de judeus em diversos países, embora não seja o foco deste trabalho, é importante para compreender as análises que desenvolvemos nos capítulos seguintes a respeito não só do antissemitismo, mas das apropriações e distorções sobre Israel, judaísmo e a constante deslegitimação da existência do Estado de Israel - algo que não se verifica em relação a outros países.

1.2. Abril de 2017: Passagem de Bolsonaro pela Hebraica do Rio de Janeiro, o racha na “comunidade judaica” e o prelúdio do debate sobre o antissemitismo no Brasil no século XXI

A ida de Bolsonaro ao Clube Hebraica, do Rio de Janeiro, no dia 03 de abril de 2017, ficaria marcado como ponto de partida para os debates sobre antissemitismo e de extrema-direita na atualidade. Ainda antes deste evento, em fevereiro do mesmo ano, Bolsonaro faria uma apresentação no Clube Hebraica de São Paulo, cancelado após protestos de associados. O que é relevante aqui é o fato de Bolsonaro se utilizar de um clube judaico para se assumir enquanto um político de extrema direita.

Como bem lembram Gherman e Klein (2021, p. 112), a repercussão da palestra de Bolsonaro não se restringiu apenas aos limites da comunidade Judaica, mas foram para além delas. Segundo os autores, “essas repercussões podem ser parcialmente explicadas justamente pela ampla divulgação das gravações de áudio e vídeo do discurso que Bolsonaro fez naquela ocasião”.

A partir daí, os judeus brasileiros como um todo acabaram sendo colocados no centro do debate a respeito do processo de radicalização do discurso político no

¹¹ O caso Dreyfuss foi o primeiro caso de antissemitismo registrado na modernidade. Dreyfuss vem de uma família assimilada (tal como Theodor Herzl), foi preso injustamente durante anos, por supostamente ter colaborado com a Alemanha. Herzl, que trabalhava como jornalista, foi responsável por cobrir o caso de Dreyfuss durante o ocorrido. Foi a partir desse impacto, de que a assimilação não salvaria os judeus do antissemitismo, que Herzl tomou a frente em se criar um Estado Judeu.

país. É nesse momento que acontece um processo que, nos termos de Gherman e Klein (2021), é conhecido como “conversão e desconversão” da comunidade judaica.

Imagem 2 - Protesto realizado por jovens judeus na frente da Hebraica, no Rio de Janeiro



Fonte: Ramon Aquim/Mídia NINJA

Como ficou amplamente registrado à época, sempre que parcela das instituições ou personalidades associadas à “comunidade judaica” se posicionava contra o então presidente, seja por conta da utilização da bandeira israelense, ou pela recepção à delegação de deputados de extrema-direita alemã, esses posicionamentos passaram a ser desacreditados nas mídias sociais, especialmente em redes sociais e grupos de mensagens instantâneas.

Imagem 3 - Cópia de uma resposta de um usuário no X (antigo Twitter) em uma publicação do Instituto Brasil-Israel. Usuário anonimizado por razões legais



Acervo Pessoal

Em outras palavras, como trataremos mais adiante, se por um lado os judeus foram vistos, de forma geral, como coniventes e apoiadores do discurso bolsonarista,

por outro, aqueles que se posicionaram contrariamente a Bolsonaro, passaram a ser deslegitimados. Dessa forma, temos a institucionalização do que ficou cunhado como “judeu imaginário”, conceito elaborado por Gherman¹² em seu ensaio citado, e que passou a ser importante categoria analítica para os estudos judaicos e de extrema direita.

A rememoração da ida de Bolsonaro ao clube Hebraica do Rio de Janeiro é o ponto de partida para que possamos compreender os diversos recortes do antissemitismo hoje.

1.3. Antissemitismo no Brasil? Um panorama geral a respeito do antissemitismo no Brasil, e porque ele é um tema tão atual

A dificuldade de definir claramente o que é ou não antissemitismo vem se tornando um problema amplificado na atualidade. Mesmo que na prática, a estrutura do antissemitismo em 2025 não seja muito distante do que se entende por antissemitismo “clássico”, como o que está presente nos “*Protocolos dos Sábios de Sião*”¹³ por exemplo, as “estruturas do discurso” atuais podem passar despercebidos por aqueles que pouco conhecem o debate relacionado ao tema.

Isto é, como se pode afirmar que o aceno à Israel, o uso das bandeiras deste país e o anúncio feito por Bolsonaro a respeito da transferência da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, são formas de antissemitismo? Afinal, ele estaria realizando um movimento que poderia ser de agrado aos judeus, e assim, não seria antissemitismo.

Embora coerente à primeira vista, propomos que a questão seja pensada sob outra perspectiva, a partir de movimentos feitos pelo então presidente com representantes de outros grupos: mesmo tendo uma “proximidade” com figuras como Sérgio Camargo (Ex-Fundação Palmares) e Hélio “Negão” (PL), algumas das falas de Bolsonaro não se tornaram menos racistas, da mesma forma que a nomeação de

¹² Embora no Brasil o conceito de “judeu imaginário” seja creditado recentemente a Gherman, um dos mais relevantes trabalhos a respeito é a obra “*Le Juif imaginaire*”, de Alain Finkielkraut, publicado na França em 1983. Nela, o autor fala sobre o “judeu real” e o “judeu imaginário”, situando sua condição social de judeu na Europa x o que pensavam dele os que o cercavam. O aprimoramento feito por Gherman, para o contexto brasileiro, é de grande importância contemporânea.

¹³ Livro clássico, de cunho antissemita, publicado no início do século XX, no Leste europeu. Escrito em forma de atas de uma suposta reunião entre líderes judeus, que teria como finalidade a “dominância global pelos judeus”. Disponível em <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/protocols-of-the-elders-of-zion>> . Acesso em 17. Mar. 2025.

Dameres Alves (Republicanos) para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (extinto em janeiro de 2023) não o tornou menos machista, e nem a “proximidade” e “simpatia” com Agustin Fernandes (maquiador de sua esposa Michelle), o tornaria menos homofóbico.

A seguir, buscamos expor o caráter problemático do que tomamos aqui como instrumentalização de elementos judaicos, e mostrar uma forma de antissemitismo muito particular dentro da gestão bolsonarista: o uso do discurso aparentemente filossemita.

Durante os anos 1930-1940, que coincide justamente com o período da ascensão do nazismo, o início da Segunda Grande Guerra, e o notório alinhamento da então gestão de Gaspar Dutra e Getúlio Vargas com a Alemanha nazista, teria um grande impacto, por exemplo, na entrada de judeus no Brasil. Mesmo que estes governos tivessem membros cujas imagens construídas como “salvacionistas”, como o caso do Ex-Chanceler Oswaldo Aranha, conhecido por estar envolvido na criação do Estado de Israel, essa concepção faz parte de uma “tradição inventada, com interesses políticos e pessoais” (Carneiro, 2012, p. 80).

Outro ponto a ser considerado em relação ao processo de migração judaica durante a Segunda Guerra Mundial, apontado por Carneiro (2012), é que a ajuda ofertada a esses migrantes partiu dos próprios judeus já estabelecidos no país. Ao mesmo tempo, durante as gestões de Vargas e Dutra, houve circulares secretas de teor antissemitas, entre 1937 e 1948, de forma a impedir a concessão de vistos aos judeus refugiados e sobreviventes dos campos de concentração.

Outro exemplo em relação ao antissemitismo aqui no Brasil está ligado à Revisão Editora, que existiu entre os anos de 1987 até 2003. A editora fundada por Siegfried Ellwanger Castan (que tinha o pseudônimo de S.E. Castan), em Porto Alegre, tinha como principais temáticas o revisionismo histórico dos fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, textos de cunho nazistas, e um antissemitismo, muitas vezes, não explícito (Jesus, 2006).

Após a atuação do poder público, houve uma tentativa por parte da editora em camuflar o caráter racista de suas publicações. Mesmo assim “quanto mais Castan tentava dissimular suas intenções, mais claras e explícitas acabava por torná-las” (Jesus, 2006, p. 16). Uma das soluções para o “problema” de Castan foi utilizar a ideia do antissionismo como escudo para os seus discursos antissemitas.

Esse uso do antissionismo como escudo podemos exemplificar com o texto de Castan “Acabou o gás!” (1989), onde o autor define os sionistas como “difamadores e enganadores da humanidade” e em “Hitler: Culpado ou inocente?” de Sérgio Oliveira (1990), onde o autor afirma que os sionistas teriam sacrificado os judeus em prol de um ideal maior (Jesus, 2006, p. 95).

Como aponta Cruz (1997 apud Jesus, 2006), o sionismo para Castan é distorcido do seu real significado, e passa a ser associado com uma política de conspiração mundial. A utilização da ideia de sionismo como forma de acobertar um discurso antissemita não surge especificamente neste momento. Como é possível observar em Poliakov (2000), essa tática já vinha sendo utilizada desde os anos 50. Ainda hoje, e no caso brasileiro de modo crescente após o 7 de outubro de 2023, é possível identificar o uso do termo “sionismo” e derivações, quando alguém queria se referir, na verdade, à ideia de uma “dominação mundial dos judeus”.

O antissemitismo na editora Revisão operava em dois padrões: 1) credibilizar o discurso negacionista, baseado em teses europeias e inspiradas em autores como Robert Faurisson e 2) a instrumentalização do antissemitismo para criticar a situação política, cultural e econômica brasileira (Jesus, 2006). Nesse sentido, temos a construção de um mito muito semelhante ao já mencionado “Protocolos dos Sábios de Sião”, do “Judeu internacional” (mais fiel a outros Estados, controladores de bancos, entre outros).

A questão envolvendo a ideia de “branquitude” judaica é algo que vem sendo discutido desde o início do século XX, e ainda tem impactos na atualidade. Nesse período, as teorias de cunho racista, atreladas ao Darwinismo, conforma a produção de pesquisas, estudos e obras de importantes intelectuais brasileiros, críticos da miscigenação e dispostos a produzir teorias supostamente científicas a respeito da superioridade racial de alguns grupos (notadamente caucasianos) sobre outros. Esses ideais passaram a fazer parte da política discriminatória de Vargas, especialmente antissemita (Jesus, 2006).

O caráter pretensamente “científico” desses trabalhos impulsionou no Brasil o debate a respeito da necessidade de “embranquecer o país, e das formas para concretizar o projeto. Judeus, árabes e asiáticos se tornaram o centro do debate por dois motivos: 1) falta de imigrantes europeus “ideais” e 2) pelo fato de que judeus, árabes e asiáticos não serem lidos como negros, mas ao mesmo tempo, não serem tidos como brancos (Douek e Gherman, 2022).

Hoje, a questão do entendimento do judeu enquanto branco pode ser vista na resposta de Douek e Gherman (2022, p. 2) a respeito do texto escrito por Antonio Risério¹⁴, publicado na Folha de S. Paulo com o título “Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo”. Segundo os autores, Risério “instrumentaliza” o antissemitismo “para legitimar a existência de um ‘racismo preto antibranco’”. Longe de negar a presença de racismo e antissemitismo nos grupos em questão, ao afirmar que o antissemitismo é uma espécie de “racismo reverso”, ignora, por exemplo, a existência de judeus negros.

A partir da pesquisa realizada pela Anti-Defamation League, durante os anos de 2014 e 2019, foi possível verificar que já naquela época o antissemitismo ainda estava bastante presente em nosso país. Realizada em 18 países, dentre eles o Brasil, demonstrou um aumento significativo de antissemitismo no período. Em nosso país, por exemplo, esse número passou de 16% para 25%¹⁵. Um mês após a guerra iniciada em outubro de 2023, esse número aumentou 1000%¹⁶.

Cabe ressaltar que a pesquisa realizada pela ADL segue critérios específicos para identificar casos de antissemitismo em distintas regiões do mundo, através de coleta de dados sobre denúncias realizadas por organizações judaicas, e manifestações diferentes como vandalismo, agressões, discursos de ódio e ataques contra judeus ou instituições.

Contemporaneamente, como discutimos ao longo desta dissertação, o antissemitismo vem tomando novas formas, e se insere cada vez mais em um novo contexto: o midiático. Dessa forma, é possível identificar manifestações antissemitas nos âmbitos on-line ou off-line, independentemente de viés político. Em 2021, por exemplo, Roberto Jefferson, em seu Instagram, publicou uma imagem com os seguintes dizeres: “Baal, deidade satânica Cananista e Judeus sacrificavam crianças para receber sua simpatia. Hoje essa história se repete”.

¹⁴ RISÉRIO, Antonio. Antonio Risério: Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/racismo-de-negros-contra-brancos-ganha-forca-com-identitarismo.shtml>>.

¹⁵ ANTI-DEFAMATION LEAGUE, ADL Global Survey of 18 Countries Finds Hardcore Anti-Semitic Attitudes Remain Pervasive. One in four Europeans polled fall into most anti-Semitic category, 2019. Disponível em: <<https://www.adl.org/resources/press-release/adl-global-survey-18-countries-finds-hardcore-anti-semitic-attitudes-remain>> . Acesso em 25. jun. 2022.

¹⁶ Antissemitismo cresce quase 1.000% no Brasil desde o início da guerra entre Israel e Hamas, diz levantamento. Jornal Hoje. Disponível em <<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/11/09/antissemitismo-cresce-quase-1000percent-no-brasil-desde-o-inicio-da-guerra-entre-israel-e-hamas-diz-levantamento.ghtml>>. Acesso em 03. mar. 2024

Imagem 4 - Reprodução da postagem de Roberto Jefferson em 2021 em seu perfil de Instagram



Acervo Pessoal

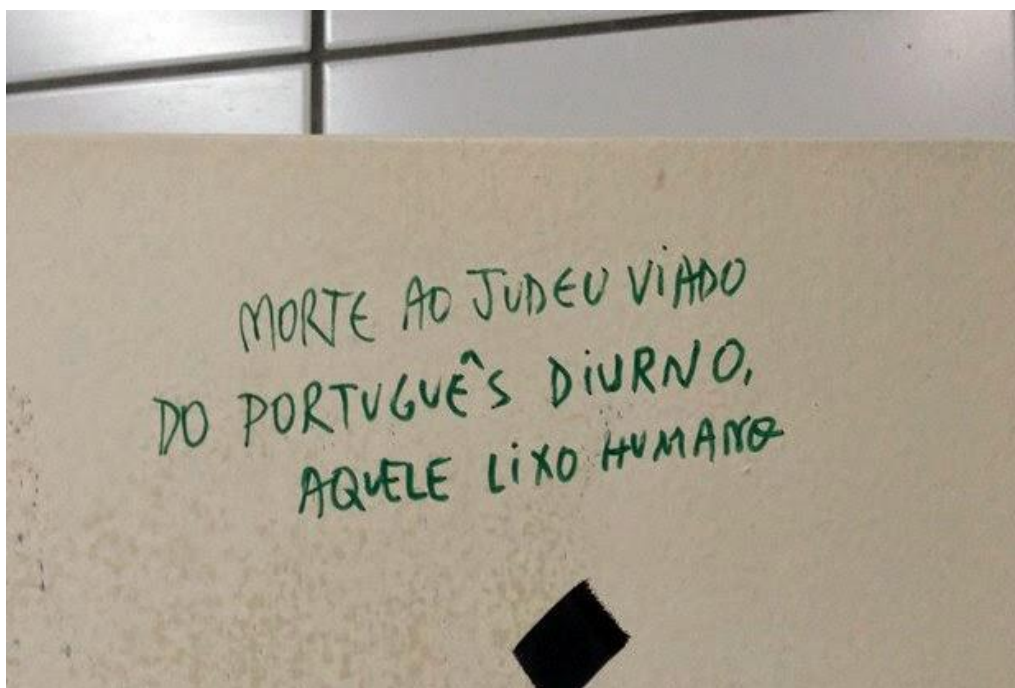
Fora das telas, entre os anos de 2014 e 2022, só em Santa Catarina, foram noticiados três casos de antissemitismo. O primeiro na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde uma pichação foi encontrada com os dizeres “Morte ao judeu [homossexual] do português diurno. Aquele lixo humano”. Segundo reportagem da Globo, não seria a primeira vez que isso ocorria na instituição¹⁷. Em 2021, em um posto salva vidas, foi encontrado uma pichação escrita “No caso dos judeus, é com violência”, acompanhado de símbolos nazistas¹⁸. Já em 2022, três homens veiculam um vídeo onde induzem violência contra judeus¹⁹.

¹⁷ G1. UFSC deve abrir sindicância sobre mensagem antissemita e homofóbica. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2014/04/ufsc-deve-abrir-sindicancia-sobre-mensagem-antissemita-e-homofobica.html>>. Acessado em 29. jul. 2022

¹⁸ G1. Pichações com frases e símbolos nazistas são encontradas em posto de guarda-vidas em SC. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/07/09/pichacoes-com-frases-e-simbolos-nazistas-sao-encontradas-em-posto-de-guarda-vidas-em-sc.ghtml>>. Acessado em 29. jul. 2022

¹⁹ O MUNICÍPIO - BLUMENAU. Trio é indiciado por discriminação contra judeus em Santa Catarina. 2022. Disponível em: <<https://omunicipioblumenau.com.br/trio-e-indiciado-por-discriminacao-contra-judeus-em-santa-catarina/>>. Acessado em 29. jul. 2022

Imagem 5 – Caso de antissemitismo na Universidade Federal de Santa Catarina



Acervo pessoal

Após outubro de 2023, dois episódios ganharam repercussão no Brasil: a Sinagoga de Santos sendo pichada²⁰, e a loja de uma mulher judia sendo depredada em Arraial d'Ajuda, Bahia, além das agressões verbais sofridas pela proprietária²¹.

O interesse em focar a pesquisa nas manifestações de antissemitismo na extrema direita se dá pelo fato da instrumentalização e apropriação de símbolos judaicos por esta vertente política, durante a ascensão de Bolsonaro ao poder. Além disso, durante a sua “volta”, em manifestação realizada em fevereiro de 2024, numa primeira leitura deste evento, percebeu-se uma tentativa de repetição da estratégia utilizada em 2018, em relação a essa instrumentalização.

Visando estruturar alguns exemplos práticos de antissemitismo no Brasil, o que desenvolvemos a seguir é uma possibilidade de resolver teoricamente uma dificuldade anteriormente mencionada: como o antissemitismo se manifesta hoje?

²⁰ Homem picha fachada de sinagoga em Santos: 'Palestina livre' e 'paz'. UOL. 2024. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/01/04/sinagoga-pichacao-santos.htm>> Acesso em 27.fev.2024

²¹ Vídeo: mulher ataca comerciante judia na Bahia: “Assassina de criança”. Metropolis. 2024. Disponível em <<https://www.metropoles.com/brasil/video-mulher-ataca-comerciante-judia-na-bahia-assassina-de-crianca>>. Acesso em 27.fev.2024

1.4. Novas formas de antissemitismo? Tentativas de teorizar o antissemitismo hoje

Quando eu nasci, os meus pais pensaram que eu talvez pudesse vir a ser escritor. E se assim fosse seria bom que não se notasse logo que era judeu. Por isso me deram, para além do nome próprio, dois outros, pouco comuns, dos quais se não poderia deduzir que eram de um judeu, nem que eram os seus nomes próprios. (Walter Benjamin. Diários de Viagem, 2022)

O que estamos vivenciando hoje em relação aos estudos sobre o antissemitismo pode ser interpretado como um processo de refundar os estudos sobre o tema. No entanto, pelo porte desta pesquisa, discutir o futuro da utilização do termo talvez não seja possível. Dentro do escopo e recortes adotados neste trabalho, tentamos trazer os debates que vem acontecendo no campo até o momento.

Apesar de algumas particularidades na atualidade (instrumentalização de setores evangélicos conservadores, midiaticização ou outros fatores), o que chamamos de “Novas formas de antissemitismo”, carrega ainda alguns elementos históricos. Dessa forma, o que apresentamos neste tópico, é um pouco sobre a historiografia do antissemitismo e o que tem se produzido hoje em relação ao tema.

A noção de antissemitismo opera de forma muito semelhante a outras formas de racismo e outras discriminações étnicas, com destaque a dois pontos: o primeiro, como aponta da Silva e Schurster (2022, p. 256), é a necessidade de observar o fato de que “o mal da intolerância deve ser buscado nos algozes e não nas vítimas”. Em segundo lugar, devemos compreender que os discursos de cunho discriminatório vêm se sofisticando com o passar do tempo, havendo uma linha tênue entre críticas legítimas (por exemplo, ao Estado de Israel) e a mera disseminação de ódio.

Por definição, o termo designa qualquer tipo de discriminação, opressão, ódio, agressão ou isolamento especificamente de judeus por serem judeus (United States Holocaust Memorial Museum). Muito se credita essa cunhagem ao alemão Wilhelm Marr, como é exposto no site da United States Holocaust Memorial Museum, pelos autores Goldberg e Rayner (1989), e Dias (2020) onde, segundo eles, Marr utiliza esse termo entre os anos de 1873 a 1879 em seu panfleto “A vitória do Judaísmo sobre o Germanismo”.

A adoção do termo “antissemitismo” visa reforçar uma ideia perpetrada há séculos na Europa, de que os judeus constituíam um grupo étnico que não pertencia à Europa. Dentro deste mesmo campo, a utilização de outras terminologias, tal qual “anti-judeu”, pode não considerar necessariamente a origem semita do grupo, o colocando apenas em uma categoria de “grupo religioso”, ou Europeu.

Segundo Lewin:

Neste folheto, Marr se mostrava muito preocupado com o sofrimento dos “germânicos” vencidos e pedia ajuda contra os judeus “vencedores”. Para ele a questão judaica não era um problema religioso, mas uma questão racial: a tribo semita foi lançada e espalhada por toda a Europa pelo Império Romano, para dominar sistematicamente os habitantes alemães; pelos materialistas que afirmavam ser o judeu, por natureza, inimigo dos outros povos por conta de seus mandamentos religiosos dominando o capital, a indústria, o comércio, a imprensa, inclusive as instituições legislativas. (Lewin, 2009, p. 394)

Quando pensamos no contexto europeu, a realidade do antissemitismo (ou antijudaísmo) foi algo normalizado por séculos (SORJ, 2024). Esse imaginário do judeu, que é visto como bode expiatório, e que geralmente termina com perseguições e execuções, acabou se estendendo também para as colônias do continente americano. Em relação aos estudos a respeito dos judeus no Brasil nesse período, destacam-se pesquisadores como Lira Neto, Anita Novinski, Ronaldo Vaifas e Elias Lourenço (Gherman, 2022). Além destes nomes, temos também a pesquisadora Maria Luiza Tucci Carneiro, autora de “O antissemitismo na Era Vargas”.

O que torna o debate complexo a respeito do antissemitismo - ou de outras manifestações de racismo - é a identificação do início histórico desta manifestação e sua perpetuação ao longo dos anos. Segundo Sorj (2024) se considerarmos a perspectiva da vítima, é possível encontrar uma continuidade. Contudo, ao observar os usos do antissemitismo a partir da perspectiva do agressor, seria possível ver mudanças a partir dos cursos da história.

Ao perceber o discurso antissemita ao longo dos anos, é notório um aperfeiçoamento: a partir do momento em que as sociedades se tornavam mais complexas, isso se refletia no antissemitismo. Pode-se exemplificar isso a partir de dois momentos: se na Idade Média os judeus eram acusados de assassinar crianças cristãs para a fabricação de Matzá²², ao longo dos anos, quando passamos a analisar

²² Matzá consiste em um pão sem fermentação, muito consumido na festa de Pessach (páscoa). Tem como principal representação a saída dos judeus do Egito.

o discurso nacionalista-extremista, os judeus²³ passariam a fazer parte de um movimento conspiracionista para “dominar o mundo” (Sorj, 2024).

É com o advento da modernidade que surge o discurso conspiracionista judaico. É a partir dela que temos três elementos significativos para entender o antissemitismo: Debate identitário (a construção do eu a partir do outro), a criação de relações econômicas, sociais e políticas que não se tinha anteriormente e a ideia de uma noção de passado e a necessidade de se (re)contar a história (Gherman, 2021).

Assim sendo, a partir do momento em que o Judeu começou a “fazer parte” da sociedade (ou deixou de ser marginalizado), a sociedade começou a percebê-los como “causadores da quebra de harmonia” que se tinha até ali - harmonia esta que é interpretada de modo diferente pelo espectro político da Direita e da Esquerda.

O imaginário do judeu moderno, segundo Sorj (2024), confronta e se opõe ao imaginário talmúdico²⁴. Em outras palavras, o destino dos judeus que só poderia ser alterado pelo divino, se transforma na modernidade com os judeus participando ativamente na sociedade - inclusive para combater o antissemitismo. Seria a partir da modernidade que, talvez pela primeira vez, os judeus iniciariam uma jornada enquanto sujeitos da própria história. Independentemente da corrente, o sionismo tornou-se uma questão basilar a partir de duas perspectivas: a de integração na sociedade, e posteriormente da consolidação de um estado judeu.

Podemos perceber um certo “padrão” em relação ao antissemitismo: independentemente da pluralidade existente dentro da “comunidade judaica”, isso pouco importa para o antissemita. Ou seja, se os valores da existência de um Estado Judeu são compartilhados ou não, se a secularidade é praticada ou não, ou que práticas econômicas são defendidas, o sujeito em questão é, acima de tudo, um judeu.

Com a normalização de um discurso conservador e religioso, adotada nos últimos anos, especialmente aqui no Brasil, se faz necessário dedicar as páginas a seguir, para traçar uma linha de análise, a respeito da assim chamada bancada

²³ Nota da autora: Mesmo que haja pessoas que hoje dizem abertamente que os judeus “controlam as coisas” (seja veículos midiáticos, ou a economia), é possível observar a substituição do termo “Judeu” para “Sionista”. A partir disso, é usado como uma das justificativas da defesa do uso desse discurso como “Não estou sendo antissemita, apenas antissionista”. Isso é um dos vários exemplos do uso de antissionismo como forma de antissemitismo.

²⁴ Talmud faz referência à coletânea de textos sagrados judaicos, onde podemos encontrar discussões rabínicas ligadas às leis e éticas judaicas. Foi de extrema importância após a grande diáspora no ano 70 da Era Comum, levando em consideração que se vivia até aquele momento, uma tradição oral.

evangélica no Congresso Nacional, especialmente no que se refere aos usos de simbologias judaicas e a influência na guinada pró-Israel.

1.5. Novas formas de antissemitismo e a instrumentalização por parte dos evangélicos

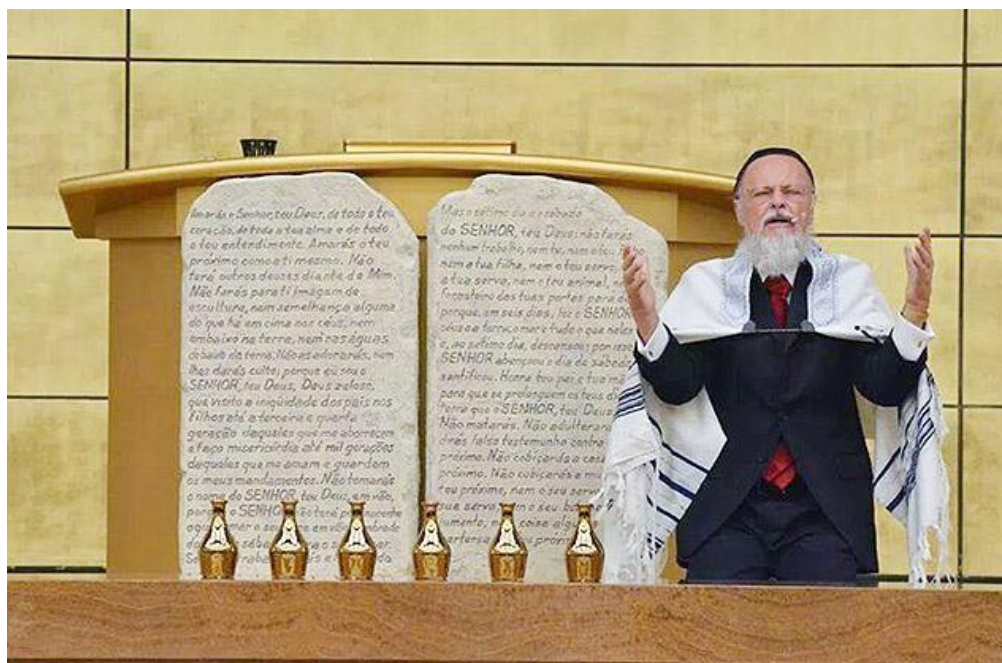
A “bancada evangélica” foi notoriamente uma apoiadora expressiva em relação à gestão bolsonarista, e exerceu uma influência significativa no que diz respeito à guinada pró-Israel do então Presidente.

Esse interesse por parte dos setores evangélicos, em relação ao universo judaico, no entanto, não surge necessariamente com a aparição de Bolsonaro na campanha à Presidência da República. Temos como exemplos a construção do Templo de Salomão²⁵ (2014), idealizado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e onde o Pastor Edir Macedo se utiliza de vestes judaicas durante os cultos (como na imagem a seguir, em 2014), além da presença de artigos judaicos em lojas voltadas ao público neopentecostal, usos de bandeiras de Israel em manifestações religiosas (como a Marcha para Jesus²⁶), e o turismo religioso para Israel.

Imagem 6 – Edir Macedo durante o culto utilizando uma kipá e um talit, com a tábua dos Dez Mandamentos ao fundo

²⁵ Localizada no bairro do Brás, em São Paulo, o Templo de Salomão reproduz o que teria sido o Templo de Salomão Bíblico. O empreendimento liderado por Edir Macedo, após uma viagem à Israel, "na qual ele expressou o desejo de que todas as pessoas pudessem pisar no chão e tocar nas pedras que testemunharam os eventos descritos na Bíblia" (Site oficial do Templo). Disponível em < <https://www.otemplodesalomao.com/> >

²⁶ Consiste em um evento organizado anualmente, na cidade de São Paulo, presente no calendário oficial desde 2009, mas chegou ao Brasil no ano de 1996. Conta com o apoio da prefeitura, Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), SPTrans/Atende, São Paulo Turismo e Polícia Militar. Fonte: Site oficial da Marcha para Jesus. Disponível em < <https://www.marchaparajesus.com.br/> >



Fonte: Blog do Moris (Folha de S. Paulo)

O debate religioso, como apontam Gherman e Klein (2019), vem sendo cada vez mais presente na sociedade brasileira. A utilização da religião vem para reforçar certos ideais como uma heterossexualidade exacerbada, anti-feminista e anti-comunista, por exemplo.

Dentro deste contexto, o judaísmo vem sendo instrumentalizado por esse setor, “como um dos moldes definidores de sua identidade cristã”

O vínculo com o judaísmo aparece como um certificado de garantia de vínculo com a tradição “original e verdadeira” do cristianismo. Claro, não nos referimos a qualquer judaísmo, mas a um judaísmo imaginário e uno. Um judaísmo que rime com o cristianismo conservador, que contenha fortes referências messiânicas e que tenha suas definições livres de propostas de esquerda ou liberais. (Gherman e Klein, 2019, p. 105)

Essa noção de resgate de uma tradição “original e verdadeira”, pode ser observada justamente nesse processo de adoção de simbologias judaicas presentes em uma quantidade expressiva de Igrejas evangélicas, independente da sua denominação. Muito dessa adoção de simbologias pelo meio protestante, na tentativa de uma “construção de uma pureza original”, se dá pela escassez de símbolos dentro do próprio universo protestante. A busca deste material é dada a partir dos textos bíblicos, numa intenção de reproduzir a experiência dos primeiros cristãos (REINKE, 2025).

O processo desse “reavivamento das origens” praticado por esses setores (neo)pentecostais, pode ser denominado também como “neorestauracionismo”. Esse conceito emerge justamente a partir de reflexões sobre os usos dos elementos da cultura/religião judaica feitos na contemporaneidade brasileira, e que culminou a pesquisa de doutorado de Chagas (2021; 2023).

Tratando aqui especificamente de setores cristãos, como foi abordado por Sorj (2024)²⁷, os judeus seriam acusados por terem um excesso de peso simbólico na religião cristã. Isso não estaria ligado com poder, nem fatos reais, mas pela relação simbólica de serem origem, mas não continuidade.

Além disso, é importante para alguns setores ligados às igrejas evangélicas, com perspectivas conservadoras, de direita e tradicionalistas, que se preocupam com uma referência de branquitude na origem da nação brasileira, construir uma historiografia linear da comunidade judaica (Gherman, 2022, p 55). Nesse sentido, esses setores, na construção dessa historiografia linear, criaram não apenas uma narrativa imaginada, mas de uma leitura cristã que, nas palavras de Reinke (2025, p. 208) omite “dois mil anos de judaísmo da diáspora para reencontrar os judeus na história que corresponde às expectativas de sua escatologia”.

Essa parece ser uma característica comum entre setores evangélicos e conservadores, a busca por manter uma certa linearidade dentro dos judeus/judaísmo. Em outras palavras, para estes grupos é como se os judeus se mantivessem imutáveis desde os tempos bíblicos, e que suas reflexões, cultura etc não fossem tensionadas pelo contexto em que viveram (Douek, German, 2022).

É possível observar, no entanto, um grande contraste entre católicos e evangélicos, por exemplo, em relação a eventos públicos. No que diz respeito a presença de bandeiras de Israel em eventos evangélicos, como a Marcha para Jesus, o mesmo não ocorre em eventos católicos como a Romaria de Nossa Senhora dos Navegantes (Reinke, 2025).

Esse imaginário não se aplicaria apenas à figura do judeu, ou como poderíamos dizer, do “judeu ideal”. Isso se aplicaria também ao estado de Israel, como uma representação do conservadorismo, ultra capitalista, uma sociedade armada e branca. Da mesma forma que ocorre com o “judeu imaginário”, a “Israel Imaginária” se vê higienizada de suas contradições e/ou pluralidades, como por exemplo, ser um

²⁷ SORJ, Bernardo. Geopolítica, história e formação do imaginário judaico. *In*: On-line (Google Meet): [s.n.], 2024.

país que aprovou a legalização da maconha²⁸ (mesmo que para fins médicos) e a legalização do aborto²⁹.

Como na citação a seguir, onde os aurores fazem referência a um texto de Isaac Deutscher, vemos aqui um processo de

grupos que reivindicam a cultura judaica (especificamente, aquela que é conservadora, religiosa e tradicional) sem necessariamente serem judeus, dando origem ao fenômeno do 'não judeu-judeu' (pessoas que são etnicamente não-judeus e que reivindicam o judaísmo ideológico) (Gherman; Klein, 2021, p. 133).

Ao apresentar esse debate, presente no campo, a respeito dessa relação entre evangélicos e Israel, é necessário destacar o que se entende por Sionismo Cristão. Por definição, compreende-se como “apoio cristão ao sionismo e ao estado de Israel com motivação claramente religiosa” (Reinke, 2025, p. 156).

As motivações dos sionistas cristãos são diversas. Não é algo que se restringe unicamente aos dispensacionalistas. Para o sionismo cristão, está presente ao mesmo tempo a ideia de que um Estado judeu pode existir, mas é restrita, como demonstra Reinke (2025, p. 157): “‘Israel tem o direito de existir’ não exprime nem de perto o sentimento do sionista cristão, pois não transmite a grandeza do sentido teológico do movimento”.

Nesse mesmo sentido, outra ideia fundamental para a compreensão dessa aproximação por parte dos evangélicos em relação a Israel e/ou judeus é o dispensacionalismo. Como aponta Elizabeth Oldmixon, da Universidade do Norte do Texas, citada em uma reportagem da BBC³⁰, podemos entender por “dispensacionalismo”, uma leitura literal dos preceitos bíblicos, onde “o retorno dos Judeus à Terra Santa - ou seja, o estabelecimento de Israel - é necessário para a volta de Cristo”.

²⁸Israel descriminaliza o uso adulto de cannabis. Forbes. 2019. Leia mais em: <https://forbes.com.br/colunas/2019/04/israel-descriminaliza-o-uso-adulto-de-cannabis/> Disponível em < <https://forbes.com.br/colunas/2019/04/israel-descriminaliza-o-uso-adulto-de-cannabis/> > Acesso em 24. mai. 2024.

²⁹Israel facilita acesso ao aborto no país. G1. 2022. Disponível em < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/06/27/israel-facilita-acesso-ao-aborto-no-pais.ghtml> > Acesso em 24. mai. 2024.

³⁰SCHREIBER, Mariana. BBC. Bolsonaro em Israel: Por que os evangélicos pressionam pela mudança da embaixada de Tel Aviv para Jerusalém. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47776408>>. Acesso em: 27. fev. 2024.

Sabemos que a influência dos textos bíblicos a partir de uma perspectiva cristã é essencial para a construção do ideário evangélico. Contudo, essa idealização faz com que os evangélicos se aproximem dos judeus na prática? E como esses usos de simbologias judaicas, turismo e apoio a Israel - levando em conta o sionismo cristão - é percebido pelos judeus brasileiros? É a partir desses elementos que foi desenvolvida uma pesquisa social³¹ realizada por Reinke (2025), compartilhada recentemente em seu livro “Paixão por Israel”.

Logo no processo de buscas por possíveis entrevistados, Reinke (2025) pôde chegar a algumas “conclusões prévias” a respeito dos seus interesses de pesquisa. Com a dificuldade do autor em encontrar entrevistados judeus para fins acadêmicos, ele imaginou a barreira encontrada por possíveis evangélicos, que tinham interesses em especular ritos para suas igrejas. Os judeus que se dispuseram a responder foram aqueles que já realizavam algum tipo de trabalho inter-religioso. Já com os evangélicos, esse diálogo foi mais fácil, com exceção dos pastores que efetivamente se utilizam da simbologia judaica em suas igrejas.

A respeito dessa proximidade, ou não, entre judeus e evangélicos, a percepção prévia do autor foi, de certa forma, confirmada. O contato entre os dois grupos não ultrapassa aquelas lideranças dispostas a um diálogo inter-religioso. Dessa forma, como aponta Reinke “a origem do conhecimento da simbólica judaica pelos evangélicos que dela fazem uso não decorre da convivência com o judaísmo, e sim da leitura dos livros e de pesquisa na internet” (Reinke, 2025, p. 205).

Em relação ao uso de símbolos e o interesse por Israel, houve momentos de concordância, discordância e ponderações. Se na utilização de símbolos judaicos a resposta mudava conforme a secularidade³² ou não dos judeus (a desaprovação foi maior em círculos mais religiosos do que seculares), houve uma concordância a respeito do incômodo do uso de bandeiras israelenses em manifestações de cunho religioso e/ou político (vinculados à extrema direita) (Reinke, 2025).

No que tange ao turismo para Israel: de um modo geral, a percepção foi bem positiva, com diferenças nos detalhes dessa perspectiva. Se para os judeus é positivo por questões econômicas e uma oportunidade de apresentar ao mundo os valores

³¹ Pesquisa essa que, como o próprio autor frisou, representam apenas um olhar específico de cada entrevistado.

³² Para os judeus menos religiosos, isso pouco importava, podendo até ser visto de forma positiva, por conta do aumento de antissemitismo e uma certa percepção de apoio (Reinke, 2025).

históricos e democráticos do país, para os evangélicos há o interesse bíblico, experiências místicas, na aproximação política, em especial no que toca ao conflito entre Israel e Palestina (Reinke, 2025).

Sobre o turismo à Israel, algo merece destaque: o roteiro evangélico ocorre em locais bíblicos relacionados às narrativas bíblicas cristãs. Além disso, há uma desconsideração por parte dos evangélicos a respeito da vivência israelense contemporânea (Reinke, 2025).

O último tópico que destacamos da pesquisa, mas ainda ligado de certa forma à Israel, é em relação ao Sionismo Cristão. Para os judeus brasileiros há um certo pragmatismo na análise, e esse apoio é visto com desconfiança, pois as motivações não são claras. Isso porque

se a origem comum e o compartilhamento do mesmo texto bíblico fossem motivos importantes, existe a percepção de que esse apoio ocorre em função de uma afinidade eletiva, ou seja, está relacionado com as demandas dos evangélicos, não das demandas das comunidades judaicas em si (Reinke, 2025, p. 206).

Pela perspectiva evangélica, esse apoio acrítico a Israel foi algo notado e criticado por todos. Os entrevistados também comentaram o fato de Israel ser imaginado “como um centro de conservadorismo de direita na luta contra uma ‘esquerda mundial’” (Reinke, 2025, p. 206), o que, por um lado poderia ser lido como algo próximo das forças políticas que governam Israel atualmente, mas por outro lado, se distancia da realidade democrática e progressista da história israelense desde a fundação do Estado em 1948.

2. Fascismo e antissemitismo na era das redes: mudanças na estrutura comunicacional

Em seu artigo, França (2020) coloca que o início das pesquisas no Brasil em relação à sociedade midiática se dá nos anos 90 com Muniz Sodré e Lucia Santaella. Desde então, podemos observar a evolução do consumo e dos impactos da imersão nessa realidade.

Até o início do século XX, por exemplo, mesmo considerando a revolução de Gutenberg, que possibilitou a produção em escala da imprensa, a disseminação das informações dos fatos ocorridos, por se tratar de uma criação de poucos-para-muitos,

não acontecia na mesma intensidade dos dias atuais. Dessa forma, podemos considerar que os produtores e leitores, por exemplo, detivessem um tempo maior para a elaboração e absorção do conteúdo lido.

Quando tratamos a respeito da produção de conteúdo na sociedade midiaticizada, poderíamos considerar a cobertura jornalística em relação ao atentado às Torres Gêmeas³³, em 11 de setembro de 2001, em comparação, por exemplo, à cobertura da Guerra do Golfo, como um marco. Essa diferença consiste na transmissão praticamente simultânea dos fatos (Sémelin, 2009).

A web 2.0³⁴ permitiu um processo comunicacional no âmbito virtual de uma forma muito mais dinâmica - possibilitando com que as plataformas passassem a aceitar diversos níveis de linguagem (texto, imagens ou vídeos). Futuramente, isso seria o foco de debates para o desenvolvimento de repertório-metodológico, como aponta Herring. Em resumo

Plataformas baseadas na Web, que se popularizaram na primeira década do século 21, e que incorporaram produção de conteúdo feito pelo usuário e interação social, muitas vezes juntamente ou em resposta a estruturas e/ou conteúdo (multimídia) fornecidos pelos próprios sites (Herring, 2012, p. 4. Tradução nossa)

E justamente por conta dessa apropriação dos usuários, as próprias redes sociais passaram por um processo de ressignificação dos seus usos iniciais - de fins domésticos, para produção de conteúdo e vendas - Sá e Holzbach (2010, p. 9 apud Braga, 2012, p. 1) exemplificam essa ideia a partir do site YouTube. Contudo, vale lembrar que essa mudança não ocorreu exclusivamente nesse canal.

Foi justamente a partir disso que passamos a poder, *talvez*, denominar o fenômeno como “mudança de paradigma da sociedade midiaticizada” /reapropriação das plataformas digitais, o que como será brevemente desenvolvido neste capítulo, possibilitou, por exemplo, que a produção de conteúdo se tornasse de “muitos para muitos” (Mounk, 2016).

As manifestações pós-crise de 2008, organizadas a partir de plataformas como o Facebook, muito provavelmente fizeram com que repensássemos os impactos

³³ O World Trade Center, uma das maiores edificações comerciais em Nova Iorque, composto por duas torres com 110 andares, inaugurado no ano de 1973, era conhecido como “Twin Towers” (Torres Gêmeas), e, ao lado de outros espaços estadunidenses, como o Capitólio, foram alvo de um ataque terrorista promovido pela Al-Qaeda.

³⁴ Surgida no início dos anos 2000, o termo se refere à segunda geração da internet, que dá início a uma maior participação e colaboração dos usuários em rede.

das plataformas digitais. Justamente nesse período de instabilidade política, e já com essa compreensão da grandiosidade dessas redes, a extrema direita soube aproveitar aquele momento para poder tensionar os discursos, e poder angariar possíveis eleitores (Gerstenfeld, Grant & Chiang, 2003, apud Ferreira, 2020, p. 8).

Um exemplo prático que podemos demonstrar a respeito do impacto das plataformas digitais no âmbito político ocorreu na Itália no início dos anos 2000. O movimento “5 Estrelas” tinha como objetivo deslocar os partidos tradicionais, para inserir cidadãos comuns no poder, com a finalidade de estabelecer uma democracia direta, com o auxílio da internet (Empoli, 2019).

Gianroberto Casaleggio, um dos cabeças do movimento, compreendeu rapidamente os impactos que a internet teria para pautar as preferências dos consumidores ou dos eleitores. Dessa forma, ele se uniu ao comediante Beppe Grillo para impulsionar as redes e aliar populismo e algoritmos. As mídias tradicionais, no entanto, se mostraram passivas e não muito interessadas no período em que este grupo se articulava (Empoli, 2019). Essa prática de minimizar os fatos pela mídia tradicional, e só dar a devida importância quando há um “grande evento”, como foi o caso do “V-day” na Itália, parece ter sido uma prática comum ao redor do mundo.

Quando tratamos especificamente a respeito do jornalismo, compreendemos que suas transformações não são alheias à sociedade em que vivemos. Como talvez fosse esperado, à medida em que o meio midiático se consolidava na sociedade, isso também impactava no modo de produzir e consumir o jornalismo. Além disso, devemos lembrar o papel que as mídias tradicionais detiveram para a normalização de um discurso mais conservador (ou anti-esquerda), ao mesmo tempo em que, anos mais tarde, essa mesma mídia se tornaria alvo de constantes descredibilizações.

Considerando a realidade histórica que desenvolvemos no presente trabalho, a sociedade midiática tem uma presença indiscutível. Como demonstramos, a vida cotidiana, nos mais diversos níveis (social, política, econômicos, entre outros), vem sendo mediada no âmbito virtual, a partir de aparelhos e internet móveis, com assuntos tratados na esfera dos afetos discursivos. Além disso, é muito próprio desta realidade a disseminação de informação em uma velocidade nunca antes vista.

O que destacamos no âmbito dos resultados desta pesquisa, é a inserção do discurso de ódio na era midiaticizada. Compreendemos que, a exemplo do antissemitismo, as consequências desses impactos poderiam ser potencializadas em comparação à disseminação ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial.

Percebe-se também que os veículos de comunicação tradicionais vêm tendo dificuldades em acompanhar e se adaptar a essa nova realidade. Dessa forma, se faz necessária a compreensão do termo “midiatização”, para, em seguida, tratar os impactos dessa nova realidade no cenário jornalístico.

Sendo o Jornalismo, como veremos nas páginas a seguir, um reflexo da sociedade na qual ele está inserido, ao mesmo tempo em que ele tem uma função social de denúncia, apontamos, a partir de reportagens selecionadas de dois veículos jornalísticos (G1, Folha de S. Paulo), como foram abordados temas relacionados a essa aproximação da extrema direita brasileira com símbolos judaicos.

2.1. Sociedade em redes

Para que possamos nos aprofundar mais a respeito da realidade da sociedade midiática, temos que nos familiarizar com a ideia de midiatização. Este conceito vem sendo desenvolvido, segundo França (2020), desde as últimas décadas do século passado, tendo como destaque pesquisadores como Muniz Sodré e Lucia Santaella, no Brasil, e internacionalmente, Manuel Castells.

Em seu artigo, a autora traz inicialmente a definição do termo a partir de Muniz Sodré. A midiatização, segundo o autor, se caracteriza por ser uma nova forma do sujeito se posicionar no mundo a partir da tecnologia³⁵. Esse novo modo de existência do ser humano seria

uma estetização generalizada da vida social, com a prevalência da forma sobre os conteúdos semânticos; uma eticidade exaltativa do desejo individual; a submissão aos negócios e ao capital; novas formas de relacionamento dos indivíduos com as referências concretas (tendo a mídia como estruturadora das percepções e cognições); novas formas de sociabilização (França, 2020, p. 28).

Além das considerações relevantes de Sodré, França (2020) também traz o pensamento de José Luiz Braga, que compreende o termo - de um modo até um pouco similar ao de Sodré - a partir da perspectiva da vida cotidiana pensada a partir

³⁵ Como a autora cita em seu artigo, Sodré desenvolve a ideia de midiatização a partir da noção de existência humana de Aristóteles. Segundo o filósofo grego, seriam três: a vida contemplativa, a política e a prazerosa. Sodré adicionaria o quarto modo, que seria o “Bios Midiático”.

dos meios³⁶. A sociedade em rede possibilita a criação de conteúdos, realizados por pessoas comuns, e que, a partir de relatos de experiências, criem conexões (Braga, 2010).

Nossa vida passou a ser circunscrita na vida mediatizada, através de tecnologias que poderiam ou não se tornar vetores de experiências estéticas. São interações diversas em relação à produção e recepção de conteúdo. Essa percepção acaba por se tornar um “processo interacional de referência principal na sociedade” (Braga, 2010, p. 75).

Segundo Braga (2006, p. 27), os processos bidirecionais de informação não são algo novo. A sociedade teria se mostrado ativa nesse processo desde o início da midiatização em relação a desenvolver e atribuir funções, mas também oferecendo sentido. E essas produções de sentido seriam diferidas e difusas, conforme as palavras do autor: “os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnado e parcialmente direcionando a cultura”. Dessa forma, devemos compreender o que a mídia veicula e como ela é absorvida.

Uma das características da sociedade mediatizada vai na contramão do que entendemos por sociedade de massas. Isso significa que a produção de conteúdo deixou de ser de “poucos para muitos” e passou a ser de “muitos para muitos” (Mounk, 2016). Podemos observar as consequências disso em relação ao impacto causado pelo meio digital nos mais diversos níveis (social, político, comunicacional, intervenções corporativas etc.), em comparação aos meios tradicionais, que, segundo França (2020), se mostram muito mais avançados.

Em seu livro, Braga (2006) defende a ideia de que a teoria ligada ao processo emissor-receptor não estaria ultrapassada na era das redes. Na verdade, o que se torna necessário é perceber novas perspectivas a respeito dessa teoria na atualidade. Isso porque nos encontramos em um contexto em que emissor e receptor trocam de posições em questão de segundos.

A exemplo do que ocorreu durante 2020, houve uma “corrida contra o tempo” em relação ao combate das informações falsas produzidas a respeito do Covid-19.

³⁶“Numa abordagem setorializada, a midiatização se refere à presença e interferência da lógica dos meios no desenvolvimento de campos específicos (como quando nos referimos à midiatização da política, da religião etc.). Num nível macro, midiatização diz respeito à sociedade como um todo, que seria afetada quando as interações que a constituem passam a se dar preferencialmente através das mídias.” (França, 2020, p. 28)

Além disso, também houve um aumento expressivo de discursos de ódio, direcionados especialmente contra imigrantes e pessoas de origem asiática, sendo legitimados pela ideia da “liberdade de expressão” (Cassini; Medici; Maciel, 2023). Outro grupo étnico alvo de discursos de ódio e responsabilização pela propagação da Covid-19 no Brasil foram indígenas, principalmente na região centro-oeste do país, com mensagens xenofóbicas sendo disseminadas em grupos de whatsapp e emissoras de rádio (Fróes, 2024)

Como é perceptível dentro da sociedade midiaticizada, as redes sociais acabam se tornando pontes diretas entre o assunto e o público, possibilitando trocas e engajamento. Se antes era papel do jornalismo intermediar a relação entre políticos e eleitores, com as plataformas digitais, esse relacionamento passou a ser direto.

Ao se apropriar de símbolos que são associados à comunidade judaica, como a bandeira de Israel, ou o uso de roupas com estampas referentes ao Exército israelense, o campo político à direita, a extrema-direita e alguns grupos religiosos se tornaram pautas automaticamente levadas às redes sociais. Contudo, o que pouco se debate, é uma visão crítica com relação a esses usos.

Imagem 7 – Atos pró-Bolsonaro, 2020



Fonte: CNN Brasil

Em paralelo a isso, como veremos a seguir, o jornalismo, que tem um papel fundamental na sociedade, aparentemente também não realizou, ou demorou a realizar, um olhar crítico com relação a essa aproximação de Bolsonaro com a comunidade judaica. Em tempos em que a disseminação de antissemitismo vem se mostrando cada vez mais comum, é necessário encontrar veículos aliados para combater tal crime, ou, no mínimo, capazes de sinalizar em suas coberturas que as posturas citadas fomentam o ódio contra judeus brasileiros.

2.2. O fascismo na ótica da sociedade midiaticizada: a ascensão bolsonarista, usos dos discursos pautados nos afetos e a adesão da sociedade ao discurso bolsonarista

No ano de 2017, Bolsonaro realizou uma viagem para Israel. As imagens produzidas durante aquela viagem acabaram por ser utilizadas como material de campanha, que aconteceria no ano seguinte. Seus filhos, com destaque a Carlos e Eduardo Bolsonaro, utilizavam camisetas em referência aos símbolos israelenses e sionistas. Esse movimento cresceria a partir de 2018, com figuras ligadas ao

conservadorismo e a nova direita brasileira, se utilizando de imagens ligadas à elementos da cultura/religião judaica e outras referências a Israel (Chagas, 2023).

Isso teria sido um ponto de partida para convencer alguns judeus brasileiros a ouvir Bolsonaro em sua passagem pela Hebraica do Rio de Janeiro. Isso porque, talvez pela primeira vez, viam seus símbolos sendo utilizados por uma figura pública que liderava as pesquisas presidenciais, de maneira, a princípio, positiva (Gherman, 2022).

Imagem 8 – Flávio Bolsonaro (esq.) e Eduardo Bolsonaro (dir.) vestindo respectivamente uma camiseta do Mossad (Serviço de Inteligência Israelense) e da Israeli Defense Forces



Fonte: UOL.

Este é apenas um exemplo do que se entende como “uso dos afetos” durante a campanha do então candidato Jair Bolsonaro, e que será desenvolvido nesta seção. Essa estratégia pode, certamente, ser observada em diversos contextos de crise na construção de um líder totalitário. Contudo, uma particularidade que nos interessa aqui, que difere obviamente de outros contextos históricos, é a utilização das ferramentas midiáticas na construção desse discurso.

A ascensão da nova direita coincide com a popularização dos novos meios de comunicação. Os representantes deste espectro, a exemplo de Donald Trump, rapidamente se apropriaram destes veículos para disseminar um discurso pautado pela subjetividade, da glorificação da opinião acima do conhecimento e da formação de bolhas (Kakutani, 2018; Mounk, 2016).

Uma das coisas que mais chama a atenção no texto “Obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” (Benjamin, 2017), é o possível paralelo entre o surgimento dos dois principais veículos de massas de seus tempos (o cinema dos anos trinta e as redes sociais na atualidade), simultaneamente com a ascensão de governos associados à Extrema-Direita.

Ressaltamos que é fundamental mencionar também o paralelo entre comunicação, estética e política. Segundo o que foi apontado no artigo de Marques (2011), Rancière compreende que é próprio do caráter estético na política, o tensionamento e a “ruptura das leis naturais de gravitação dos corpos sociais”.

Ao longo do mandato de Jair Bolsonaro, não faltaram exemplos de imagens que remetessem à estética fascista. Dentre elas, destacamos as motocicletas, o então Secretário de Cultura Ricardo Alvim parafraseando não apenas trechos do discurso de Joseph Goebbels³⁷, mas também sua imagética, o lema do governo “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (referência ao Deutschland über alles³⁸), e a propaganda da Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM), dizendo que “O trabalho, a união e a verdade nos libertará” (Arbeit macht frei)³⁹.

Imagem 9 – Mussolini (dir.) e Bolsonaro (esq.) durante motocicletas

³⁷ Paul Joseph Goebbels (1897-1945) foi Ministro da Propaganda na Alemanha nazista, entre 1933 e 1945.

³⁸ Primeira estrofe da canção Deutschlandlied (A canção da Alemanha), composta em 1841 por August Heinrich Hoffmann von Fallersleben, adotada por Adolf Hitler como hino nacional da Alemanha durante seu governo, cuja tradução é “Alemanha acima de tudo”.

³⁹ A frase, em alemão, ornamenta os portões de ferro na entrada do Campo de Concentração e Extermínio Nazista em Auschwitz, Polônia, reconhecido como o maior emblema das atrocidades cometidas na Segunda Guerra. Apenas neste campo, pereceram pelo menos 1.290.000 prisioneiros, dos quais 1.100.000 eram judeus.



Acervo pessoal

Imagem 10 – Joseph Goebbels (Ministro da Propaganda de Hitler) e Roberto Alvim (Secretário de Comunicação de Bolsonaro, em 2019, em anúncio de financiamento de projetos culturais



Acervo pessoal

Imagem 11 – Propaganda da SECOM do Governo Bolsonaro, 2020



Fonte: Conta oficial da SECOM no Twitter

O ensaio de Benjamin (2017) se torna muito presente quando pensamos em estabelecer paralelos visuais entre o fascismo hitlerista e a adoção da mesma estética pela gestão bolsonarista. Temos como presenças marcantes a noção de oferecer às massas uma forma de experiência, pertencimento e expressão; construção de um passado mítico e o uso da arte pela arte; e o já mencionado uso de ferramentas tecnológicas contemporâneas.

O fascismo tenta organizar as massas proletarizadas recentemente formadas sem tocar nas relações de propriedade para cuja abolição elas tendem. Vê a sua salvação na possibilidade de que dá às massas de se exprimirem (mas com certeza não a de exprimirem seus direitos). As massas têm o direito de exigir a transformação das relações de propriedade; o fascismo procurava dar-lhes expressão conservando intactas aquelas relações. Consequentemente, o fascismo tende para a estetização da política. (Benjamin, 2017, P. 45)

Dessa forma, o que se sucedeu em relação ao então Secretário de Comunicação, Ricardo Alvim, é um exemplo muito expressivo a respeito dessa estética fascista. Dias antes da veiculação da propaganda que causaria sua demissão⁴⁰, Alvim concedeu uma entrevista a um programa da TV Brasil, onde já expressava o que viria depois. Seja “a retomada de uma história da arte, na construção de um nacionalismo nas artes, no conservadorismo e na busca de um ideal clássico”. Em outras palavras, no projeto de Alvim, o discurso bolsonarista ligado ao conservadorismo e anti-esquerda é transferido para a pasta da cultura. (Medici, 2023).

A arte e a cultura não podem ficar alheias a todas as transformações que têm acontecido no Brasil, no campo da política, no campo da intelectualidade. Então como dar vazão aos anseios mais profundos do povo brasileiro, que se traduziram na eleição do Presidente Jair Bolsonaro, como fazê-lo no campo de políticas públicas estruturantes para a arte e para cultura? (Alvim, 2020)

Para Rancière (2005, p.15), a política estaria dentro do campo da “partilha do sensível”, em outras palavras, “a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas”. É no campo político que haveria a troca social (de quem pudesse se dedicar a isso), onde, a partir da linguagem (incluindo o dito e o não dito), que a política acaba como uma experiência. É a partir dessa capacidade retórica - em especial nos momentos de crise - que passa a ser estabelecido o pertencimento ou não a determinados espaços sociais.

O pensamento de Rancière (2005, p. 16) se contrapõe à noção de Walter Benjamin de que, nas palavras do filósofo francês “essa estética não deve ser entendida no sentido de uma captura perversa da política por uma vontade de arte, pelo pensamento do povo como obra de arte”. Contudo, pode perceber nesse processo de radicalização uma certa ambivalência nesse caráter estético, em uma linha tênue entre o pensamento de Benjamin e Rancière.

⁴⁰ Secretário da Cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento. *In*: [s.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ&t=320s>>. Acesso em: 21.set. 2023.

Marques (2011) destaca que o filósofo apresenta o dissenso como uma “ferramenta” para trazer vozes que estariam à margem em “sujeitos capazes de se pronunciar a respeito de questões comuns” (Rancière, 2000, p. 19 apud Marques, 2011, p. 2).

É justamente dentro deste caráter - potencializado pela sociedade em rede - que poderíamos pensar o que a campanha/gestão bolsonarista evidenciou. O caráter discursivo de Bolsonaro pode ser compreendido a partir do caráter do dissenso. Esse caráter do dissenso “fixo e imutável” é a concepção de que vivíamos em um país capaz de “lidar bem com sua diversidade”.

O discurso bolsonarista teria se aproximado da ideia de Parret, trazida por Marques (2011), no sentido de ser uma linguagem que foge do âmbito da racionalidade, mas que atenderia ao âmbito do afetivo, “que diz respeito a performances e modos de comunicação não argumentativos” (Marques, 2011, p. 7).

Temos, então, a crise de 2008 como ponto de partida temporal em relação à percepção da fragilidade no âmbito democrático. Em um curto espaço de tempo, uma onda de manifestações ao redor do mundo acontecia. Naquele momento talvez não fosse possível prever o que aconteceria décadas mais tarde, ou realizar análises precisas, mas hoje, mais de 10 anos depois, é possível obter noções mais claras do ocorrido.

As redes sociais, em especial o Facebook (em alta na época), como aponta Castells (2013), foram ferramentas fundamentais na articulação e na viabilização das manifestações. Isso porque o meio digital seria um ambiente não controlado por governos e onde as pessoas poderiam compartilhar seus medos a partir de uma comunicação horizontal, e se organizar politicamente. Essa proposta, em um primeiro momento, poderia ser um dos principais motivos para causar medo nas lideranças políticas, justamente por não ser por elas, controladas. Contudo, esse cenário parecia ter mudado em 2016, com a ascensão de líderes como Donald Trump.

Quando pensamos a respeito das jornadas de 2013⁴¹, e sua relação com o contexto desta pesquisa, Gherman e Klein (2021) pontuam que já havia a presença

⁴¹ Iniciadas em junho de 2013, as manifestações ocorreram em aproximadamente 500 cidades brasileiras, mobilizando milhares de pessoas em torno de pautas como tarifa zero para transporte público, redução da violência policial, democratização da mídia e melhoria de serviços públicos de saúde, ficaram conhecidas por terem envolvido grupos chamados “black blocks”, prisões arbitrárias de manifestantes, depredação de agências bancárias, e passaram à história nacional por mais tarde terem sido usadas pela direita para ascender politicamente.

de bandeiras israelenses em tais manifestações, e que, em mobilizações e atos públicos subsequentes, idealizadas pela extrema-direita, o uso de símbolos “tipicamente judaicos” passaram a marcar posicionamentos ideológicos.

Na última década foi possível notar, em manifestações conservadoras e da direita no Brasil, a presença de bandeiras de outros países. Entre estas, uma se destacou em particular: a bandeira de Israel. A presença das bandeiras israelenses não sinaliza ‘dupla lealdade’, de acordo com as lógicas tradicionais de acusação antissemita tão frequentemente lançadas contra judeus ‘cosmopolitas’ (ou no vernáculo de hoje, ‘globalistas’). Pelo contrário, a bandeira de Israel não representa exatamente um apoio ao ‘Estado Judeu’, mas apresenta algo fundamentalmente distinto (Gherman; Klein, 2021, p. 124).

Centrando em análise de uma extrema direita mais consolidada no cenário político, podemos considerar o livro “Ruptura”, de Castells (2018), como um complemento da sua obra anterior. O autor compreende que, desde 2008, vivenciamos as consequências de uma crise na democracia liberal. Essa crise, “abrangeria as diversas crises que vivenciamos, com um agravamento: a descridibilidade que os governos têm ganhado por parte dos governados” (Cassini; Medici; Maciel, 2023, p. 4).

Com a fragilidade governamental exposta, com civis cada vez mais insatisfeitos, um discurso cada vez mais anti-*establishment* foi ganhando adesão. Aqui no Brasil, podemos citar Movimento Brasil Livre, Endireita BR, Vem pra Rua e Revoltados On-line, como grupos voltados à direita que desde 2013 produziam (e produzem) conteúdos que acabavam por “cair no gosto” da sociedade mais ampla.

Porque as crises são momentos reveladores das falhas de um sistema e, portanto, exercem a mediação entre as tendências de fundo de uma sociedade, a consciência dos problemas e as práticas que emergem para modificar as tendências percebidas como prejudiciais às pessoas, embora sejam funcionais para o sistema (Castells, 2018 p. 20).

A ascensão dos fascismos hoje, como apontam da Silva e Schurster (2022), tem suas particularidades em comparação aos anos de 1960 e 1970. Para os autores, os movimentos de ultradireita hoje

são movimentos de massas, de cunho fortemente popular, de viés religioso, que chegam ao poder por eleições, mas nem sempre por eleições vitoriosas. Contudo, usam as eleições e as insurreições populares - não golpes de Estado - caso não ganhem nas urnas - Bolívia, Estados Unidos, Brasil (Silva; Schurster, 2022, p. 294).

Nos termos de Arendt (1998), podemos considerar que a extrema direita atual se organizou de forma semelhante ao fascismo clássico. Canalizando os interesses e medos da sociedade de modo que, a partir de demandas individuais, pudessem estabelecer conexões com um grupo, ao mesmo tempo em que ela não pertencesse a nenhum corpo social.

O público que se viu atraído pelo discurso da Nova Direita brasileira é composto majoritariamente pela classe média. Como menciona Gherman e Klein (2021)

A classe média brasileira deu uma guinada à direita ao adotar posições economicamente liberais, mas socialmente conservadoras. Considerando a composição social e demográfica do eleitorado, em termos muito gerais, os de renda mais alta, os brancos, os homens e os moradores dos bairros mais exclusivos das grandes cidades brasileiras foram os eleitores mais fiéis e decisivos do presidente em 2018 (Gherman; Klein, 2021, p. 126)

Em 2018, Bolsonaro venceu as eleições no segundo turno, com 55,13% dos votos (57.797.847 votos). O candidato do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, acabou ficando com 44,87% dos votos válidos (47.040.906 votos), com resultado final de uma diferença de 10.756.941 de votos. Para tornar esse cenário mais complexo, tivemos uma soma de votos brancos, nulos e abstenções que se aproxima muito aos votos de Fernando Haddad: 2.486.593 de votos brancos (2,14%), 8.608.105 de votos nulos (7,43%) e 31.371.704 de abstenções (21,30%), totalizando um número de 42.466.402 (30,87%).⁴²

Em vias de comparação, no segundo turno de 2022, o atual Presidente Lula venceu com 60.345.999 votos (50,90%). Bolsonaro ficou com 58.206.354 votos (49,10%). Uma diferença de 2.139.645 votos. Neste ano tivemos 1.769.678 votos brancos (1,43%), 3.930.765 de votos nulos (3,16%) e 32.200.558 de abstenções (20,58%), totalizando 37.901.001 eleitores (25,17%)⁴³

A partir desses números é possível concluir que a polarização política no Brasil ainda é uma questão determinante para qualquer análise que se deseje fazer, e não parece apresentar tendência à diluição. O número de eleitores que deixaram de

⁴² Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. Candidato pelo PSL, capitão reformado do Exército derrotou o petista Fernando Haddad no 2º turno e vai governar o Brasil pelos próximos 4 anos. G1. Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml> > Acesso: 06. mai. 2025.

⁴³ Eleição para Presidente. G1. Disponível em < <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/apuracao/presidente.ghtml> > Acesso em 06. mai. 2025.

votar (independente do motivo) nessas duas últimas eleições é expressivo, e esses votos poderiam oferecer ao primeiro colocado uma diferença confortável.

O sociólogo Jessé Souza, em sua obra "O pobre de direita: a vingança dos bastardos" (2024) desenvolve análises que buscam examinar não apenas o fenômeno social, religioso e econômico por trás das tendências políticas nacionais, mas o que estaria por trás dele.

O que se observa aqui é que, em um alinhamento no que Souza (2024) esboça a respeito em relação à aderência ao grupo de pessoas desfavorecidas a Bolsonaro, está justamente no fato de como o então candidato à presidência trabalhou com as fragilidades de seus eleitores. Dessa forma, não só aqueles denominados "pobres de direita", mas qualquer grupo que se encontrava na necessidade de reconhecimento viu em Bolsonaro uma "boia de salvação".

Quando pensamos a respeito do entendimento do dissenso de Rancière, pela explicação de Marques (2011), de que a linguagem não teria como finalidade a busca do entendimento, mas sim, da percepção sensível dos sujeitos, de que algo estaria errado, podemos compreender a visão do porquê Bolsonaro teria se tornado uma solução viável para quem o apoiou.

A campanha de Bolsonaro, assim como seu mandato, foi pautada na contradição. Ao mesmo tempo em que se estruturou em cima de uma narrativa baseada na heteronormatividade, em valores cristãos, no conservadorismo, inspirações ligadas ao nazi-fascismo como as motocicletas, "Brasil acima de tudo" (Deutsch über alles), ministros que parafraseiam Goebbels, ou flagrados reproduzindo gestos supremacistas, temos também a aproximação de determinados grupos que seriam diretamente afetados - negativamente - em uma gestão que flerta com essa estrutura⁴⁴. Dentre esses grupos, destacam-se aqui a comunidade judaica brasileira, foco desta pesquisa.

2.3. Jornalismo na era da internet

⁴⁴ As representações dessas figuras em questão podem ser pensadas como: Sérgio Camargo (Ex-presidente da Fundação Palmares), Augustin Fernandes (conhecido por ser maquiador de Michelle Bolsonaro), Damarens Alves (Ex-Ministra dos Direitos Humanos), Fabio Wajngarten (Advogado de Bolsonaro).

Utilizamos um objeto de estudo que, segundo a UNESCO (2022), se enquadraria como bem público, que trabalharia em prol da sociedade. Segundo a instituição

O jornalismo atua simultaneamente como um guardião independente e como um programador de agenda. Mas para que o jornalismo funcione como um bem público, ele precisa de operar em condições política e economicamente viáveis, para poder produzir notícias e análises independentes, de alta qualidade e de confiança (UNESCO, 2022, p. 8).

O que se tem observado, no entanto, ao menos no Brasil, é algo que se aproximaria da “ascensão e queda” da credibilidade do jornalismo. Kakutani (2018) afirma que esse processo de desconfiança nas instituições e narrativas oficiais ocorre desde 1960. Isso se tornou mais evidente após a ascensão de Bolsonaro à presidência, onde a imprensa se viu em uma situação de ataques diários⁴⁵ e descredibilização⁴⁶.

Devemos nos lembrar também que, nos últimos anos, a atuação do jornalismo, em especial na América Latina, se encontra em uma dupla pertença. Ao mesmo tempo em que foi importante para a normalização de um discurso cada vez mais conservador, passou a ser descredibilizado no momento em que a Extrema Direita, conservadora, ascendeu ao poder.

Como bem lembram Vieira Brito (2019) e da Silva (2012), os veículos de comunicação têm uma grande influência na construção de narrativas. Segundo Vieira Britto (2018), a revista *Veja*, no ano de 2005, foi responsável por publicar insistentemente reportagens sobre o Mensalão. Criou-se a partir deste fato, potencializado anos mais tarde com o surgimento da Operação Lava Jato⁴⁷, uma construção de “heróis” e “vilões”, possibilitando inclusive, segundo alguns estudiosos, um golpe contra a democracia, viabilizado pela imprensa.

⁴⁵ Globo. Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG. 25 de Janeiro de 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml>> Acessado em 11. Set. 2023

⁴⁶ Poder 360. 61% dizem que informações publicadas pela imprensa são mais ou menos confiáveis. 16 de outubro de 2020. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/midia/61-dizem-que-informacoes-publicadas-pela-imprensa-sao-mais-ou-menos-confiaveis/>> Acessado em 11. Set. 2023

⁴⁷ Iniciada em 2014 como uma operação do Ministério Público Federal, a partir do estado do Paraná, visando investigar casos de corrupção em diversas esferas do governo, especialmente negociações envolvendo a Petrobrás. Teve como um dos seus maiores expoentes o então juiz federal Sérgio Moro, e como seu resultado mais conhecido a prisão de Luís Inácio Lula da Silva, em 2018, ano em que concorreria à presidência da República pela terceira vez. Oficialmente, a Operação Lava Jato foi encerrada em 2021, com a reversão de condenações, anulações de sentenças, e inúmeras controvérsias sobre seus objetivos e efetividade.

Os veículos de comunicação tradicionais na época foram essenciais para a consolidação de figuras centrais para o Bolsonarismo, tal como Sérgio Moro, e a demonização de um discurso progressista. Isso possibilitou que, com o tempo, parte substancial do eleitorado brasileiro, que viu o seu partido se associar ao *establishment* (Pinheiro-Machado, 2018), se visse atraída pelo discurso moral pregado pela direita.

Como vimos trabalhando ao longo deste capítulo, é notório que o cenário midiático mudaria não apenas as formas de sociabilização, mas também a forma de se produzir o jornalismo, abrangendo questões como mudanças nas equipes de redação, corrida contra o tempo para averiguar uma informação, e inviabilidade de combater efetivamente a disseminação de “Fake news”, entre outros. Sobre isso, o questionamento trazido por Pereira e Adghirni (2011, p. 46) “como produzir um jornalismo de qualidade se não há disponibilidade de tempo hábil para uma boa apuração? Como conciliar as demandas por velocidade e ‘verdade’ na produção jornalística?” se torna necessário.

Como apontam Charron e Bonville (2016), também se criou uma concorrência exacerbada de mensagens, fazendo com que os jornais busquem se diferenciar e se preocupar com o interesse dos leitores. A “guerra por cliques” e o impacto dos algoritmos, como bem ressaltam Pereira e Adghirni (2011), em uma realidade onde as pessoas estão cada vez mais propensas a se manter em suas bolhas - muitas vezes tratando a notícia como um “produto” e consumindo apenas o que lhe convém - os portais de notícia estabelecem uma estratégia de “fidelização dos leitores”.

Além disso, como bem aponta a UNESCO (2022, p. 14), vivenciamos um aumento no processo de desinformação (de modo que as redes sociais têm um grande impacto), fazendo com que a imprensa tradicional tenha dificuldades de acompanhar e verificar fatos. Isso traz, nos termos da organização, “preocupações sobre uma ‘era da pós-verdade’, na qual os cidadãos evitam os factos e consomem conteúdos que, pelo contrário, apelam às suas emoções ou crenças políticas”.

Dentro desse cenário de radicalização e em um contexto em que todos parecem ter a necessidade de emitir uma opinião a respeito de absolutamente tudo, devemos pensar em estratégias para a construção de uma comunicação pautada na escuta e na existência de discursos legitimamente diversos. É por esse caminho que devemos retomar os parâmetros do que seria o papel basilar do Jornalismo. Reginato (2020, p. 43) destaca uma das doze finalidades do jornalismo, resultado de sua tese defendida no ano de 2016, que se baseia no “papel de informar de modo qualificado”.

O ato de informar em si é colocado de modo distinto e contraditório, segundo a autora (Reginato, 2020 p. 44). Ao mesmo tempo em que a informação pode ser tida como algo a ser “repassado por si só”, há quem entenda que a informação “significa apresentar fatos úteis, com critérios de seleção, precisão, consistência, originalidade”.

A autora se posiciona ao desenvolver a ideia de que o papel do jornalista vai muito além de transmitir uma informação; não só isso, mas ter ideia sobre que tipo de informação está sendo passada.

Informar de modo qualificado significa fornecer para a sociedade a síntese dos principais acontecimentos, garantindo o acesso de diferentes públicos a essa informação. Para ser qualificada, a informação deve ser: verificada, relevante, contextualizada, plural e envolvente (Reginato, 2020, p. 47).

Contudo, devemos pensar em como aplicar esse processo de “transferir” a informação para o público em geral, especialmente quando estamos inseridos em um contexto de crise, excesso de material a ser analisado e descredibilização da grande imprensa.

Outro ponto a ser analisado, não necessariamente dentro do escopo desta pesquisa, mas talvez como uma sugestão de pesquisas futuras, é em relação a observação das instituições, em especial os veículos de comunicação, em nomear a gestão de Bolsonaro enquanto um governo fascista. Mais do que apontar conexões ou similaridades, consideramos crucial problematizar questões como a banalização de conceitos, excessivo uso de categorias de modo anacrônico e o impacto disso sobre a sociedade.

2.4. Papel do Jornalismo no combate ao Antissemitismo: o estudo de caso da Folha de S. Paulo e G1

A partir do cenário descrito, relacionado às mudanças ligadas à produção de conteúdo, credibilidade, discussões pautadas pelo afeto e o acesso a uma quantidade excessiva de informações, nos delimitaremos agora em focalizar nosso debate relacionado ao “ressurgimento” do antissemitismo na sociedade brasileira.

Um primeiro ponto que discutimos aqui é uma certa dificuldade que alguns setores da sociedade brasileira têm em lançar um olhar mais crítico para a aproximação de Bolsonaro com símbolos judaicos, e em compreender que essa

aparente performance filossemita esconderia um discurso antissemita. Sendo o jornalismo fruto desta mesma sociedade, como poderíamos perceber o seu papel durante este processo?

Os processos comunicativos, como foi abordado aqui, passaram por diversas mudanças. Em paralelo a isso, mundialmente enfrentamos a ascensão de um discurso reativo às conquistas democráticas adquiridas nas últimas décadas. Essas lideranças anti-democráticas, mesmo que eleitas em processos dentro de regimes democráticos, tal qual Donald Trump e Jair Bolsonaro, se apropriaram das ferramentas midiáticas, amplamente difundidas, para disseminar seus discursos e angariar possíveis eleitores. É justamente nesse processo de mudança, complexo e permeado de controvérsias, que sustentamos o debate desenvolvido nesta dissertação.

As práticas relacionadas a manifestações de ódio, longe de ser algo inédito, se mostram cada vez mais intensas no âmbito das interações on-line. Quando tratamos especificamente do antissemitismo, não diferente de outras formas de preconceito, monitores como a Anti-Defamation League publicam periodicamente relatórios que comprovam o aumento no número de casos tanto no âmbito *on-line* quanto *off-line*. Contudo, seria esse aumento percebido pela sociedade em geral?

Desde que a instrumentalização da identidade judaica imaginária se tornou uma prática comum dentro do bolsonarismo, percebeu-se uma nova leitura sobre a prática do antissemitismo: um discurso que homogeniza um grupo, mas que aparenta ser afetuoso. Em outras palavras, ao tentar se aproximar de certos segmentos da comunidade judaica, e adotar seus símbolos, ele nega toda a diversidade do grupo ao reduzir uma coletividade a uma parcela do grupo alinhada politicamente.

Ao realizar essa aproximação, seria muito cômodo ao bolsonarismo utilizar desta técnica para se proteger das acusações de similaridades nazistas e fascistas, por exemplo. Uma estratégia semelhante foi utilizada por Bolsonaro para se proteger diretamente das acusações de que seria machista, racista ou homofóbico quando ele trouxe para perto de si figuras como sua esposa Michelle, o maquiador Agustin Fernandez e Hélio “Negão” Lopes⁴⁸.

⁴⁸ Hélio Lopes, conhecido publicamente como Hélio “Negão” ou ainda, Hélio Bolsonaro, é um militar brasileiro que alcançou fama nacional durante a campanha de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018. Ele próprio candidato à Deputado Federal, baseou sua campanha na amizade com Bolsonaro (a quem definia como “irmão”), e no fato de se definir como “cristão, evangélico, casado, “pró-vida”. Foi eleito o Deputado Federal com maior número de votos pelo estado do Rio de Janeiro em 2018, e reeleito em 2022.

Essa aproximação estratégica, que a realidade midiática consegue traduzir e amplificar, foi um dos possíveis fatores que fez com que setores da “comunidade judaica” tivessem seus afetos mobilizados iniciando assim apoio a Bolsonaro. Na contramão disso, a “comunidade” em geral acabou sendo colocada no centro do debate político brasileiro, sendo associada completamente, sem distinção, ao bolsonarismo.

Sendo o jornalismo uma prática que acaba por refletir a sociedade em que está inserida, consideramos válido o questionamento: se setores da sociedade parecem incapazes de identificar e, conseqüentemente, denunciar os recorrentes ataques antissemitas, como esperar que a instituição jornalística faça isso? E mais: como esperar que esse enfrentamento seja feito em um cenário no qual as discussões são norteadas pelas emoções e afetos?

Seria necessário, então, como apontam Pereira e Adghirni (2011, p. 42), a presença de novos atores, que, no caso, joguem luz sobre a crescente onda de antissemitismo. Levando em consideração o caráter ambivalente das plataformas digitais (ao mesmo tempo que dissemina ódio, é capaz de trazer vozes combativas), é possível encontrar, por exemplo, coletivos judaicos que têm produzido conteúdo próprio, visando não apenas a defesa de seus membros, mas também informar e educar outras pessoas.

Para esta pesquisa, foram selecionadas e analisadas reportagens publicadas nos veículos Folha de S. Paulo e G1, no período que abrange a gestão de Jair Bolsonaro na presidência (2019-2022).

3. Metodologia

Ao longo do governo de Jair Bolsonaro - e, talvez, até um pouco antes da sua gestão propriamente dita - alguns pesquisadores têm se dedicado a estudar a instrumentalização dos judeus brasileiros feita pelo ex-chefe de Estado, seus símbolos e códigos. E além disso, identificar como essa aproximação poderia, ou não, estar contribuindo para um novo discurso antissemita, crescente desde então.

Nesta pesquisa, direcionamos o estudo do fenômeno a partir da cobertura jornalística. Em outras palavras, nos apoiando na contextualização teórica desenvolvida durante os dois primeiros capítulos, a respeito da ascensão da extrema direita e o sequestro dos símbolos judaicos que vem se verificando no Brasil, será possível perceber essa captação pela perspectiva dos veículos de imprensa.

Dessa forma, foram selecionadas ao todo 23 reportagens de veículos de dois imprensa nacionais (Folha de S. Paulo e G1), e analisadas a abordagem e a “leitura” do que se identifica como aproximação de Jair Bolsonaro para a instrumentalização dos judeus brasileiros. Além do recorte temporal das reportagens (2019-2022), foram estabelecidas categorias-chave, visando uma seleção mais precisa da amostra para a pesquisa.

Essas categorias foram escolhidas a partir do referencial teórico descrito e debatido nos dois capítulos iniciais deste trabalho. Fundamentalmente, o escopo teórico abrangeu temas como antissemitismo, identidade judaica, processo de radicalização recente de discursos, a inserção da sociedade no contexto midiático, dentre outros; no processo de revisão teórica, foram percebidos alguns padrões frequentes, que seriam o suficiente para dar início à coleta de reportagens iniciais para compor a amostra a ser analisada.

Os padrões recorrentes identificados foram:

- A. Apropriação da imagem do judeu imaginário;
- B. Influência de Donald Trump e dos Evangélicos na guinada pró-Israel.

O processo metodológico utilizado para organizar os materiais, tornando-os passíveis de análise, foi baseado na Análise de Conteúdo, desenvolvido por Laurence Bardin (2011). A autora estabelece uma série de estágios a serem seguidos, conforme a necessidade da pesquisa, para se alcançar, no final, um resultado capaz de agrupar

informações de forma qualitativa. E é justamente a partir desse resultado que o pesquisador poderá realizar suas interpretações da melhor forma.

A partir de determinadas palavras chaves como: “Bolsonaro e Israel”, “Bolsonaro e Judeus”, “Bolsonaro e evangélicos”, também colocando atenção no período temporal das matérias, é que foi possível se chegar nas amostras coletadas para a análise. A questão da diferença de reportagens da Folha de S. Paulo e do Portal G1, se deu justamente por conta dos resultados desta busca.

Para fins da pesquisa que originou esta dissertação, organizamos a amostra coletada por a) meio de veiculação, b) título da matéria/reportagem, c) ano de veiculação, e d) categoria analítica onde se enquadra, como demonstrado abaixo.

Tabela 1 – Relação de reportagens selecionadas para análise

Portal	Reportagem	Ano	Categorias
Folha de S. Paulo	Associação entre Israel e conservadorismo de Bolsonaro preocupa alguns judeus	5 de jan. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Choques entre núcleos pragmático e ideológico atrapalham governo Bolsonaro	9 de mar. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Bolsonaro diz que trocará embaixador nos EUA somente após visita a Trump	13 de mar. de 2019	A
G1	Viagem de Bolsonaro a Israel não terá definição de transferência da embaixada	22 de mar. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Embaixada brasileira em Jerusalém seria 'agressão desnecessária', diz autoridade palestina	26 de mar. de 2019	B
Folha de S. Paulo	Bolsonaro deverá trocar embaixada por escritório em Jerusalém	28 de mar. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Em quebra histórica de tradição diplomática, Bolsonaro visitará Muro das Lamentações com Netanyahu	30 de mar. de 2019	A
G1	Bolsonaro embarca neste sábado	30 de mar. de	A

	para visita oficial a Israel	2019	
G1	Após cogitar transferir embaixada, Bolsonaro anuncia escritório comercial em Jerusalém	31 de mar. de 2019	A, B
G1	Decisão de Bolsonaro gera custo para o Brasil e não agrada Israel nem a Palestina	1 de abr. de 2019	A
Folha de S. Paulo	Evangélicos lamentam recuo de Bolsonaro ao anunciar escritório em Jerusalém	1 de abr. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Viagem de Bolsonaro a Israel teve papel simbólico e poucos efeitos práticos, dizem analistas	3 de abr. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Em 100 dias, Bolsonaro coleciona recuos em ações de governo; relembre 11 deles	9 de abr. de 2019	A
Folha de S. Paulo	Em almoço com evangélicos, Bolsonaro afaga os filhos, Magno Malta e Israel	11 de abr. de 2019	A, B
G1	Bolsonaro participa da Marcha Para Jesus em São Paulo	20 de jun. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Estamos preparados para fazer frente a qualquer ameaça, diz general sobre posse	30 de dez. de 2019	A, B
Folha de S. Paulo	Bolsonaro afirma que transferirá embaixada para Jerusalém até 2021	3 de fev. de 2020	A, B
Folha de S. Paulo	Comunidade judaica brasileira reage a uso da bandeira de Israel em atos antidemocráticos	10 de mai. de 2020	A, B
Folha de S. Paulo	Partida de embaixador amigo de Bolsonaro sinaliza mudança na relação com Israel	24 de fev. de 2021	A, B
G1	Primeira-dama, Michelle Bolsonaro vota em Ceilândia, no DF	30 de out. de 2022	A
Folha de S. Paulo	Lula é eleito presidente pela 3ª vez; acompanhe as principais notícias das eleições	6 de dez. de 2022	A

Folha de S. Paulo	Israel pressiona, e governo Bolsonaro muda voto na ONU sobre direitos na Palestina	14 de dez. de 2022	A
-------------------	--	--------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Observou-se durante a leitura flutuante das reportagens que outros temas também foram abordados como, por exemplo, a insatisfação da comunidade árabe residente da região do Oriente Médio com relação à possibilidade da transferência da embaixada, considerando que o Brasil é um dos maiores exportadores de carne Halal⁴⁹ do mundo. Contudo, mesmo que relevantes, temas que se afastam das categorias descritas anteriormente foram desconsiderados para a análise, visto que fogem do tema e do objeto da pesquisa.

Partindo da tabela construída anteriormente, que abrange as categorias analíticas definidas, percebe-se que algumas categorias são mais frequentes que outras: em relação à apropriação do judeu imaginário (temática esta que engloba elementos como a transferência da embaixada e uso de simbologias judaicas, como a bandeira israelense e uso de vestimentas religiosas), temos ao todo 22 aparições nos veículos a serem estudados (sendo 16 na Folha de S. Paulo e 6 no G1). Já a respeito da influência de Donald Trump e dos evangélicos na guinada pró-Israel, temos ao todo 14 aparições (sendo 11 na Folha de S. Paulo e 3 no G1). Na prática, essa influência de Donald Trump e dos evangélicos estão presentes nas reportagens de forma que, sempre há uma menção a estes atores quando se trata a respeito da guinada pró-Israel.

Após a definição das categorias e posterior identificação delas nas matérias e notícias selecionadas (partindo de uma leitura flutuante), passamos à etapa seguinte, de releitura dos textos, para que fosse possível interpretá-los e situar cada categoria conforme o contexto de aparição.

Como aponta Krinppendorf (2019, p. 27) a escolha de alguns pesquisadores pelo uso da análise de conteúdo consiste na busca de significados. Os textos, segundo o autor, são feitos para serem significativos para quem os lê, não apenas

⁴⁹ Carne Halal, ou Proteínas Halal diz respeito a animais (bovinos e aves) abatidos de acordo como a Sharia, principal lei religiosa islâmica. A certificação concedida a frigoríficos para assegurar que os abates seguem a Sharia impulsiona o mercado exportador brasileiro para países árabes e para Israel.

para os pesquisadores. Deve-se lembrar também que os textos analisados estão inseridos em um determinado contexto.

Partindo do que sugere Bardin (2011), o passo seguinte é a formulação de hipóteses. No caso desta pesquisa, o principal questionamento que orientou o processo foi: a partir da análise da cobertura feita pelos veículos selecionados sobre a instrumentalização dos judeus brasileiros feita por Bolsonaro, é possível identificar e/ou determinar uma linha comum no posicionamento adotado pela imprensa? Como aponta a autora, uma vez tendo formulado uma ou mais hipóteses, é necessária a “elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (Bardin, 2011, p. 124). Isso é: uma análise densa dos textos permite dizer que o modo como ele é construído será suficiente para indicar o posicionamento do veículo, e, de modo mais amplo, da imprensa.

Com o material devidamente organizado e tendo as categorias sido postas em destaque e agrupadas, é o momento em que eles passarão pelo processo de tratamento dos resultados obtidos e da interpretação. A partir da comparação entre os achados da pesquisa da amostra (matérias e reportagens), e a revisão do repertório teórico, foi possível comprovar a hipótese acerca do posicionamento da imprensa frente à instrumentalização dos judeus brasileiros feita pelo governo de Bolsonaro.

4. Análise

Para o desenvolvimento das análises, foram selecionadas ao todo 23 reportagens do jornal da Folha de S. Paulo e do portal G1, entre os anos de 2019 a 2022, que envolvessem o governo de Jair Bolsonaro, mais os elementos de instrumentalização dos judeus brasileiros, os quais já foram descritos nos dois primeiros capítulos deste trabalho.

A íntegra das reportagens e matérias que compõem a amostra de pesquisa está disponível no anexo, e, aqui apresentadas em formato reduzido. Os fragmentos dispostos neste ponto da dissertação foram escolhidos por serem ilustrativos do tema, objeto e interesse da pesquisa desenvolvida.

4.1. Apropriação da imagem do judeu imaginário por Jair Bolsonaro

A fim de demonstrar a organização estabelecida para o material coletado, a descrição a seguir obedece a um formato de blocos temáticos, através do qual foi possível analisar o processo de instrumentalização pesquisado a partir das categorias definidas. Iniciamos pela análise da repercussão sobre a mudança da Embaixada brasileira em Israel, e na sequência abordaremos os usos da bandeira israelense em manifestações (bem como de outros símbolos judaicos).

No que diz respeito à cobertura da mudança da Embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, dentre as reportagens selecionadas, percebeu-se que em onze delas (sete da Folha de S. Paulo e quatro do G1), o assunto apareceu de alguma forma. Em relação à transferência da embaixada (2019), foram escolhidas algumas manchetes para demonstrar como o assunto foi tratado:

Cabe ressaltar que, de modo geral, a abordagem dos veículos selecionados sobre a transferência da Embaixada sempre mencionou o fato de ser uma “promessa de campanha”, ainda que em outros momentos apareça como uma “promessa” feita ao Primeiro-Ministro de Israel, diretamente. Podemos observar nos seguintes exemplos:

“O presidente Jair Bolsonaro voltou a se comprometer em transferir a embaixada brasileira de Israel de Tel-Aviv para Jerusalém, uma *promessa feita ainda durante a campanha eleitoral em 2018*. Ele disse que a medida deve acontecer até 2021. (Fernandes, 2020, destaque da autora)

A decisão do presidente Jair Bolsonaro de abrir um escritório de representação em Jerusalém, em vez de transferir para a cidade santa a embaixada brasileira, é um recuo que precisa ser visto como uma medida correta. O gesto é muito mais político e buscou cumprir, em parte, *a promessa feita desde a campanha ao primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, de transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém.* (Cruz, 2019, destaque da autora)

O texto da Folha de S. Paulo, intitulado “Bolsonaro afirma que transferirá embaixada para Jerusalém até 2021”, redigido por Thalita Fernandes (2020), restringe-se ao gênero informativo. Enquanto isso, o G1, na reportagem “Decisão de Bolsonaro gera custo para o Brasil e não agrada a Israel nem a Palestina”, escrito por Valdo Cruz (2019), destacou que a decisão foi um “gesto político”. Ao mesmo tempo, Cruz (2019) deixa explícito seu apoio à decisão, ou seja, o recuo de Bolsonaro.

Da mesma forma que houve ênfase na transferência da Embaixada como “promessa de campanha”, também houve destaque ao que foi tratado por alguns veículos de mídia jornalística como “recuo” por parte do então presidente, mencionando que, ao invés de transferir a Embaixada, seria aberto um escritório. É possível observar isso no próprio fragmento da reportagem do G1 citada anteriormente.

Pensar a respeito da transferência, em perspectiva política, especialmente de uma campanha, leva ao debate sobre o uso e mobilização de afetos, como pontuamos anteriormente, mesmo que depois as promessas não tenham sido efetivamente cumpridas. Aproveitando-se de inúmeros elementos propícios como sua viagem à Israel e o grande descontentamento político, o uso de determinadas simbologias de um grupo que pouco se via representado, poderia ser uma chance de atrair a atenção do eleitorado (Chagas, 2023; Gherman, 2022).

No caso analisado aqui, a transferência de sede de uma Embaixada depende de muitos fatores para além de uma “vontade” do presidente - relações internacionais e política externa, por exemplo. Mas como poderíamos pressupor a partir de Arendt (1989), a coerência aqui pouco importa para o líder totalitário, visto que o objetivo final é alcançar o poder e lutar por interesses próprios.

No campo dos afetos mobilizados, quando Bolsonaro se posiciona “a favor de Israel”, há pelo menos duas questões essenciais a serem tidas em conta, as quais foram abordadas inicialmente nas seções teóricas deste trabalho: 1) a quem ele se refere e 2) os interesses políticos por trás da afirmação/indicação de posição.

A respeito do primeiro ponto, sabemos que os judeus no Brasil são, além de diversos, numericamente inexpressivos enquanto eleitorado. Os evangélicos, por outro lado, mesmo que também sejam diversos em suas visões, possuem um poder de voto sem dúvidas mais expressivos, como tem demonstrado pesquisas e obras recentes sobre o tema. A complexidade do problema talvez seja exatamente esta, de compreender de que Israel, como país citado em promessas, só existe no campo imaginário, e assim, é menos judeu e mais evangélico neopetencostal, por exemplo.

Vale aqui retornar o conceito desenvolvido por Gherman e Klein (2021), ao abordar o “filossemitismo”, adotado e praticado por setores conservadores de algumas igrejas de denominações evangélicas brasileiras, e o apoio da chamada “bancada evangélica” ao então presidente, demonstrando que o “público” das promessas envolvendo a Embaixada e Israel é, de fato, este. O conceito já citado, de “judeu imaginário” é acionado e mobilizado nesse debate de modo inegável (mesmo que contraditório) - o judeu é branco, cristão, conservador e ultra-capitalista.

Nessa perspectiva, como se poderia interpretar a “volta atrás” (ou, para a mídia, o “recuo”) de Bolsonaro? Chama atenção, especialmente uma mudança de posicionamento histórico do Brasil em relação a Israel e a região, bem como em relação aos conflitos havidos (o país sempre buscou adotar uma postura moderada). A principal justificativa para o não avanço e a não concretização da transferência da Embaixada - uma resposta contrária de países árabes descontentes -, não encontra sustentação e poderia ser lida como “esperada”. É presente também o desagrado por parte da conhecida bancada ruralista, por questões econômicas, como foi mencionada em muitas das reportagens selecionadas.

“Essa ‘indecisão’ de Bolsonaro em relação à mudança da embaixada, como menciona essa matéria, é um ponto sensível para seus eleitores evangélicos. ‘A mudança da embaixada é ponto sensível aos evangélicos, que são uma das principais bases de apoio do governo. Por outro lado, enfrenta a resistência dos militares, que deram amparo à eleição de Bolsonaro’” (Folha de S. Paulo, 2020).

Temos aqui, na citação anterior, duas bases eleitorais essenciais para a eleição de Bolsonaro: a bancada evangélica e a militar. Como é possível observar, essas duas bancadas entraram em choque, devido aos interesses particulares de cada frente, em relação a movimentação a respeito da transferência ou não da embaixada.

Sendo assim, por que teria Bolsonaro insistido com essa pauta em seus discursos? Lembremos da fala de Arendt (1989), onde ela menciona que o líder totalitário se aproveita de discursos e pautas de eleitores em potenciais para poder se promover. Neste caso, como vemos no fragmento de reportagem publicada na Folha de S. Paulo, escrita por Fernandes e Uribe (2019), intitulada “Choques entre núcleos pragmático e ideológico atrapalham governo Bolsonaro”, temos o seguinte fragmento: “O núcleo ideológico apoia a bandeira da bancada evangélica e convenceu o presidente a defender a mudança”.

Dessa forma, a bancada evangélica reforçaria não só o público de Bolsonaro, mas também a ideia de Arendt da apropriação do discurso por parte do próprio Bolsonaro. Em outras palavras, Israel seria um projeto político para ascender ao poder, não necessariamente uma convicção efetiva de procurar construir ou ampliar as estratégias de uma política externa na região.

Mesmo que não seja a intenção da reportagem, é a partir da resposta de Oliver Stunkel, professor de Relações Internacionais da FGV, para a reportagem “Viagem de Bolsonaro a Israel teve papel simbólico e poucos efeitos práticos, dizem analistas” (Folha de S. Paulo, 2019) que podemos perceber o quão identificável é o “filosemitismo” de Bolsonaro em relação à “comunidade judaica”, visto que a construção de um “apoio à Israel” poderia se dar de outras formas.

Em relação à mobilização de outras simbologias judaicas durante a gestão bolsonarista temos, por exemplo, o uso da bandeira israelense em manifestações antidemocráticas, e o uso do Shofar⁵⁰. Em algumas dessas reportagens (duas) é possível encontrar grupos de judeus se posicionando contra a esses usos.

No dia da posse, o pastor identificado como Laurindo Shalom, de 64 anos, que ministra na igreja Presbiteriana, foi encontrado no gramado em frente ao Museu Nacional levando uma bandeira de Israel e uma trombeta de chifre de carneiro (Shofar). Segundo o que consta na reportagem “Estamos preparados para fazer frente a qualquer ameaça, diz general sobre posse” de Turollo Jr e Fabrini (2019), publicado na Folha de S. Paulo, o pastor teria tocado o instrumento “a pedido de Deus”.

A exemplo da reportagem que menciona o Pastor Presbítero Laurindo Shalom, notamos aqui uma representação prática do que foi tratado em relação a essa construção do “Judeu imaginário” por parte do público neopentecostal. Temos aqui

⁵⁰ Instrumento ritualístico judaico, feito geralmente de chifres de carneiro, tocado em cerimônias e celebrações específicas, como Hosh Hashana.

um pastor que se utiliza de elementos judaicos para a construção da sua identidade de “não judeu judeu”.

Há reportagens que, ao tratar a respeito da viagem de Bolsonaro a Israel, mencionam a visita do então Presidente a locais de grande importância para os Judeus, como o Yad Vashem e o Muro das Lamentações. Como podemos ver:

“O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, visitará o Muro das Lamentações acompanhado pelo primeiro-ministro israelense Binyamin Netanyahu, em um movimento que representa uma quebra da política brasileira em relação aos territórios de Jerusalém Oriental considerados pela comunidade internacional como ocupados por Israel.” (Quero, 2019)

Um fato muito significativo ocorreu durante a visita ao memorial do Holocausto (Yad Vashem), onde houve uma declaração por parte de Bolsonaro, que disse considerar o nazismo como algo ligado à esquerda. Logo após a declaração, a instituição declarou que “considera o nazismo como parte de uma onda de movimentos de direita radical que surgiram na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial.” (Folha de S. Paulo, 2019).

Como mencionado, não teria sido a primeira vez em que Jair Bolsonaro dava declarações reforçando um discurso que contrariava suas posições filosemitas. Já havia acontecido anteriormente em sua palestra na Hebraica do Rio de Janeiro, em 2018. Sua ida ao Yad Vashem seria então, mais um exemplo da utilização de certos grupos sociais enquanto *tokens*⁵¹, no caso os judeus; em outras palavras, trazer determinados grupos para perto de si, visando demonstrar uma falsa diversidade.

Um fato bastante simbólico ocorreu durante a cobertura da viagem de Bolsonaro a Israel, a respeito da contextualização da cidade de Jerusalém. Na reportagem “Após cogitar transferir embaixada, Bolsonaro anuncia escritório comercial em Jerusalém” do G1, podemos ler:

“No primeiro dia da visita oficial a Israel, o presidente Jair Bolsonaro anunciou neste domingo (31), após se reunir com o premiê Benjamin Netanyahu, a abertura de um escritório comercial do governo brasileiro em Jerusalém, cidade considerada sagrada por cristãos, judeus e muçulmanos e que não é reconhecida internacionalmente como capital israelense” (G1, 2019B).

⁵¹ Termo do inglês, muito utilizado no meio da tecnologia, para se referir a um tipo de símbolo ou representação. Dentro deste contexto, nos utilizamos este termo para nos referir a determinados grupos sociais sendo utilizados por outros, para representarem determinados tropos/características convenientes.

Na reportagem publicada na Folha de S. Paulo a respeito do descontentamento da bancada evangélica a respeito da não transferência da embaixada de Tel Aviv para Jerusalém, ao se mencionar a importância da cidade de Jerusalém, vemos algo diferente da citação anterior:

“Como esperar um filé mignon e receber uma carne de segunda. A metáfora foi usada por um fiel evangélico irritado com o anúncio de Jair Bolsonaro, neste domingo (31), de que o Brasil abrirá um escritório comercial, e não uma embaixada, em Jerusalém, terra tida como sagrada por cristãos, evangélicos e muçulmanos”. (Folha de S. Paulo, 2019c)

O que destacamos aqui nesses fragmentos é a questão do direcionamento feito pelas reportagens, ao indicar para quem a região é sagrada. No primeiro caso, temos que é sagrada para Judeus, Muçulmanos e cristãos. Já no segundo caso, é tida como sagrada para cristãos, evangélicos e muçulmanos.

Longe de afirmar se é algo intencional, não se sabe ao certo o porquê da omissão da reportagem da Folha de S. Paulo, em não mencionar a importância da cidade para os judeus, e optar por mencionar os evangélicos.

Houve também um notório caso durante a gestão bolsonarista, onde a Ministra de Direitos Humanos, Damare Alves, declarou que “Meninos vestem azul e meninas vestem rosa”. Na reportagem publicada pela Folha de S. Paulo, em 2019, intitulada “Associação entre Israel e conservadorismo de Bolsonaro preocupa alguns judeus” e assinada por Daniela Kresch, que retratava o caso, menciona a presença da bandeira de Israel atrás da então Ministra.

“Uma bandeira de Israel tremula atrás da nova ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, a advogada e pastora evangélica Damare Alves, no vídeo que viralizou nesta quinta-feira (3), no qual ela afirma que, na ‘nova era no Brasil’, ‘menino veste azul e menina veste rosa’”. (Kresch, 2019)

Este evento acabou repercutindo em Israel, onde gerou opiniões contrárias à Ministra. De modo geral, pessoas como o ex-cônsul econômico de Israel em São Paulo, Roy Nir-Rosenblatt e o cientista político Samuel Feldberg, destacaram o quanto o então governo construiu essa imagem conservadora de Israel, que não condiz com a realidade.

O próprio cônsul Nir-Rosenblatt diz à reportagem

Por um lado, precisamos desse apoio dos evangélicos pelo mundo, inclusive os brasileiros. Mas, por outro, irrita essa apropriação da nossa bandeira, porque Israel não tem nada a ver com essas crenças, com esse fanatismo (Kresch, 2019).

Há um outro momento em que as bandeiras israelenses se fazem presentes, como foi no caso da Marcha para Jesus⁵². Segundo o G1, veículo responsável pela matéria, menciona a popularidade do item:

Durante a longa caminhada os fiéis acompanham trios elétricos com pastores e bandas gospel. Ao longo do percurso não faltam vendedores ambulantes: um dos itens mais populares era a bandeira de Israel, usada por alguns fiéis como manto (G1, 2019).

A respeito do desconforto gerado por tais usos de simbologia judaica em manifestações antidemocráticas feitas pela extrema direita, não foi apenas na reportagem relacionada a Damares Alves que encontramos outras vozes sinalizando isso. Uma das reportagens que concedeu espaço para a referida manifestação de parte da “comunidade judaica” foi “Comunidade judaica brasileira reage a uso da bandeira de Israel em atos antidemocráticos”, publicada pela Folha de S. Paulo, no dia 10 de maio de 2020, assinado por Ferraro (2020)⁵³. A reportagem inicia de forma descritiva falando a respeito de um ato bolsonarista em frente de um quartel, onde o então chefe de Estado declara “Não queremos negociar nada”. Nesse ato podiam ser vistas bandeiras israelenses.

Logo em seguida, a reportagem menciona que “a presença do símbolo do Estado judeu é comum em manifestações de apoio ao presidente, mas sua associação com a defesa de pautas antidemocráticas tem sido criticada por membros da comunidade judaica brasileira” (Ferraro, 2020).

Percebemos que, ao longo da reportagem, procurou-se entrevistar ou compartilhar notas de diversos nomes ligados a instituições judaicas distintas, que

⁵² Expressão máxima de determinadas correntes cristãs no Reino Unido, a Marcha para Jesus iniciou no fim da década de 1980, e chegou ao Brasil através da Igreja Evangélica Renascer em Cristo, em 1993, sendo realizada desde então. A 32ª Edição da Marcha, em São Paulo, realizada em 30 de maio de 2024, reuniu mais de dois milhões de pessoas, contou com a presença do governador do estado e do prefeito da capital, além de diversas lideranças religiosas outros representantes políticos. A Marcha também acontece em cidades do interior de São Paulo e em mais de mil outros municípios (incluindo capitais) do Brasil, todos os anos. Além da cobertura da imprensa e de veículos de mídia, os dados podem ser acessados em <https://www.marchaparajesus.com.br/>

⁵³ Ferraro, Manuela; FOLHA DE S. PAULO. Comunidade judaica brasileira reage a uso da bandeira de Israel em atos antidemocráticos. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/comunidade-judaica-brasileira-reage-a-uso-da-bandeira-de-israel-em-atos-antidemocraticos.shtml>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

pudessem demonstrar leituras diferentes a respeito dos usos da bandeira de Israel em manifestações Bolsonaristas. Dentre os nomes, aparecem Fernando Lottenberg, Presidente da Confederação Israelita do Brasil (CONIB), com referência a uma nota institucional. Em sua fala, Lottenberg diz: “Lamentamos o uso da bandeira de Israel, uma democracia vibrante, em atos antidemocráticos. Isso pode passar uma mensagem errada sobre a comunidade, que é plural, com judeus e judias em todo espectro político”.

Podemos citar também o Instituto Brasil-Israel⁵⁴, B’nai B’rith do Brasil⁵⁵, *Stand With Us* Brasil⁵⁶ e Judeus pela democracia⁵⁷, como outras organizações que foram ouvidas pela reportagem. A Embaixada israelense foi procurada, porém não quis comentar (Ferraro, 2020).

A reportagem também menciona o “racha” na comunidade judaica a respeito dos diversos posicionamentos manifestados em relação às posições e falas de Bolsonaro. Esse possível “racha” evidenciaria tensões presentes na comunidade, traduzida por exemplo, nas ausências de nomes como o embaixador israelense no Brasil, Yossi Shelley, Meyer Nigri, da Tecnisa, Eli Horn, da Construtora e Incorporadora Cyrella, e Fabio Wajngarten, secretário de Comunicação do governo Bolsonaro, na 50ª convenção realizada pela CONIB.

O motivo foram críticas feitas por Lottenberg à declaração de Bolsonaro de que o “nazismo era um movimento de esquerda”. Shelley disse que o presidente da Conib “tem uma agenda política própria”, fala mal de Bolsonaro e “a comunidade [judaica] não gosta disso” (Ferraro, 2020).

⁵⁴ Instituto Brasil-Israel é uma instituição responsável por disseminar “conhecimento sobre Israel, acolhe e estimula o diálogo com os públicos que constituem a sociedade civil brasileira e combate o antissemitismo. Prezando sempre pela qualidade e diversidade, o instituto incorpora uma rede ampla de colaboradores, segue uma linguagem plural e convida ao debate também vozes discordantes” Disponível em <<https://www.institutobrasilisrael.org/>>.

⁵⁵ B’nai B’rith é uma organização judaica internacional presente no Brasil desde 1933, conhecida por sua atuação em defesa dos direitos humanos, promoção da democracia e combate ao antissemitismo Disponível <<https://www.bnai-brith.org.br/>>.

⁵⁶ “A StandWithUs é dedicada a ajudar a ensinar pessoas de todas as idades sobre Israel e a combater o extremismo e o antissemitismo. Cremos que o conhecimento dos fatos corrigirá os preconceitos comuns sobre o conflito árabe-israelense e promoverá discussões e políticas que possam ajudar a promover a paz na região” Disponível em: <<https://www.standwithus.com/brazil>>

⁵⁷ Judeus Pela Democracia foi um coletivo autônomo, organizado por judeus e judias do Rio de Janeiro e de São Paulo, ainda em 2017, inicialmente chamado de “Judeus Contra Bolsonaro”. Em São Paulo, o coletivo adotou posteriormente o nome Judeus e Judias Pela Democracia.

De certo modo, é possível perceber que parte da pesquisa realizada por Reinke (2025), em certa medida, é observada aqui, especialmente em relação às divergências e/ou limitações relacionadas a forma como judeus brasileiros (e também israelenses, segundo algumas reportagens) enxergam a aproximação do bolsonarismo com judeus.

Porém, ao mesmo tempo que temos exemplos de pessoas e entidades que desaprovam os usos da bandeira israelense em manifestações ligadas à Bolsonaro, temos pessoas entrevistadas que não desaprovam totalmente o apoio à Israel (o apoio seria bem recebido, considerando o aumento nos casos de antissemitismo). Apesar disso, essas pessoas também se preocupam com o fato de que o país (Israel) possa ser alvo de uma construção imaginária que o distancie do que ele é.

Uma questão a ser considerada é que, como demonstramos anteriormente, essa apropriação de símbolos judaicos não é algo recente. Foi mencionada a pesquisa de Gherman e Klein (2021), que identificou o uso de bandeiras israelenses nas jornadas de 2013. Anos mais tarde, em 2017, após a viagem de Jair Bolsonaro à Israel, esta popularização teria ficado mais evidente.

Não sabemos ao certo se essa estratégia de Bolsonaro em relação a essa instrumentalização foi algo planejado desde o início, ou se foi um “acaso”. O que importa, de qualquer forma, foi que a equipe soube muito bem se utilizar dos usos de tais afetos para manipular os eleitores.

Retomamos aqui um questionamento feito no terceiro capítulo:

Sendo o jornalismo uma prática que acaba por refletir a sociedade que está inserida, devemos nos questionar o seguinte fato: se setores da sociedade parecem incapacitados em identificar e, conseqüentemente, denunciar os recorrentes ataques antissemitas, como esperar que a instituição jornalística exerça? Além disso: Como esperar que esse enfrentamento seja feito em um cenário no qual as discussões são norteadas pelas emoções e afetos? (Medici, 2025, p. 56)

Do que podemos depreender até aqui, aparentemente os elementos utilizados pelo bolsonarismo visando se proteger de acusações de antissemitismo realmente funcionaram. Mesmo que houvesse lideranças judaicas que provassem ao contrário, o discurso do “judeu imaginário” e da “Israel imaginária” não foi questionada.

Dessa forma, é impossível chamar pelo nome algo que deixa de ser entendido como tal, especialmente quando se cria um consenso que judeus, estariam ligados a uma gestão de extrema direita. E isso nos traz algumas consequências.

Uma delas é o juízo moral imposto à vítima por conta da sua história. Isso pode ser exemplificado quando ouvimos frases do tipo: “como é possível que os judeus, que passaram pelo Holocausto, podem apoiar um governo genocida?”. Sobre isso, retomamos algo sempre presente no campo dos estudos judaicos: é correto esperar que campos de concentração e extermínio, como Auschwitz, Sobibor, ou Treblinka tivessem sido locais onde prisioneiros aprenderiam Direitos Humanos?⁵⁸.

A outra consequência é a frequente necessidade de a vítima de violência ter que explicar a violência vivida, e ser desacreditada. Como destacamos nos fragmentos analisados, não faltou iniciativa dos judeus brasileiros em apontar o antissemitismo presente no governo de Jair Bolsonaro - assim como outros grupos minorizados e minoritários também o fizeram. Mas o que diferenciaria o antissemitismo de outros ataques à grupos vulneráveis em um governo de extrema direita?

Voltaríamos aqui, provavelmente, a nos questionar o que já foi abordado: seria a confirmação de que judeus, sendo lidos como brancos, privilegiados e, portanto, impassíveis de sofrerem racismo, visto que não há “racismo reverso”, parte do motivo para que denúncias de antissemitismo sejam tomadas como vitimismo?⁵⁹

Ressaltamos uma vez mais que o jornalismo, ao mesmo tempo em que atua “simultaneamente como um guardião independente e como um programador de agenda” (UNESCO, 2022, p. 8), também é um agente que acaba por pautar narrativas, o que pode acarretar que, sem a preocupação devida, discursos antissemitas passem a ser normalizados, mais uma vez.

4.2. Influência de Donald Trump e dos evangélicos na guinada pró-Israel

Se no tópico anterior abordamos a transferência da Embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém como forma de instrumentalização, neste tópico iremos tratar

⁵⁸ Em referência ao livro de Ruth Klüger, sobrevivente de campos de concentração, “Paisagens da memória” (Editora 34, 2005)

⁵⁹ BBC. Lula acusa Israel de “vitimismo” e volta a chamar guerra em Gaza de “genocídio”. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4g2xk2lzm1o>>. Em uma entrevista concedida no Palácio do Planalto, o atual presidente Luis Inácio “Lula” da Silva diz: “E vem dizer que é antissemitismo? Precisa parar com esse vitimismo. O que está acontecendo na Faixa de Gaza é um ge-no-cí-dio”.

este tema por uma outra perspectiva: a da influência de Donald Trump e da bancada Evangélica para tal processo.

Como foi contextualizado em capítulos anteriores, Bolsonaro, durante sua campanha acabou se utilizando de uma série de estratégias para cooptar diversos setores da sociedade. Uma dessas estratégias foi valer-se de simbologias judaicas e de se aproximar deste grupo.

Temos aqui um debate religioso, um tema cada vez mais presente na sociedade brasileira, como já mencionado anteriormente, para reforçar certos ideais alinhados com a extrema direita (heterossexualidade, antifeminismo, por exemplo), isso acabou por ser aderido no discurso bolsonarista.

Dentro desse debate religioso, desenvolvemos nos capítulos teóricos reflexões sobre como o judaísmo vem sendo adotado por setores de igrejas cristãs, mais especificamente neopentecostais. Essa adoção do judaísmo vem sendo feita na tentativa de uma “volta a um passado ideal”, acreditando ser um elemento fundante da identidade cristã. A partir disso, temos o que procuramos classificar como “judeu imaginário” e “Israel imaginária”, seguindo conceitos elaborados por outros pensadores já citados.

Esse núcleo neopentecostal que nos referimos, que expressa essa “admiração”, ou em termos técnicos “filossemita”, de modo antissemita, como também chegou apontar Reinke (2025, p. 225), visto que, quem recebe essa admiração não existe de fato, é uma “idealização produzida a partir de si mesmo”.

Adensando análises feitas anteriormente, retomamos Reinke (2025), que também endossa o fato de que essa guinada pró-Israel vinda de Bolsonaro, teve como objetivo agradar seu eleitorado evangélico. Apesar dos “sequestros” de símbolos e os anúncios sobre a transferência da Embaixada de Tel Aviv para Jerusalém, o então Presidente e sua gestão acabaram expostos nas contradições entre a postura filossemita e discursos rechaçados até mesmo por judeus diversas vezes.

A relativização do Holocausto por parte do chanceler Ernesto Araújo (equiparando o Holocausto às estratégias de saúde pública no combate à Covid-19); a publicação do desastrado vídeo do ex-Secretário Nacional de Cultura Roberto Alvim, com paráfrases do nazista Joseph Goebbels; a campanha da Secretaria Especial de Comunicação social da República (SeCom), que utilizou o slogan “O trabalho nos libertará” (expressão usada pela Alemanha nazista nos portões dos campos de concentração). Como aponta Sabino, esses fatos não apontam para o antissemitismo, mas podem estar relacionados com certa afinidade ideológica do governo com setores de extrema-direita - que são, de fato, antissemitas (Reinke, 2025, pp. 225-226).

Em resumo, “sua paixão e seu apoio são marcados pela ambiguidade e, por isso mesmo, são recebidos pelas autoridades judaicas e israelenses pela via da conveniência política ou ideológica” (Reinke, 2025, p. 227).

Nota-se também uma reprodução do que a Direita internacional faz (focando especialmente na figura de Donald Trump). Neste caso, percebemos uma movimentação pró-Israel, e também uma tentativa de alinhamento internacional da extrema-direita.

Dentre algumas reportagens selecionadas para análise, o exemplo da postura de Donald Trump (sobre mudanças na Embaixada dos Estados Unidos em Israel) foi utilizada por Bolsonaro e aliados como justificativa para o recuo na promessa de transferência da Embaixada brasileira, e uma possível tentativa de “barganha” para adiar tal promessa.

A exemplo disso, temos a fala de Bolsonaro na reportagem “Bolsonaro deverá trocar embaixada por escritório em Jerusalém” (Gielow, 2019), onde ele diz: “Por sinal, a questão de Israel, quem define as questões de Estado é o Estado de Israel e ponto final. Trump levou nove meses para decidir, [para] dar a palavra final para que a embaixada fosse [transferida]”, afirmou”.

Nessa mesma reportagem, em seguida, é descrita a motivação do que teria levado Bolsonaro a tomar essa decisão da transferência. Inicialmente eles mencionam que a transferência de Embaixada foi uma das primeiras medidas do “ídolo externo de Bolsonaro” (nestes termos) ao se referir à Donald Trump.

Posteriormente a reportagem escreve:

A motivação inicial de Bolsonaro foi a de agradar aos evangélicos de raiz pentecostal, grupo que o apoiou de forma majoritária na eleição. Eles acreditam de forma geral que o Estado judeu merece estar nas terras bíblicas, e há uma leitura mais fundamentalista que crê na necessidade de Israel existir para que Jesus Cristo volte à Terra e cumpra as profecias do Apocalipse. (Gielow, 2019)

No ano seguinte, no dia 3 de fevereiro de 2020, reportagem da Folha de S. Paulo intitulada “Bolsonaro afirma que transferirá embaixada para Jerusalém até 2021” (Fernandes, 2020) registra que o então Presidente gravou uma conversa com o Pastor Silas Malafaia no final do ano anterior e teve o vídeo publicado no canal do YouTube do Pastor no período em que a reportagem foi realizada.

Segundo o que foi publicado na reportagem, Bolsonaro teria dito no vídeo “Estamos caminhando para isso. Não vou dizer [20]20, no máximo [20]21, se Deus quiser, vai nascer sem atritos” (Fernandes, 2020). Por aqui, já é possível perceber que a “satisfação” dada pelo então Presidente a respeito da não transferência é dada à bancada evangélica, não aos judeus.

Mais uma vez, ao final desta reportagem, é mencionado que além do aviso de que Trump teria transferido a Embaixada, que o tema era um ponto sensível em relação aos eleitores Evangélicos. “A mudança da embaixada é ponto sensível aos evangélicos, que são uma das principais bases de apoio do governo. Por outro lado, enfrenta a resistência dos militares, que deram amparo à eleição de Bolsonaro” (Fernandes, 2020).

Na reportagem publicada no G1, intitulada “Viagem de Bolsonaro a Israel não terá definição de transferência da embaixada” assinada por Sadi (2019), temos o porta-voz do então Presidente, Otávio Rêgo Barros, novamente justificando a oscilação do governo sobre o tema. Barros fez referência à demora da transferência da Embaixada americana: “Claro que não se pode definir a transferência da embaixada do Brasil em Israel de Tel Aviv para Jerusalém em tão pouco tempo. Olhe quantos meses demorou para os Estados Unidos, por exemplo”.

Mas um ponto interessante a se destacar nesta seção é em relação às manifestações a respeito da não transferência da Embaixada feita pela própria bancada/eleitorado evangélico, publicado na reportagem da Folha de S. Paulo (2019c) intitulada “Evangélicos lamentam recuo de Bolsonaro ao anunciar escritório em Jerusalém”.

Esta reportagem já inicia dizendo que a reação de um fiel foi se utilizar da metáfora “Como esperar um filé mignon e receber uma carne de segunda”. Temos uma fala relevante para a análise, dita pelo Deputado-Pastor Marco Feliciano (PODE-SP), onde diz: “Respeito a abertura do escritório, porém o segmento evangélico, um terço do eleitorado brasileiro, que deu uma vantagem de 11 milhões de votos ao presidente” (Folha de S. Paulo, 2019c).

A reportagem também menciona a publicação de outro eleitor evangélico denominado, onde diz: “Sou seu eleitor, apoio seu governo, mas hoje estou frustrado, furioso, pois o sr. foi covarde, amarelou, cedeu à pressão árabe, cometeu um estelionato eleitoral. Nós o apoiamos com a promessa de o sr. mudar a embaixada para Jerusalém” (Folha de São Paulo, 2019c).

Por fim, um ponto a se destacar ainda nesta reportagem está relacionado à menção do turismo evangélico à Israel. Na íntegra, temos este trecho:

Destino de forte turismo evangélico, Jerusalém virou o que virou para seguidores dessa fé por causa de uma profecia religiosa. Evangélicos argumentam que Jesus —judeu, como seus apóstolos— teria vindo à Terra para redimir a nação eleita por Deus. Veem, portanto, seguidores da Torá como herdeiros de direito da cidade hoje repartida entre um lado ocidental e outro oriental (com mais palestinos). E é nesta ‘nação escolhida’ que, sob a perspectiva das Escrituras, o Armagedom acontecerá. Narra o livro de Gênesis: ‘E apareceu o Senhor a Abraão, e disse: à tua descendência darei esta terra’. Terra que, segundo a Bíblia, exercerá papel crucial na epopeia da humanidade. ‘As profecias de Apocalipse, Daniel e outros textos bíblicos apontam para a segunda vinda de Cristo após a reconstrução do Templo de Salomão em Jerusalém’, afirma o teólogo Marcelo Rebello (Folha de S. Paulo, 2019c).

Vemos aqui neste fragmento muito do que Reinke (2025) trouxe em sua pesquisa a respeito do ponto de interesse no turismo a Israel, e também do que foi discutido a respeito do dispensacionalismo dentro do âmbito evangélico. O que é importante para este núcleo é a construção narrativa que ligaria judeus e cristãos. Tal profecia e aproximação de Israel, diz mais a respeito de uma leitura bíblica cristã que apaga a historiografia judaica local.

Essa aproximação dos judeus e à Israel por parte dos evangélicos se dá pela necessidade de “reviver, de alguma forma, a experiência dos antigos (...) - mais especificamente, a experiência das origens da fé cristã” (Reinke, 2025, p. 127). Para isso, o que é observado é uma reencenação de algo que não existe.

Na reportagem “Choques entre núcleos pragmático e ideológico atrapalham governo Bolsonaro”, assinada por Fernandes e Uribe (2019), vemos mais uma vez a influência da bancada evangélica em relação aos posicionamentos de Bolsonaro. No corpo da reportagem temos:

Além disso, a promessa de campanha de Bolsonaro de transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém é um exemplo de assunto postergado. O núcleo ideológico apoia a bandeira da bancada evangélica e convenceu o presidente a defender a mudança. A reação do setor produtivo foi a pior possível (Fernandes; Uribe, 2019)

Como podemos observar, e já mencionamos no campo de análise anterior, sobre os usos e instrumentalização de simbologias associadas a judeus, a decisão da transferência ou não da embaixada, não é oficializada no campo da ideologia. Neste caso, a decisão de transferir a embaixada poderia impactar o âmbito econômico, visto

que o Brasil é o maior exportador de carne Halal. Como a reportagem ainda demonstra:

Em conversas recentes, relatadas à Folha, Bolsonaro tem dito que mudou de ideia em relação ao discurso da campanha e que receia os impactos econômicos. Para não desagradar a bancada evangélica, uma de suas bases de sustentação no Poder Legislativo, a ideia é que ele “leve o assunto com a barriga”, como definiu um assessor presidencial (Fernandes; Uribe, 2019)

A reportagem publicada na Folha de S. Paulo, intitulada “Em almoço com evangélicos, Bolsonaro afaga os filhos, Magno Malta e Israel”, assinada por Albuquerque (2019) nos traz elementos relevantes para a compreensão do impacto da bancada evangélica durante a gestão bolsonarista.

Segundo o que consta na reportagem, o eleitorado evangélico foi responsável por 7 a cada 10 votos à Bolsonaro e continuaram sendo fiéis ao então presidente durante as pesquisas sobre popularidade. Além disso “Os assembleianos, segundo o Censo, formam a ala majoritária dos evangélicos no Brasil. O próprio Malafaia vem dali: comanda a Assembleia de Deus Vitória em Cristo” (Albuquerque, 2019).

Como abordamos anteriormente, a inserção da religião dentro de âmbitos sociais e decisórios brasileiros vem sendo cada vez mais presente. A religião vem sendo utilizada como ferramenta guia para pautar questões morais, por exemplo (Gherman; Klein, 2019). Esse dado pode ser base para entendermos o fenômeno do comportamento político de eleitores evangélicos, por exemplo, que se veem representados.

Ao longo da reportagem, Bolsonaro afirma durante almoço com as lideranças evangélicas ali presentes, que “Israel tocou sua alma e defendeu que quem decide a capital do país é o povo. Ele também reafirmou seu compromisso de transferir a embaixada brasileira para Jerusalém” (Albuquerque, 2019). Ao mesmo tempo, a transferência da embaixada teria que ser adiada por um pouco mais de tempo.

Durante esse almoço, houve a presença do Pastor John Hagee, da mega igreja texana Cornerstone. Hagee, como mostra a reportagem, é fundador da Christians United for Israel⁶⁰, organização esta que existe desde 2015. Ele teria sido o responsável por ter tocado em um dos “assuntos indigestos”, como Israel. Como foi

⁶⁰ Segundo o site oficial, é a maior organização pró-Israel nos Estados Unidos, com 10 milhões de membros, que se propõem empoderar os americanos a falar e agir a favor de Israel. Disponível em <<https://cufi.org/>>

apontado, “os convidados prometiam não trazer à pauta temas indigestos, como a mudança adiada da embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, um pleito deles. Dizam estar lá para ‘orar pelo presidente’” (Albuquerque, 2019)

Hagee relembrou uma situação parecida com relação a Donald Trump em 2017, onde o Pastor teria afirmado que Trump se tornaria imortal se realizasse a transferência da embaixada. “‘Quando você começar a abençoar Israel de maneira prática, haverá uma explosão sobrenatural’, disse Hagee” (Albuquerque, 2019).

Com isso, é possível perceber não apenas a influência da bancada evangélica nas pautas políticas, mas também a visão deturpada em relação a Israel. Contudo, para um leitor pouco atento, e distante dessas pautas, talvez não seja claro o suficiente para realizar qualquer tipo de problematização em relação ao tema. Muito pelo contrário, poderia inclusive contribuir para reforçar a percepção de uma Israel imaginária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito analisar a cobertura jornalística a respeito da aproximação dos judeus brasileiros feita por Jair Bolsonaro entre os anos de 2019 e 2022, período este que compreende os quatro anos de seu governo, a partir da conceituação que estabelecemos para analisar o fenômeno como ferramenta de instrumentalização.

Para que isso fosse possível, dividimos este trabalho de forma que pudéssemos nos aprofundar nas temáticas necessárias para a devida abrangência do tema, inclusive demonstrando que os acenos de Bolsonaro aos judeus brasileiros datam de momentos anteriores à sua campanha para presidente.

A primeira dessas temáticas, como demonstramos, constitui o debate que vem sendo construído ao longo dos anos, dentro do campo dos estudos judaicos, e versa especificamente sobre o antissemitismo e suas manifestações.

Como apontamos ao longo do trabalho, várias delimitações e recortes foram sendo feitos durante o processo, desde o exercício de compreender as nuances de quem estávamos falando, e como iríamos nos referir aos judeus brasileiros – uma vez que a pluralidade das vivências judaicas não poderia ser reduzida na noção de “comunidade”.

Em seguida, ao mesmo tempo que expusemos o que seria o “marco” do debate sobre antissemitismo atual no cenário brasileiro, procuramos percorrer um caminho histórico - mesmo que breve - para que fosse possível circunscrever e melhor compreender a definição de antissemitismo. Para isso, trouxemos exemplos de manifestações antissemitas, e também utilizamos o conceito de filossemitismo para conformar e consolidar analiticamente os efeitos da instrumentalização e apropriação de símbolos judaicos por setores políticos conservadores, e por lideranças religiosas neopentecostais.

Essa elaboração teórica buscou apontar que o antissemitismo nem sempre é entendido como tal, e mesmo a cooptação de judeus como tokens passou despercebida. Diferentemente de outros grupos minoritários ou minorizados, o fenômeno da instrumentalização de judeus brasileiros por essa “nova direita” nem mesmo chegou a ser questionado, como seria se tivesse ocorrido com outros grupos.

Ao analisar historicamente o processo de radicalização de discursos, e a importância das plataformas digitais de sociabilidade neste processo, também

descrevemos as mudanças ocorridas no jornalismo, e as lacunas deixadas pelo avanço das redes sociais como propagadoras de “notícias”, obrigando os veículos de comunicação tradicionais a desenvolverem estratégias para seguir tendo relevância e credibilidade.

Como descrevemos, alguns questionamentos atravessaram a construção deste trabalho, e permanecem ao final dele. Um desses questionamentos é exatamente sobre os desafios do jornalismo e da cobertura jornalística, por exemplo em relação ao antissemitismo: se a sociedade em geral não consegue (ou se recusa) a identificar e tratar o antissemitismo como tal, como esperar que o jornalismo o faça? Os efeitos desse dilema são inúmeros, mas um deles parece ser o mais grave: se não há escuta disponível para as vítimas, e quando há, e denúncias são feitas, elas são descredibilizadas, o processo de desumanização se fortalece e se amplia.

O jornalismo, como demonstramos, possui, ou deveria possuir legitimidade nos conteúdos que produz. Para chegar à essa legitimidade, não pode abrir mão da devida investigação, da apuração de informações, e da definição de pautas com o máximo de isenção possível. Como na definição da UNESCO que citamos, o jornalismo precisa operar em condições políticas, sociais e econômicas saudáveis, para exercer suas funções de modo independente.

Das reportagens que selecionamos como amostra de pesquisa para fins de análise, pode-se dizer que foram capazes, na maioria das vezes, de informar, mas é inegável que, se não houve viés, também pode ter faltado problematização e questionamento. Tanto na Folha de S. Paulo quanto no Portal G1, encontramos reportagens suficientemente amplas sobre a influência de Donald Trump e da “bancada evangélica” sobre o governo de Jair Bolsonaro. Da mesma forma, diversos movimentos do então presidente para “agradar” judeus e evangélicos, bem como suas demonstrações de apoio à Israel foram merecedores de reportagens, coberturas vastas, notas e espaço para o contraditório.

Mas a questão que persiste é: terá sido suficiente? Os riscos da banalização e normalização de certos fenômenos tem implicações que, de modo geral, só poderão ser conhecidas em sua totalidade depois de muito tempo. O que foi possível identificar no período de realização da pesquisa que originou este trabalho é que a chamada “polarização” política no Brasil está distante do fim, ou mesmo de uma redução – pelo contrário, as tendências apontam não apenas para a continuidade dela, mas para sua consolidação.

A longo prazo, a mídia e os veículos de jornalismo tradicional terão ampliados seus desafios, inclusive com possíveis novos atores entrando em cena, para além de judeus. As muitas clivagens sociais e religiosas brasileiras indicam que o campo político continuará se apropriando, ressignificando e instrumentalizando simbologias, ritos, emblemas, em troca de apoios que podem significar poder e aumento de capital simbólico.

O que buscamos com este trabalho, guardadas suas devidas proporções e limites (inclusive temporais), foi descrever um fenômeno e suas derivações, e os desdobramentos dele; da instrumentalização de um grupo social minoritário, da apropriação de bandeiras, símbolos, ritos, chegamos ao antissemitismo, a mais radicalização, à disputas políticas e religiosas que podem não ganhar a devida atenção, e ter resultados complexos.

A emergência de uma guerra, iniciada com um ataque terrorista em 2023, trouxe novos elementos ao cenário já embaralhado no Brasil. Consideramos, também por isso, que este trabalho é uma contribuição às reflexões e teorizações do campo, mas ele não pode se esgotar em si mesmo. Outras novas pesquisas precisam surgir, com outros recortes e abordagens, em áreas do conhecimento diversas, para que seja possível compreender e analisar outros novos fenômenos e seus impactos.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de Direita**. [s.l.: s.n., s.d.].

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. Em almoço com evangélicos, Bolsonaro afaga os filhos, Magno Malta e Israel. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/em-almoco-com-evangelicos-bolsonaro-afaga-os-filhos-magno-malta-e-israel.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

ANTI-DEFAMATION LEAGUE. **ADL's Global 100 Index: A Window into Anti-Semitic Attitudes in Argentina and Brazil**. Disponível em: <<https://www.adl.org/resources/blog/adls-global-100-index-window-anti-semitic-attitudes-argentina-and-brazil>>.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo - Anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. [s.l.]: Lisboa edições, 2011.

BARRETO, Marcelo Menna. “O pobre de direita: a vingança dos bastardos. O que explica a adesão dos ressentidos à extrema direita?”. Entrevista com Jessé Souza. 2024. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/644223-o-pobre-de-direita-a-vinganca-dos-bastardos-o-que-explica-a-adesao-dos-ressentidos-a-extrema-direita-entrevista-com-jesse-souza>>.

BARROS, Laan Mendes De. Comunicação sem anestesia. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, n. 1, p. 159–175, 2017.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Estética e Sociologia da Arte**. 1º. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017. (Filô/Benjamin).

BERGMAN, Moshe. **O Estado De Israel A Luz Da Lei Judaica**. São Paulo: Séfer, 2005.

BORZUK, Cristiane Souza. “Mas Não há Mais Antissemitas”: Notas Sobre o Sétimo Elemento do Elementos do Antissemitismo, de Max Horkheimer e Theodor Adorno. In:

SILVA, Pedro Fernando Da; BORZUK, Cristiane Souza; JUNIOR, Gil Gonçalves (Eds.). **Teoria Crítica, Violência e Resistência**. [s.l.]: Editora Blucher, 2021, p. 67–80. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/04-22539>>. Acesso em: 13 maio 2024.

BRAGA, José Luiz. **A Sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: **Mediação & midiatização**. Brasília/Salvador: M.A. MATTOS; J. JANOTTI JUNIOR; N. JACKS (orgs), 2012, p. 31–52.

BUSTOS MARTÍNEZ, Laura; DE SANTIAGO ORTEGA, Pedro Pablo; MARTÍNEZ MIRÓ, Miguel Ángel; *et al.* Discursos de odio: una epidemia que se propaga en la red. Estado de la cuestión sobre el racismo y la xenofobia en las redes sociales. **Mediaciones Sociales**, v. 18, p. 25–42, 2019.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Rompendo o silêncio: a historiografia sobre o antissemitismo no Brasil. **Cadernos de História**, n. 18

CASSINI, Adriel; MEDICI, Hannytta; MACIEL, Leonardo. Movimentos e contramovimentos sociais durante pandemia de COVID-19: tensões e disputas por agentes políticos nas redes. n. INTERCOM, p. 22, 2023.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. [s.l.]: Companhia das Letras, 2017.

_____, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. [s.l.]: Zahar, 2018.

CHAGAS, Andrea. Neorestauracionismo: a apropriação de elementos da cultura e da religião judaicas feitas no neopentecostalismo contemporâneo. *In*: On-line: [s.n.], 2023. Disponível em: <<https://offlattes.com/archives/14230>>. Acesso em: 27 mar. 2025.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do Jornalismo**. [s.l.]: Insular, 2016.

CRUZ, Valdo; G1. Decisão de Bolsonaro gera custo para o Brasil e não agrada Israel nem a Palestina. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/valdo-cruz/post/2019/04/01/decisao-de-bolsonaro-em-israel-gera-custo-para-o-brasil-e-nao-agrada-os-dois-lados.ghtml>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

DIAS, Adriana. Neonazismo hoje: a cena brasileira e suas linhagens. *In: Antissemitismo - Uma obsessão*. Rio de Janeiro: Numa, 2020, p. 122–141.

DOUEK, Daniel; GHERMAN, Michel. Judeu é branco? Artigo de Antônio Risério reforça estigmas não apenas em relação aos negros, como também em relação aos judeus. p. 5, 2022.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestigio, 2019.

FÉLIX, Francisco Hélio Cavalcante. Redes sociais e recrudescimento do antissemitismo: reflexões a partir da etnografia digital.

FERNANDES, Thalita. Bolsonaro afirma que transferirá embaixada para Jerusalém até 2021. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/02/bolsonaro-afirma-que-transferira-embaixada-para-jerusalem-ate-2021.shtml>>.

_____, Thalita; URIBE, Gustavo. Choques entre núcleos pragmático e ideológico atrapalham governo Bolsonaro. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/choques-entre-nucleos-pragmatico-e-ideologico-atrapalham-governo-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

FERRARO, Manuela. Comunidade judaica brasileira reage a uso da bandeira de Israel em atos antidemocráticos. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/comunidade-judaica-brasileira-reage-a-uso-da-bandeira-de-israel-em-atos-antidemocraticos.shtml>>. Acesso em: 27 fev. 2024.

FERREIRA, Catarina Alexandra Gomes. **DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: DA DESUMANIZAÇÃO À RADICALIZAÇÃO**. Universidade Católica Portuguesa, Portugal, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/33618>>.
FINKIELKRAUT, Alain. *Le juif imaginaire*. Paris: Points, 1983.

FOLHA DE S. PAULO. Viagem de Bolsonaro a Israel teve papel simbólico e poucos efeitos práticos, dizem analistas. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/viagem-de-bolsonaro-a-israel-teve-papel-simbolico-e-poucos-efeitos-praticos-dizem-analistas.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

FONSECA, Nathalia. Como a extrema-direita brasileira se apropriou de símbolos judaico. 2023. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2023/03/28/como-a-extrema-direita-brasileira-se-apropriou-de-simbolos-judaicos/>>.

FRANÇA, Vera. Alcance e variação do conceito de mediatização. *In: Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediatização. Ferreira et al (orgs)*. Santa Maria - RS: FACOS – UFSM, 2020, p. 22–44.

FRÓES, Anelise. Ninguém é antissemita até que judeus respirem. *In: Estudos Judaicos, Sionismo e Conflito Israel-Palestina: pesquisas, desafios e novas abordagens*. Mello, Caroline; Miklos, Manoela (org.) Cachoeirinha: Fi, 2024.

GHERMAN, Michel. Aquela Noite: o lugar da Israel imaginária na nova direita brasileira. **Revista AntHropológicas**, v. 32, n. 2, p. 111, 2022.

_____, Michel. Entre a Nakba e a Shoá: catástrofes e narrativas nacionais. **História (São Paulo)**, v. 33, n. 2, p. 104–121, 2014.

_____, Michel. **O não judeu judeu. A tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo**. São Paulo: Fósforo, 2022.

_____, Michel; KLEIN, Misha. Brazilian Right influence on the Jewish community of Rio de Janeiro. 2019.

GIELOW, Igor. Bolsonaro deverá trocar embaixada por escritório em Jerusalém. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/bolsonaro-pode-trocar-embaixada-por-escritorio-em-jerusalem.shtml>>.

GOLDBERG, D. J; RAYNER, J. D. **Os judeus e o Judaísmo**. 1º. [s.l.]: Xenon, 1989.

GRIN, Monica; GHERMAN, Michel. **Identidades Ambivalentes: Desafios aos estudos judaicos no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.

HAAG, Carlos. Preocupação com racismo contra negros e índios esconde o anti-semitismo histórico e presente da sociedade brasileira.

HERRING, Susan C. Discourse in Web 2.0: Familiar, Reconfigured, and Emergent. p. 29.

JESUS, Carlos Gustavo Nobrega de. **Antissemitismo e nacionalismo, negacionismo e memória. Revisão Editora e as estratégias da intolerância (1987-2003)**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KOGAN, Andrea. **Espiritismo Judaico**. São Paulo: Labrador Universitário, 2018.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, Patrícia Ferreira de. Imigração, Mídia e Xenofobia: A Ameaça Imaginária em Questão. *In*: SILVA, Pedro Fernando da; BORZUK, Cristiane Souza; JUNIOR, Gil Gonçalves (Eds.). **Teoria Crítica, Violência e Resistência**. [s.l.]: Editora Blucher, 2021, p. 125–146. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/07-22542>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

KRESCH, Daniela. Associação entre Israel e conservadorismo de Bolsonaro preocupa alguns judeus. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/associacao-entre-israel-e-conservadorismo-de-bolsonaro-preocupa-alguns-judeus.shtml>>.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis : an introduction to its methodology**. 4ª edição. Estados Unidos da América: University of Pennsylvania, 2019.

LEWIN, Helena. **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **São Paulo**, n. 22.

MEDICI, Hannytta. Instrumentalização da comunidade judaica por atores políticos na sociedade midiática: o papel do jornalismo na denúncia do antissemitismo. n. Intercom, p. 10, 2024.

_____, Hannytta. Projeto de nação do fascismo brasileiro a partir da construção estética: uma leitura a partir de Roberto Alvim. In: PUC-SP: [s.n.], 2023. Disponível em: <<https://offlattes.com/archives/16588>>.

MOLINA, Ana Heloisa; RAGUSA, Helena. Os novos contornos do antissemitismo, a construção de imaginários pela mídia no Brasil e a escrita da História. **Sæculum – Revista de História**, v. 25, n. 43, p. 361–379, 2020.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O JORNALISMO EM TEMPO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS. n. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/12443>>.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. [s.l.]: Planeta, 2019. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=3Y-4DwAAQBAJ>>.

PLEYERS, Geoffrey. The Pandemic is a battlefield. Social movements in the COVID-19 lockdown. **Journal of Civil Society**, v. 16, n. 4, p. 295–312, 2020.

QUERO, Caio. Em quebra histórica de tradição diplomática, Bolsonaro visitará Muro das Lamentações com Netanyahu. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/em-quebra-historica-de-tradicao-diplomatica-bolsonaro-visitara-muro-das-lamentacoes-com-netanyahu.shtml>>.

Acesso em: 1 nov. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. **Urdimento**, v. 2, n. 15, p. 107–122, 2018.

REGINATO, Gisele Dotto. Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. v. Vol. 17 N° 1, n. Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética (2), p. 43–53, 2020.

REINKE, André Daniel. **Paixão por Israel**. 1º. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025.

RISÉRIO, Antonio. Antonio Risério: Racismo de negros contra brancos ganha força com identitarismo. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/01/racismo-de-negros-contra-brancos-ganha-forca-com-identitarismo.shtml>>.

SADI, Andréia. Viagem de Bolsonaro a Israel não terá definição de transferência da embaixada. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2019/03/22/viagem-de-bolsonaro-a-israel-nao-tera-definicao-de-transferencia-da-embaixada.ghtml>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

SEMELIN, Jacques. **Purificar e destruir**. 1º. [s.l.]: Bertrand Brasil, 2009.

SILVA, Francisco Carlos Texeira da; SCHURSTER, Karl. **Passageiros da Tempestade. Facistas e negacionistas no tempo presente**. Recife: CEPE, 2022.

SORJ, Bernardo. Geopolítica, história e formação do imaginário judaico. *In*: On-line (Google Meet): [s.n.], 2024.

SOUZA, Jessé. O pobre de direita: A vingança dos bastardos. São Paulo: Civilização Brasileira, 2024.

TUROLLO JR., Reynaldo; FABRINI, Fábio. Estamos preparados para fazer frente a qualquer ameaça, diz general sobre posse. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/estamos-preparados-para-fazer-frente-a-qualquer-ameaca-diz-general-sobre-posse.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

UNESCO. O jornalismo é um bem público: tendências mundiais em matéria de liberdade de expressão e desenvolvimento da comunicação social; relatório global 2021/2022; destaques. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379826_por>. Acesso em: 5 out. 2023.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Antissemitismo**. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/antisemitism-1>>.

_____. Os Protocolos dos Sábios de Sião. In: [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/protocols-of-the-elders-of-zion>>. Acesso em: 17 mar. 2025.

VITA, Mariana Rodrigues De. O antissemitismo como ódio obstinado. **Epígrafe**, v. 10, n. 2, p. 221–236, 2021.

03/04/2017 - Jair Bolsonaro - Palestra no Hebraica Rio de Janeiro. [s.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LPj4KyLw8Wc>>.

Michel Gherman 20/06/21 Limmud Brazil. [s.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jQF29D79ERI>>.

Precisamos Falar Sobre o Antissemitismo na Esquerda. Youtube: [s.n.], 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F8E1jM0chIE&t=4308s>>.

Roberto Alvim apresenta políticas públicas para a cultura. In: **Brasil em pauta**. [s.l.]: TV Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1i_jqgZwplM>. Acesso em: 21 set. 2023.

Anexo: Íntegra das reportagens analisadas

Título: Bolsonaro deverá trocar embaixada por escritório em Jerusalém

Sub-título: Presidente havia feito promessa de mudança do local de representação diplomática, mas enfrentou resistências

Veículo: Folha de S. Paulo

Autor: Igor Gielow

Data: 28 de março de 2019

SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PSL) viajará no fim de semana a Israel com um problema: como cumprir a promessa feita ao premiê Binyamin Netanyahu de mudar a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém.

A solução que está sendo analisada, dadas as resistências cristalizadas à mudança, é o anúncio da abertura de um escritório de representação comercial brasileiro em Jerusalém. O próprio Bolsonaro citou a possibilidade na manhã desta quinta (28), após evento em comemoração da Justiça Militar, em Brasília.

"Nós talvez abramos agora um escritório de negócios em Jerusalém", disse, ao ser questionado sobre a promessa feita durante a campanha. "Por sinal, a questão de Israel, quem define as questões de Estado é o Estado de Israel e ponto final. Trump levou nove meses para decidir, [para] dar a palavra final para que a embaixada fosse [transferida]", afirmou.

Com isso, o discurso de que a transferência está em estudo ganha amparo em uma medida concreta. Tanto diplomatas brasileiros quanto o Ministério das Relações Exteriores de Israel já vinham trabalhar com a hipótese.

Dos dois lados, contudo, a Folha ouviu que a conhecida imprevisibilidade de Bolsonaro impede uma certeza do que vai acontecer.

O tema gera confusão desde que, durante a campanha, Bolsonaro assumiu o compromisso, que contraria a tradição diplomática brasileira de seguir a orientação das Nações Unidas e esperar uma resolução do conflito entre israelenses e palestinos para definir o status da cidade que ambos os povos clamam como sua capital.

Mover a embaixada é reconhecer esse status, e foi uma das primeiras medidas do ídolo externo de Bolsonaro, o presidente americano Donald Trump. Até aqui, apenas a Guatemala fez o mesmo. O restante das nações que reconhecem Israel mantém seus embaixadores na litorânea Tel Aviv.

Para complicar, Bibi, como o premiê é conhecido, está sob pressão e pode perder o cargo nas eleições do dia 9 de abril. Na virada do ano, ele emprestou prestígio Político a Bolsonaro visitando o Brasil e comparecendo à posse do presidente, de quem ouviu que a mudança da embaixada seria uma questão de tempo.

A motivação inicial de Bolsonaro foi a de agradar aos evangélicos de raiz pentecostal, grupo que o apoiou de forma majoritária na eleição. Eles acreditam de forma geral que o Estado judeu merece estar nas terras bíblicas, e há uma leitura mais fundamentalista que crê na necessidade de Israel existir para que Jesus Cristo volte à Terra e cumpra as profecias do Apocalipse.

Bolsonaro, que é católico mas batizou-se evangélico para seguir a mulher em 2016, aparentemente não professa a segunda visão, milenarista. Mas citou mais de uma vez a "verdade bíblica" acerca de Israel e a necessidade de reconhecer o Estado integralmente.

O problema está na natureza terrena das coisas. Assim que a ideia foi ventilada, produtores de carne brasileiros foram ao então governo Michel Temer levar a preocupação da categoria. O Brasil é um dos maiores exportadores de proteína animal halal, feita sob princípios de produção e abate islâmicos, e poderia perder mercados com uma atitude francamente pró-Israel.

Após a eleição, a Liga Árabe externou publicamente a questão. Cerca de 40% da carne de frango e 45% da bovina exportados pelo Brasil são halal. A Arábia Saudita determinou embargo à compra de frango brasileiro, embora tenha usado argumentos técnicos.

Com tudo isso, a ala militar do governo resolveu assumir a questão. Já em janeiro, quando estava interinamente na Presidência, o vice Hamilton Mourão baixou o tom da questão da mudança, dizendo ser apenas um estudo. Recebeu representantes árabes, deixando irritados diplomatas israelenses que acompanharam as promessas de Bolsonaro.

Na sequência, o próprio chanceler, Ernesto Araújo, mudou o tom e adotou o discurso de que tudo está em estudo. Nesta quarta (27), Bolsonaro falou o mesmo em entrevista. A aproximação entre os dois países, contudo, deverá prosseguir.

É uma agenda prioritária de realinhamento brasileiro ao eixo político norte americano, expresso por Bolsonaro e pelo chanceler. Ambos estão na missão com Eduardo, o filho do presidente que comanda a Comissão de Relações Exteriores da Câmara, e com o assessor internacional da Presidência Filipe Martins. Todos são seguidores de Olavo de Carvalho, o americanófilo ideólogo dos bolsonaristas.

Politicamente, o Brasil sempre foi defensor da solução de dois Estados na região, e nos últimos anos vinha tomando posições contrárias a Israel em fóruns da ONU, especialmente em relação aos direitos humanos. Isso mudou na primeira votação envolvendo o país, na semana passada, naquilo que o chanceler Araújo disse ser uma correção de rota permanente.

No evento desta quinta, em Brasília, Bolsonaro reforçou a posição. "Nós já começamos a votar de acordo com a verdade na ONU. Israel, Estados Unidos, Brasil e mais alguns outros países já começaram a votar diferentemente da forma tradicional, que era o lado da Palestina, por exemplo, e defendendo coisas voltadas a Cuba. Nós voltamos a uma realidade. Nós temos direitos humanos de verdade", afirmou.

Indagado se havia recebido alguma recomendação para não ir a Israel devido a questões de segurança, o presidente negou.

"Não, não, não, não tem problema nenhum. Orientação houve, mas a decisão, palavra final é minha. Estarei em Israel, se Deus quiser, no domingo", disse. Colaborou Talita Fernandes, de Brasília.

Título: Em 100 dias, Bolsonaro coleciona recuos em ações de governo; relembre 11 deles

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 9 de abril de 2019

SÃO PAULO Ao longo de seus cem primeiros dias, o governo de Jair Bolsonaro (PSL) colecionou recuos em declarações e medidas diante de repercussões negativas.

As idas e vindas da gestão indicam improvisado e falta de planejamento do presidente e de seu corpo ministerial, que se somam à ausência de uma base parlamentar definida no Congresso.

Destaque para

Mudança da embaixada do Brasil em Israel para Jerusalém

Durante a campanha eleitoral, Bolsonaro prometeu mudar a embaixada do Brasil em Israel de Tel Aviv para Jerusalém –um gesto que irritou países árabes e gerou preocupação em empresários brasileiros que temem perder negócios com essas nações.

Já como presidente, Bolsonaro passou a negar a existência de uma decisão definitiva sobre o assunto.

Em visita a Israel, no final de março, o presidente anunciou a criação de um escritório comercial em Jerusalém e justificou dizendo que seria um passo adiante no projeto de transferir em definitivo a representação diplomática para a cidade.

Título: Evangélicos lamentam recuo de Bolsonaro ao anunciar escritório em Jerusalém

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 1 de abril de 2019

Rio de Janeiro Como esperar um filé mignon e receber uma carne de segunda. A metáfora foi usada por um fiel evangélico irritado com o anúncio de Jair Bolsonaro, neste domingo (31), de que o Brasil abrirá um escritório comercial, e não uma embaixada, em Jerusalém, terra tida como sagrada por cristãos, evangélicos e muçulmanos.

Como ele, outros evangélicos apelaram às redes sociais para expressar insatisfação com o que consideram uma "esmola" diante da promessa do presidente de que transferiria a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém.

O deputado e pastor Marco Feliciano (Pode-SP) fez uma provocação no mesmo dia: "Respeito a abertura do escritório, porém o segmento evangélico, um terço do eleitorado brasileiro, que deu uma vantagem de 11 milhões de votos ao presidente

Jair Bolsonaro, garantindo sua eleição, confia que ele cumprirá sua palavra e em breve mudará a embaixada brasileira para Jerusalém".

À Folha Feliciano afirmou que o Brasil, "ao se negar a reconhecer a capital de uma nação com a qual mantém relações diplomáticas, está a intervir indevidamente nos assuntos de um país estrangeiro".

Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), parlamentar ligado ao pastor Silas Malafaia, foi outro a se manifestar. "Lamento profundamente a decisão do presidente de abrir só um escritório de negócios do Brasil em Jerusalém", disse.

"O compromisso com o povo evangélico e judeu é outro. Confio que o presidente tem uma só palavra! Aguardamos a transferência..."

Assim como lideranças e deputados evangélicos, fiéis adotaram um tom de cobrança na internet, em mensagens como "queremos mais, cumpra o que prometeu", de Deinha de Jesus, e o desabafo de Kakito_RJ: "Sou seu eleitor, apoio seu governo, mas hoje estou frustrado, furioso, pois o sr. foi covarde, amarelou, cedeu à pressão árabe, cometeu um estelionato eleitoral. Nós o apoiamos com a promessa de o sr. mudar a embaixada para Jerusalém".

Outros evangélicos, contudo, pedem calma, dizem que "o tempo é de Deus" e já, já Bolsonaro cumpre a palavra.

O próprio Malafaia buscou contemporizar, dizendo que o americano Donald Trump levou nove meses para fazer a mudança e que também assegurara a seu eleitorado que o embaixador de seu país iria para Jerusalém fazer isso acontecer.

"Em que lugar Bolsonaro falou que iria transferir a embaixada por ocasião de sua visita a Israel? Nenhum. O processo está apenas começando, vamos ver o final."

"Bolsonaro disse para mim que a mudança seria paulatina", afirmou o pastor à reportagem. "Ele já disse que o casamento está marcado. Os americanos, um monstro de potência, levaram nove meses. Por que um governo que não tem nem cem dias vai fazer? Falei que o presidente tem que ser macho [para tocar a transferência adiante] não no sentido de masculinidade, mas de coragem, audácia."

Nem todos querem expressar publicamente a contrariedade com Bolsonaro, o que não quer dizer que ela não esteja lá.

Na semana passada, quando deputados evangélicos escolheram o novo líder da bancada, dois deles disseram à Folha que, sim, seria uma decepção se o presidente empurrasse com a barriga a prometida transferência.

Mas, ainda há dias da viagem a Israel, mostravam-se confiantes que ele usaria a viagem para fazer o anúncio.

Admitiram que o escritório em Jerusalém os deixou frustrados, mas não quiseram bater de frente com Bolsonaro publicamente, então pediram que seus nomes fossem omitidos.

A notícia ganhou destaque num dos maiores portais do segmento, o Gospel Prime, que frisou em sua manchete: "Bolsonaro transfere apenas 'parte da embaixada' para Jerusalém".

Semanas atrás, o Gospel Prime e o concorrente Guia-me já haviam reproduzido uma fala em que o mandatário eleito com apoio esmagador dos evangélicos, ao contrário do tom adotado na temporada eleitoral, agora falava que a retirada do corpo diplomático de Tel Aviv "não é uma questão tão fundamental" na relação entre Brasil e Israel.

A declaração aconteceu em fevereiro, numa reunião com jornalistas no Palácio do Planalto.

Destino de forte turismo evangélico, Jerusalém virou o que virou para seguidores dessa fé por causa de uma profecia religiosa.

Evangélicos argumentam que Jesus —judeu, como seus apóstolos— teria vindo à Terra para redimir a nação eleita por Deus. Veem, portanto, seguidores da Torá como herdeiros de direito da cidade hoje repartida entre um lado ocidental e outro oriental (com mais palestinos). E é nesta "nação escolhida" que, sob a perspectiva das Escrituras, o Armagedom acontecerá.

Narra o livro de Gênesis: "E apareceu o Senhor a Abraão, e disse: à tua descendência darei esta terra". Terra que, segundo a Bíblia, exercerá papel crucial na epopeia da humanidade.

"As profecias de Apocalipse, Daniel e outros textos bíblicos apontam para a segunda vinda de Cristo após a reconstrução do Templo de Salomão em Jerusalém", afirma o teólogo Marcelo Rebello.

Título: Choques entre núcleos pragmático e ideológico atrapalham governo Bolsonaro

Veículo: Folha de S. Paulo

Autores: Thalita Fernandes e Gustavo Uribe

Data: 9 de março de 2019

Brasília Em pouco mais de dois meses, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) consumiu parte de seu capital político para pacificar as divergências entre as duas principais forças de seu governo, que promoveram sucessivas crises e ofuscaram a viabilidade de uma agenda positiva.

Numa ponta está uma ala mais pragmática, composta por militares e técnicos, que prega uma postura mais próxima ao “soft power”.

Na outra, o grupo ideológico capitaneado por seus filhos Carlos Bolsonaro (PSC-RJ) e Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) e por seguidores do escritor Olavo de Carvalho.

Em meio à divergência de opiniões, ações consideradas importantes e até promessas de campanha têm sido colocadas em segundo plano —e algumas medidas relevantes perdem espaço no noticiário, sufocadas pelas crises.

A comunicação do governo é o exemplo mais evidente dessa divergência. As redes sociais do presidente, em especial o Twitter, destoam do tom dos comunicados oficiais do Palácio do Planalto.

Enquanto o porta-voz da Presidência, general Otávio Rêgo Barros, adota uma postura apaziguadora nos pronunciamentos diários à imprensa, as postagens nas contas de Bolsonaro seguem o mesmo tom belicoso do período da campanha.

As diferenças se devem ao fato de o gabinete pessoal do presidente hoje ser controlado pelo grupo ideológico, que cuida das redes, enquanto a estrutura oficial de comunicação com a imprensa é comandada pelos militares.

Responsável pela estratégia de uso das redes sociais do pai, o vereador Carlos Bolsonaro blindou as contas oficiais do presidente. Ele emplacou seu ex-funcionário Tercio Arnaud na assessoria especial da Presidência e Floriano Amorim na chefia da Secretaria de Comunicação Social.

Também é frequente a presença de seu primo e amigo Leonardo de Jesus, o Leo Índio, que não tem cargo, no 3º e 4º andares do Planalto.

As postagens feitas por Bolsonaro durante o Carnaval —que incluíram um vídeo obsceno e um termo usado para um fetiche sexual— exaltaram as divergências de opinião dos grupos e criaram no presidente a consciência de que é necessário fazer ajustes.

Após repercussões negativas, ele foi convencido por militares a divulgar uma nota amenizando o tom de crítica ao Carnaval.

Auxiliares alertaram o presidente que esse tipo de acontecimento gera desgaste e pode colocar a perder seu capital político e popularidade de início de governo, necessários para aprovação de medidas prioritárias, como a reforma da Previdência.

O episódio foi detectado pelo monitoramento como desencadeador de desmobilização de apoiadores de Bolsonaro nas redes. Foi a segunda vez que isso foi percebido.

A primeira se deu em fevereiro, quando o presidente usou o Twitter para chamar o então ministro da Secretaria-Geral, Gustavo Bebianno, de mentiroso —ele caiu após passar por cinco dias de fritura pública depois da revelação pela Folha do envolvimento dele com um esquema de candidaturas de laranjas do PSL.

Os embates entre “ideológicos” e “pragmáticos” foram percebidos também em outras áreas, como no Ministério de Relações Exteriores, na Educação e na Justiça.

As indicações de alguns embaixadores ainda não saíram por falta de consenso.

Além disso, a promessa de campanha de Bolsonaro de transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém é um exemplo de assunto postergado. O núcleo ideológico apoia a bandeira da bancada evangélica e convenceu o presidente a defender a mudança. A reação do setor produtivo foi a pior possível.

Com a possibilidade de o Brasil sofrer retaliações econômicas do mundo árabe na importação de proteína animal, o grupo moderado iniciou uma articulação para que o presidente desistisse da ideia.

O movimento foi costurado pelo vice-presidente, general Hamilton Mourão, que se aproximou de diplomatas do Oriente Médio, e pela ministra da Agricultura, Tereza Cristina, próxima dos produtores agropecuários.

Para enfraquecer a proposta, Mourão fez declarações públicas reafirmando que a mudança não estava decidida, apesar de Bolsonaro ter sido enfático de que ela ocorreria. Sob pressão, o presidente decidiu colocá-la em banho-maria e só tomar decisão após as eleições em Israel, marcadas para abril.

Em conversas recentes, relatadas à Folha, Bolsonaro tem dito que mudou de ideia em relação ao discurso da campanha e que receia os impactos econômicos. Para não desagradar a bancada evangélica, uma de suas bases de sustentação no Poder Legislativo, a ideia é que ele “leve o assunto com a barriga”, como definiu um assessor presidencial.

A crise na Venezuela foi outro episódio que colocou em lados opostos os dois grupos. O chanceler Ernesto Araújo adotou uma postura de alinhamento aos Estados Unidos, que estimulava o rompimento das relações diplomáticas, da cooperação militar e a utilização de tropas brasileiras para resolver a instabilidade no país sul-americano.

O envio de ajuda humanitária pelo Brasil foi também uma iniciativa costurada pelo chanceler, o que levou o ditador Nicolás Maduro a fechar a fronteira com o Brasil.

Com o agravamento da situação, e a revolta da cúpula militar do Palácio do Planalto, o presidente interveio na atuação do chanceler e escalou Mourão para tutelá-lo em viagem à Colômbia, onde o Grupo de Lima se reuniu para discutir a crise venezuelana.

Em oposição a Araújo, Mourão tem trabalhado para restabelecer os canais de diálogo com o governo venezuelano, o que acabou sendo considerado por Bolsonaro a postura correta diante do agravamento da tensão na fronteira entre os dois países. A ideia é que Araújo seja, aos poucos, afastado em definitivo das negociações no país vizinho.

O ministro Vélez Rodríguez, da Educação, integra a ala ideológica e, assim como Araújo, chegou ao cargo por indicação do guru da nova direita, Olavo de Carvalho.

Uma carta endereçada pelo MEC às escolas, pedindo que crianças fossem filmadas enquanto cantavam o hino nacional, gerou reações mesmo entre patriotas. Após recomendação do presidente, o ministro voltou atrás.

Na última sexta-feira (8), Vélez promoveu uma dança das cadeiras no MEC, esvaziando olavistas. As mudanças ocorreram após Olavo publicar nas redes sociais que seus ex-alunos deveriam sair do governo.

Na semana passada, houve outro conflito entre os dois grupos envolvendo indicações, mas com vitória do núcleo ideológico. Sob pressão dos filhos do

presidente e de ideólogos da direita, Bolsonaro obrigou o ministro da Justiça, Sergio Moro, a revogar a nomeação de Ilona Szabó de Carvalho como suplente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária.

Moro foi desautorizado após o presidente ter sido informado que a especialista em segurança pública é crítica ao afrouxamento das regras de acesso a armas, política do atual governo, e já ter demonstrado preocupação com o pacote anticrime apresentado pelo próprio ministro. O núcleo moderado até tentou demover Bolsonaro, mas ele não mudou de posição.

A decisão irritou Moro, que afirmou em reservado ter se sentido frustrado, e a cúpula militar, que vocalizou a insatisfação por meio do vice-presidente. "Perde o Brasil todas as vezes que você não pode se sentar numa mesa com gente que diverge de você. O Brasil perde. Não é a figura A, B ou C. Perde o conjunto do nosso país e nós temos que mudar isso aí."

Título: Viagem de Bolsonaro a Israel teve papel simbólico e poucos efeitos práticos, dizem analistas

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 3 de abril de 2019

O presidente Jair Bolsonaro deve chegar a Brasília no início da noite desta quarta-feira (3), depois de uma viagem de três dias a Israel.

No país, Bolsonaro visitou locais históricos, firmou acordos de cooperação e anunciou a abertura de um escritório comercial em Jerusalém. Para analistas ouvidos pela BBCNews Brasil, a importância da ida a Israel foi principalmente simbólica, mas os efeitos práticos para o Brasil devem ser poucos.

Na chegada ao país do Oriente Médio no domingo (31), Bolsonaro foi recebido no aeroporto internacional Ben Gurion pelo primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu. Trata-se de uma honraria especial: nos últimos dez anos, só aconteceu cinco vezes.

No mesmo dia, Bolsonaro e Netanyahu assinaram quatro acordos de cooperação entre Brasil e Israel; um memorando de entendimento e um acordo de cooperação.

"(Foram firmados) vários instrumentos bilaterais de cooperação, nos campos da ciência e tecnologia; defesa; segurança pública; aviação civil; segurança cibernética e saúde. Ambos os governos tomarão as medidas necessárias para cumprir e implementar os acordos recém-assinados nos campos acima mencionados", disse o Itamaraty, em nota. A chancelaria disse ainda que os dois países trocarão informações sobre a produção de gás natural —os dois países são produtores desse recurso.

Na área de ciência e tecnologia, o acordo tem por objetivo "aproximar os ecossistemas de inovação brasileiro e israelense" e fomentar a vinda de startups de Israel para o Brasil.

Bolsonaro também adiou —por enquanto, indefinidamente— o cumprimento de sua promessa de campanha, de transferir a embaixada brasileira em Israel, de Tel Aviv para Jerusalém. O gesto teria um grande peso simbólico e representaria o reconhecimento da cidade como capital de Israel, algo que contraria o entendimento atual das Nações Unidas e da maioria da comunidade internacional.

Ao invés da embaixada, Bolsonaro anunciou a criação de um escritório de negócios em Jerusalém. A cidade é reivindicada como capital também pelos palestinos.

"Tem o compromisso [de mudar a embaixada], mas meu mandato vai até 2022. E tem que fazer as coisas devagar, com calma, sem problema", disse Bolsonaro na segunda-feira.

Na segunda, Bolsonaro foi ao Muro das Lamentações — local considerado sagrado pelos judeus e que fica no lado oriental da cidade. Controlada pelos israelenses desde a Guerra dos Seis Dias (1967), essa parte da cidade é reivindicada também pela Autoridade Nacional Palestina — que quer construir ali uma futura capital de um Estado palestino, e é considerada pela ONU como área ocupada por Israel.

Em geral, os líderes de outros países que visitam Israel preferem ir ao local sozinhos, em visitas de caráter privado — justamente para que a visita não possa ser interpretada como um endosso à reivindicação israelense sobre a área. Bolsonaro visitou o Muro junto com Netanyahu. Trata-se de uma mudança na atitude brasileira em relação à questão. Mais tarde, o chanceler brasileiro, Ernesto Araújo, negou que a visita ao muro tivesse um caráter político. O ato, segundo Araújo, "foi um momento puramente religioso".

Nesta terça-feira (2), Bolsonaro voltou a causar polêmicas ao afirmar duas vezes que o nazismo — ideologia do ditador alemão Adolf Hitler (1889-1945) — era um movimento "de esquerda". A tese é amplamente refutada por estudiosos desse período histórico.

"Não há dúvidas (de que foi um movimento de esquerda), Partido Nacional Socialista da Alemanha", disse Bolsonaro a jornalistas, aludindo ao nome oficial do partido liderado por Hitler.

O presidente foi também ao Museu do Holocausto Yad Vashem — que como mostrou a reportagem BBC News Brasil, considera o nazismo como parte de uma onda de movimentos de direita radical que surgiram na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial.

E, na noite desta terça-feira, o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), filho do presidente, publicou no Twitter uma notícia sobre o Hamas — uma organização israelense considerada terrorista por Israel, pelos Estados Unidos e pela União Europeia. "Quero que vocês se EXPLODAM!!!", escreveu ele. A notícia era sobre o repúdio do grupo à visita de Bolsonaro. Momentos depois, o tuíte foi apagado do perfil.

Ao saber do tuíte de Flávio — que esteve em Israel com o presidente — o líder da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), Alceu Moreira (MDB-RS), deixou o plenário da Câmara dos Deputados dizendo em voz alta: "Chega dos meninos do Bolsonaro, não dá mais". "Acabou a paciência", disse ele, dirigindo-se à líder do governo no Congresso, Joice Hasselmann (PSL-SP). Hasselman perguntou ao que ele se referia. "Não viu o Flávio falando do Hamas?", devolveu Moreira.

Segundo especialistas ouvidos pela BBC News Brasil, o setor agrário teme ser atingido pelo possível estremecimento das relações com o mundo árabe. O Brasil é o maior exportador mundial de proteína halal — carnes de animais abatidos segundo as leis islâmicas — e teme sofrer boicote dos países árabes e do Irã, um mercado com um potencial de cerca de 1,8 bilhão de consumidores. Essas compras representam 10% do total exportado pelo setor agropecuário brasileiro. Segundo analistas, esse volume de exportações não seria facilmente substituído pelos compradores caso optassem por um boicote ao Brasil.

Para o professor Guilherme Casarões, da Fundação Getúlio Vargas, a data da visita foi pensada de forma estratégica para o premiê israelense Benjamin Netanyahu —que enfrentará as urnas em seu país na semana que vem. Como um líder de direita, Netanyahu viu na presença de Bolsonaro a possibilidade de criar um fato político para sua campanha— ainda mais se o presidente brasileiro anunciasse a mudança da embaixada de Tel Aviv para Jerusalém.

"O problema é que Bolsonaro, por sua vez, está numa situação política difícil no Brasil. O governo está fraturado entre vários grupos de interesses, como evangélicos e ruralistas, e o presidente começou a pesar com mais cautela o impacto que a mudança de embaixada poderia ter", diz Casarões. Segundo o especialista, o anúncio da mudança seria importante na disputa eleitoral israelense.

"Com a decisão de abrir o escritório comercial, Bolsonaro encontrou uma solução que é ruim para todos. Desagrada quem esperava o anúncio da mudança da embaixada, tanto em Israel quanto no Brasil, e irrita também os países árabes", diz ele.

Professor de relações internacionais da FGV, Oliver Stuenkel acrescenta que falar sobre a mudança da embaixada neste momento não era obrigatório para Bolsonaro —e nem era uma demanda que o governo israelense tivesse apresentado ao brasileiro. "Bolsonaro poderia ter fortalecido sua relação com Israel sem levantar essa questão da mudança da embaixada. No fim, foi um problema que ele criou para si mesmo", diz ele.

No começo da semana, Bolsonaro foi cobrado pelo deputado e pastor evangélico Marco Feliciano (PSC-SP). "Respeito a abertura do escritório, porém o segmento evangélico, um terço do eleitorado brasileiro, que deu uma vantagem de 11 milhões de votos ao presidente Jair Bolsonaro (...) confia que cumprirá sua palavra e em breve mudará a embaixada", escreveu ele no Twitter.

Postergar a mudança "foi uma vitória do grupo mais pragmático, formado por ruralistas e militares, que desde a campanha falavam sobre o risco que uma eventual mudança poderia ter para as relações com os países árabes", diz Casarões.

A viagem, avalia Stuenkel, teve por finalidade "entregar algo que parte do eleitorado de Bolsonaro estava pedindo" e projetar uma imagem para o resto da comunidade internacional de proximidade com Israel. "Mas, na política, é complicado entregar algo a um determinado grupo às custas de outro, como o setor agrícola brasileiro, que está preocupadíssimo com as repercussões (da viagem) junto aos países árabes e muçulmanos", diz.

"Foi uma viagem de caráter mais simbólico, mais que substancial. Houve Acordos na área de energia, de startups, mas a relevância que isto terá ainda é incerta", diz Stuenkel.

Título: Em quebra histórica de tradição diplomática, Bolsonaro visitará Muro das Lamentações com Netanyahu

Jornal: Folha de S. Paulo

Autor: Caio Quero

Data: 30 de março de 2019

O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, visitará o Muro das Lamentações

acompanhado pelo primeiro-ministro israelense Binyamin Netanyahu, em um movimento que representa uma quebra da política brasileira em relação aos territórios de Jerusalém Oriental considerados pela comunidade internacional como ocupados por Israel.

Segundo o programa da visita de Bolsonaro a Israel divulgado pelo Itamaraty, o presidente visitará o Muro na tarde de segunda-feira (1º).

O presidente brasileiro romperá com a tradição diplomática do país em relação a Israel de três maneiras.

Ele não fez contato com as autoridades palestinas nem passará por locais sagrados para islamismo. Além da Igreja do Santo Sepulcro, ponto importante para cristãos, Bolsonaro vai visitar o Muro das Lamentações acompanhado do governo israelense.

O movimento de aproximação de Bolsonaro pode ser encarado pela comunidade internacional como um reconhecimento tácito de que os territórios ocupados por Israel após 1967 pertencem ao país.

Jerusalém Oriental, incluindo o Muro, é considerada território em disputa pela comunidade internacional.

Um diplomata que conversou com a BBC News Brasil em condição de anonimato afirmou que visitas de autoridades brasileiras e internacionais ao Muro, local de peregrinação do judaísmo, normalmente são feitas em caráter privado, sem a presença de membros do governo israelense.

Para diplomatas e analistas ouvidos pela reportagem, pode haver protestos da Jordânia, responsável pelos sítios sagrados para os cristãos e muçulmanos, e de outros países, principalmente da comunidade árabe.

"Esse movimento é absolutamente inédito", explica Guilherme Casarões, professor da Fundação Getúlio Vargas e especialista nas relações do Brasil como Oriente Médio. "Eu diria que isso se explica pelo fato de que Netanyahu está dispensando um tratamento muito especial ao Bolsonaro com vistas a extrair dele sinalizações e concessões de pontos que para Netanyahu, às vésperas das eleições em Israel, são importantes, como a mudança da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém."

Em maio de 2017, quando visitou o local, o presidente americano Donald Trump não estava acompanhado de Netanyahu.

No último dia 21, no entanto, o secretário de Estado americano, Mike Pompeo, fez a primeira autoridade americana de primeiro escalão a visitar o Muro acompanhado de um primeiro-ministro de Israel. O ato irritou os palestinos, que reivindicam a área desde a ocupação israelense.

Em sua visita, Pompeo exaltou a jornalistas sua própria visita. "Eu acho simbólico que uma autoridade americana de alto escalão visite o local com o primeiro-ministro de Israel", disse, sem citar a disputa entre israelenses e palestinos pelo local.

Localizado no lado leste de Jerusalém, o Muro das Lamentações é a única parte que restou de um templo judaico do período romano, e é considerado o lugar mais sagrado da crença judaica. Essa região é controlada por Israel desde a Guerra de Seis Dias, em 1967.

Em uma área de cerca de um 1 km² estão, além do Muro, a Igreja do Santo Sepulcro, que abriga o local de crucificação e sepultamento de Jesus Cristo, e a Mesquita de Al-Aqsa, o terceiro lugar mais sagrado do islamismo.

Título: Associação entre Israel e conservadorismo de Bolsonaro preocupa alguns judeus

Veículo: Folha de S. Paulo

Autora: Daniela Kresch

Data: 5 de janeiro de 2019

Tel Aviv Uma bandeira de Israel tremula atrás da nova ministra da Mulher, Família e dos Direitos Humanos, a advogada e pastora evangélica Damares Alves, no vídeo que viralizou nesta quinta-feira (3), no qual ela afirma que, na “nova era no Brasil”, “menino veste azul e menina veste rosa”.

Imagem 12 – Frame de vídeo mostra a pastora evangélica Damares Alves, Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, dizendo que “menino veste azul, menina veste rosa”, com a bandeira de Israel ao fundo



Reprodução

A associação entre Israel e o conservadorismo do novo governo brasileiro – principalmente por causa do apoio do primeiro-ministro Binyamin Netanyahu ao presidente Jair Bolsonaro (PSL)– preocupa uma parcela dos judeus no Brasil e em Israel, que gostariam de desvincular política e interesses de governos específicos da sociedade como um todo.

Para especialistas e diplomatas, o Israel que é alvo da simpatia dos evangélicos brasileiros simbolizaria não um país real, mas sim um conceito cuja pregação está muito vinculada ao Velho Testamento (a Bíblia judaica), com personagens como Moisés e o rei Davi.

Essa imagem idealizada do país, no entanto, está longe da realidade do Estado de Israel moderno, com suas milhares de startups, universidades e tecnologias avançadas.

“Eu vi o vídeo e claro que eu fiquei chateado, porque, aqui em Israel, os meninos não vestem azul e as meninas rosa. Cada um veste o que quer”, diz o ex-cônsul econômico de Israel em São Paulo, Roy Nir-Rosenblatt, diretor para o Brasil da empresa Tammuz, uma das maiores do mundo em barriga de aluguel.

“Israel está longe de ser o país conservador e religioso que se pensa”, afirma ele.

O ex-cônsul diz entender a importância do apoio político do governo Bolsonaro a Israel. Mas aponta para o efeito colateral: “Por um lado, precisamos desse apoio dos evangélicos pelo mundo, inclusive os brasileiros. Mas, por outro, irrita essa apropriação da nossa bandeira, porque Israel não tem nada a ver com essas crenças, com esse fanatismo”.

Nir-Rosenblatt diz que Israel é muito liberal sobre vários temas, como direitos dos LGBT, o papel da mulher na sociedade e aborto, por exemplo. O país tem o maior percentual do mundo de famílias LGBT.

As escolas públicas adotam uma visão de gênero segundo a qual professores não só não devem dar palpites em relação às cores ou outros aspectos das roupas das crianças como são incentivados a não perpetuar estereótipos.

A orientação oficial do Ministério da Educação diz: “Suavizar a divisão acentuada entre a aparência aceitável de ‘meninos’ e ‘meninas’, encorajando a aceitação de cores de roupas mais diversificadas para ambos os sexos, estilos mais variados de roupas, manutenção do corpo e estilos de movimento menos polarizados e aumentando a gama de escolha e autoexpressão de meninas e meninos”.

A professora e coordenadora de jardim de infância Sarit Cohen explica que há um esforço inclusivo no sistema educacional acirrado nos últimos anos não só quanto ao gênero como quanto a cor da pele dos alunos e famílias não tradicionais.

E, mesmo que uma classe tenha apenas meninos, por exemplo, é obrigatório que haja bonecas e cozinhas de brinquedo para uso dos alunos.

“Em cartazes nos jardins de infância e escolas, a orientação é nunca mostrar meninas com vestidos rosas e meninos com calças azuis e sim ambos os sexos com roupas neutras e cores como amarelo, verde e vermelho”, diz Cohen.

Ela assinala, no entanto, que em escolas públicas religiosas ou mesmo escolas seculares em cidades mais conservadoras, essas mudanças são mais suaves e levam mais tempo.

“Quanto mais religiosos os professores e o meio, mais delicada é essa tendência, por causa dos valores mais tradicionais”.

Israel, Estado judeu criado em 1948, nunca teve maioria religiosa. Atualmente, 49% dos adultos judeus (que são 75% da população total) se classificam como totalmente seculares. Outros 29% se dizem tradicionais (um pouco religiosos). Só 22% dos israelenses se consideram muito religiosos (sendo 9% deles extremamente religiosos, os ultraortodoxos).

Os dados são do centro de pesquisas americano Pew, mas coincidem com os do Escritório Nacional de Estatísticas de Israel. Segundo o órgão, aliás, 22% dos adultos judeus israelenses nunca vão à sinagoga.

Certamente, há aspectos mais complexos. Em Jerusalém, por exemplo, um terço dos moradores são judeus extremamente religiosos.

Não há casamento ou divórcio civil no país. E o transporte público não funciona no shabat (o sábado judaico). Um constante cabo de guerra entre religiosos e seculares permeia a sociedade civil.

Alguns acreditam que há um aumento da religiosidade, nos últimos anos. Em julho de 2018, vários manifestantes pelo país protestaram contra leis que excluem casais gays, textos cada vez mais religiosos em livros escolares e separação entre meninos e meninas em eventos do sistema educacional e do exército.

Segundo o cientista político Samuel Feldberg, graduado pela Universidade de Tel Aviv e doutor pela USP, Israel passa pela mesma discussão interna entre conservadorismo e liberalismo pela que passa o Brasil.

Mas é o ponto de vista dos conservadores que é destacado por membros do novo governo: “O que nós estamos vendo é uma captura de apenas uma parte da sociedade israelense transformada na imagem dessa sociedade como um todo, de acordo com o que interessa a esses grupos no Brasil”, diz Feldberg.

Título: Estamos preparados para fazer frente a qualquer ameaça, diz general sobre posse

Veículo Folha de S. Paulo

Autores: Reynaldo Turollo Jr e Fábio Fabrini

Data: 30 de dezembro de 2019

Brasília A dois dias da posse do presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL), autoridades responsáveis pela cerimônia disseram haver indefinição quanto ao uso do carro aberto, o tradicional Rolls-Royce, ou carro fechado. O GSI (Gabinete de Segurança Institucional), responsável pelo evento, informou considerar que há ameaças reais à segurança de Bolsonaro, mas que está pronto para enfrentá-las.

“A decisão do carro aberto ou fechado, que é uma coisa menor numa festa tão grande e bonita, será decidida pelo presidente da República”, disse o general Sergio Etchegoyen, atual chefe do GSI. Segundo ele, a definição virá no dia 1º, diante da vontade de Bolsonaro e das circunstâncias.

Já o futuro chefe do GSI, general Augusto Heleno, um dos principais conselheiros de Bolsonaro, afirmou que a decisão sobre o carro será do presidente eleito. “Critério Jair Messias Bolsonaro”, respondeu, ao ser questionado. “Não tem como a gente dizer.”

Etchegoyen minimizou a importância de como será o desfile. “As pessoas que vêm pra festa não estão preocupadas com os critérios de carro aberto ou carro fechado. A nossa responsabilidade é garantir que a vontade de 58 milhões de brasileiros se concretize”, disse.

Questionado sobre se houve aumento da segurança para a cerimônia, em comparação com as passadas, Etchegoyen disse que “o correto é dizer que o presidente eleito sofreu um atentado contra a vida dele”, e por isso as autoridades precisam ter cautela.

Sobre investigação da Polícia Federal sobre eventuais ameaças de atentados no dia da posse, o militar declarou que “o fundamento e a sustentação das ameaças vão estar no inquérito da Polícia Federal”.

“Nós não temos o direito de descartar nenhuma delas [das ameaças]. Nós estaremos preparados sempre para fazer frente a qualquer das ameaças. Todas as ameaças possíveis estão sendo prevenidas e serão neutralizadas.”

Etehegoyen e Heleno não quiseram dizer qual a expectativa de público para o evento, mas declararam que estão preparados para até 500 mil pessoas. Também não responderam se haverá militares à paisana e armados no meio da multidão.

“Vocês têm que entender que ações de segurança e inteligência têm caráter sigiloso”, disse Heleno.

A equipe responsável pela cerimônia de posse realizou o segundo ensaio na Esplanada dos Ministérios na tarde deste domingo (30). Diferentemente do primeiro, feito no domingo anterior (23), o dublê que interpretou Bolsonaro fez o trajeto da Catedral Metropolitana até o Congresso em carro fechado, e não no Rolls-Royce.

A Esplanada foi bloqueada com tapumes. Do lado de fora, algumas dezenas de eleitores de Bolsonaro erguiam bandeiras do Brasil e tentavam espiar pelas frestas da barreira.

“A segurança vai ser o ponto-chave do evento. Vai ser uma festa bonita, que vai mostrar como o Brasil se uniu para eleger esse presidente diferenciado”, disse a militar Sandra Moreti, 37, que tentava ver o ensaio com o marido e a filha de um ano e sete meses. Todos vestiam camisetas amarelas.

Com a posse, hotéis de Brasília estão batendo recordes de procura. A taxa de ocupação média superava os 70% neste domingo (30), ante 20% no mesmo período do ano passado, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIHDF).

A expectativa é de que bata os 90% na segunda (31).

No hotel Athos Bulcão, 94% dos quartos já estão reservados para a véspera do evento. O esquema de segurança sem precedentes preparado pelo Palácio do Planalto envolveu os hotéis, que distribuíram material informativo orientando os hóspedes a identificar bombas em locais como aeroportos e banheiros.

Uma cartilha sobre o que pode e o que não pode ser levado para a Esplanada dos Ministérios era distribuída nas recepções. Não poderão entrar animais, bolsas, mochilas, garrafas, carrinhos de bebê e nem sombrinhas, apesar da previsão de chuva para terça.

A expectativa do Planalto é de que entre 250 mil e 500 mil pessoas compareçam à posse. Muitas se anteciparam e passaram o fim de semana fazendo turismo em Brasília, experiência que tinha um quê de frustração.

Caminhões foram usados para bloquear os dois sentidos da Esplanada dos Ministérios, na qual se atravessou um muro metálico. Não é permitido nem a pedestres o acesso a alguns dos prédios de maior interesse do público, como o Congresso Nacional e a Catedral de Brasília.

As vias paralelas também foram inteiramente fechadas. Izabela Silva, 37, foi avisada por homens do Exército de que, para seguir de bicicleta por uma delas, precisaria de uma credencial. “Talvez eu seja perigosa!”, brincou.

Muitos apoiadores de Bolsonaro se aglomeravam a distância dos prédios da Praça dos Três Poderes, tirando fotos com o zoom de suas câmeras e fazendo orações.

O pastor evangélico José Carlos Ayres Ângelo, 64, foi ao curto pedaço acessível da Esplanada para, em suas palavras, “estabelecer território”. Na segunda, a partir das 21h, ele e outros fiéis estarão no local em vigília até a meia-noite.

Ele diz acreditar que uma nova ordem política, social e espiritual está se estabelecendo no Brasil. “Quem venceu as eleições foi o poder de Deus, contra as potestades de esquerda que querem implantar o comunismo no Brasil”, declarou,

explicando que não só o voto popular, mas as orações pelo sucesso de Bolsonaro foram fundamentais para que ele fosse eleito.

Laurindo Shalom, 64, que congrega na igreja Presbiteriana, levou para o gramado em frente ao Museu Nacional uma bandeira de Israel e uma trombeta de chifre de carneiro, a qual fez soar, segundo ele, a pedido de Deus.

“É um ato memorial. Estamos agradecendo ao senhor por esta vitória”, explicou. “Estamos aqui para apoiar também a decisão de transferir a Embaixada do Brasil para Jerusalém. Jerusalém é nossa”, acrescentou ele, que se identifica como judeu e também frequenta, segundo ele, uma sinagoga messiânica.

O comércio informal de camisetas, bandeiras e faixas presidenciais de apoio a Bolsonaro esquentou. Aldinei Faustino, 57, viajou de Santa Catarina a Brasília e estendeu um imenso varal com os produtos em frente ao Setor Hoteleiro Norte. Acomodou-se à sombra de uma jaqueira, de onde tentava seduzir os transeuntes a comprar.

“Ontem [sábado] a venda bombou, mas amanhã [segunda] vai arrebentar. Minha torcida é para que não sobre nada.”

Título: Em almoço com evangélicos, Bolsonaro afaga os filhos, Magno Malta e Israel

Veículo: Folha de S. Paulo

Autora: Ana Luisa Albuquerque

Data: 11 de abril de 2019

Rio de Janeiro O presidente Jair Bolsonaro (PSL) aproveitou um almoço com lideranças evangélicas nesta quinta-feira (11) para fazer um triplo afago: aos filhos, ao ex-senador Magno Malta (PR-ES) e a Israel.

Enquanto contava sobre sua viagem com os filhos para o país, em 2016, quando foi batizado no rio Jordão, o presidente fez questão de reafirmar sua proximidade com a família.

“Muitos tentaram afastar de mim. Mas ninguém afasta um filho do pai, o pai do filho”, disse.

Bolsonaro também fez um cafuné no ex-senador Magno Malta, aliado na campanha que acabou alijado de seu governo: “Quase chorei, confesso. Que nunca mais nos afastemos”.

O presidente disse que a viagem a Israel tocou sua alma e defendeu que quem decide a capital do país é o povo. Ele também reafirmou seu compromisso de transferir a embaixada brasileira para Jerusalém. Por enquanto, Bolsonaro anunciou a criação de um escritório de representação comercial na cidade, e manteve a embaixada em Tel Aviv.

“Queremos cumprir esse compromisso, mas, como um bom casamento, tem que namorar, ficar noivo.”

O presidente abriu o discurso solidarizando-se com os cariocas, com o governador Wilson Witzel (PSC), que estava presente no evento, e com o prefeito

Marcelo Crivela (PRB), diante das chuvas que deixaram dez mortos no início da semana. “Que Deus conforte os familiares das vítimas”, afirmou.

Servido num hotel na Barra, zona oeste do Rio, o almoço com frango, picanha e penne à bolonhesa foi organizado pelo pastor Silas Malafaia, que se sentou à mesa com o presidente.

“Não votamos em Bolsonaro exclusivamente por causa de agenda moral. Votamos porque ele tem uma vida limpa, (por causa da) questão da segurança, da corrupção, de um novo país, de desemprego, máquina emperrada”, disse Malafaia, dirigindo-se à imprensa.

Ele também comentou a pesquisa Datafolha que mostrou que, em três meses de governo, Bolsonaro tem a pior avaliação entre seus antecessores em primeiro mandato.

“Nos últimos 24 anos, quem governou o país? Quem foi eleito presidente e encontrou estado de calamidade, roubalheira como o presidente Bolsonaro?”, questionou Malafaia.

O pastor parabenizou o presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Dias Toffoli, e o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), que compareceram ao almoço.

“Tive dúvida quando foi colocado como presidente do Supremo”, disse Malafaia, acrescentando que reconhece que Toffoli age como guardião da Constituição.

O presidente do STF, em nome do Judiciário, disse que os evangélicos atuam na resolução de conflitos e que ajudam os mais necessitados. “O trabalho que os evangélicos têm feito no nosso país merece e deve ter reconhecimento”, afirmou.

Ele também disse que o momento é de união, serenidade e diálogo. Afirmou ainda que não se pode deixar que intrigas tirem o país do trilho. “Que Deus abençoe a nação brasileira”, afirmou ao fim de seu discurso.

Nas duas mesas principais, sob um telão onde se lia “Deus abençoe o Brasil!”, sentaram-se Bolsonaro, Malafaia, Toffoli, Alcolumbre e Witzel. Ex-senador, Magno Malta (PD-ES) foi acomodado na frente de Alcolumbre.

O irmão de Malafaia, o deputado estadual Samuel (DEM-RJ), e o afilhado político do pastor na Câmara, Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), almoçaram na mesma mesa.

Lá estavam algumas das maiores lideranças evangélicas do país, como os patronos das duas maiores Assembleias de Deus, José Wellington Bezerra da Costa (do ministério Belém) e Manoel Ferreira (ministério Madureira).

Os assembleianos, segundo o Censo, formam a ala majoritária dos evangélicos no Brasil. O próprio Malafaia vem dali: comanda a Assembleia de Deus Vitória em Cristo.

Um convidado internacional: o Pastor John Hagee, da mega igreja texana Cornestone. Ele, que está no Brasil para uma série de pregações no templo do anfitrião, lidera a organização Christians United for Israel.

Os convidados prometiam não trazer à pauta temas indigestos, como a mudança adiada da embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, um pleito deles. Dizam estar lá para “orar pelo presidente”.

O tema, contudo, foi inevitável. Hagee contou que em 2017 teve uma reunião parecida, mas com Donald Trump, e na Casa Branca. Disse ao presidente americano que ele se tornaria imortal no dia em que transferisse o corpo diplomático dos EUA para Jerusalém, o que acabou sendo feito por Trump.

“Quando você começar a bençoar Israel de maneira prática, haverá uma explosão sobrenatural”, disse Hagee.

Malafaia também falou sobre o tema. Ele riu ao citar o argumento usado por aqueles que não desejam contrariar a ONU, que não reconhece Jerusalém como capital israelense.

Ele afirmou que as nações mais poderosas, que têm assento permanente no Conselho de Segurança, são peritas em desobedecer a ONU. “O Brasil pertence à ONU, mas não é subserviente a ela. Não somos nós que vamos dizer a uma nação onde é a sua capital.”

O pastor defendeu o intercâmbio tecnológico com o país do Oriente Médio para resolver o problema da seca nordestina. Assim, afirmou Malafaia, Bolsonaro “vai arrancar o último pão da boca desses esquerdopatas”.

Convidados lembraram do apoio do segmento ao presidente: evangélicos não só deram 7 em cada 10 votos para Bolsonaro na eleição como continuam sendo o quinhão mais fiel a ele nas pesquisas de popularidade.

Título: Bolsonaro afirma que transferirá embaixada para Jerusalém até 2021

Veículo: Folha de S. Paulo

Autora: Thalita Fernandes

Data: 3 fevereiro de 2020

Brasília O presidente Jair Bolsonaro voltou a se comprometer em transferir a embaixada brasileira de Israel de Tel-Aviv para Jerusalém, uma promessa feita ainda durante a campanha eleitoral em 2018. Ele disse que a medida deve acontecer até 2021.

“Estamos caminhando para isso. Não vou dizer [20]20, no máximo [20]21, se Deus quiser, vai nascer sem atritos”, afirmou o presidente durante uma conversa com o pastor Silas Malafaia gravada em dezembro do ano passado e veiculada nesta segunda-feira (3) no canal do YouTube do líder religioso.

A declaração mostra uma nova mudança de postura do presidente, que havia suspenso a promessa de transferir a embaixada e anunciado a abertura de um escritório comercial do Brasil em Jerusalém.

Durante a conversa com Malafaia, Bolsonaro conta como foi tomada a decisão sobre a mudança da representação diplomática.

Sem mencionar data, disse que estava em um carro de som em Goiânia (GO) quando foi alertado de que o presidente americano, Donald Trump, havia transferido a embaixada dos EUA de Tel Aviv para Jerusalém.

"Tinha um cara lá com a bandeira azul, com o símbolo de Davi [estrela de Davi, símbolo do judaísmo] —é isso mesmo? O cara me trouxe a bandeira, eu peguei e falei que assumia esse compromisso publicamente. Não sabia dos problemas ainda", afirmou.

A mudança da embaixada é ponto sensível aos evangélicos, que são uma das principais bases de apoio do governo. Por outro lado, enfrenta a resistência dos militares, que deram amparo à eleição de Bolsonaro.

Na visão dos generais que integram o governo, ao levar a representação brasileira para Jerusalém, o presidente estaria assumindo um dos lados do conflito entre Israel e Palestina, já que a cidade é alvo de disputa — a decisão poderia ter implicações do ponto de segurança nacional.

Já na visão do Ministério da Economia e do Ministério da Agricultura, essa alteração terá impacto também nos negócios brasileiros no Oriente Médio. O Brasil é exportador de produtos para a região e tem na comercialização de carne uma das principais atividades na relação com países árabes. Durante a conversa com Malafaia, Bolsonaro minimizou o impacto da decisão.

"Nós temos conversado com lideranças de países vizinhos [a Israel], falando que é uma questão interna nossa, não é para afrontá-los, é uma questão de entendimento nosso. Demos um grande passo há poucos dias [em dezembro de 2019], o Eduardo [Bolsonaro] com o Binyamin Netanyahu [premiê israelense], bem como o nosso almirante, presidente da Apex, inauguramos um escritório lá em Jerusalém. É lógico que foi dado mais um passo", disse.

A criação de um escritório comercial brasileiro em Jerusalém foi anunciada por Bolsonaro em abril de 2019, durante visita a Israel.

"O sentimento que eu tenho: todas essas conversas foram no reservado, Arábia Saudita, Qatar, Emirados Árabes, entre outros, só o intérprete ali. 'Olha, a situação é essa'. Só teve uma que achou que ficou meio assim, mas deu sinal verde. Os outros chefes de Estado todos falaram que é uma questão interna do Brasil", disse.

Bolsonaro viajou em outubro para países árabes como Emirados Árabes, Qatar e Arábia Saudita.

Título: Comunidade judaica brasileira reage a uso da bandeira de Israel em atos antidemocráticos

Veículo: Folha de S. Paulo

Autora: Manuela Ferraro

Data: 10 de maio de 2020

São Paulo "Não queremos negociar nada", disse Jair Bolsonaro em frente ao quartel general do Exército, em Brasília, em ato organizado por seus apoiadores em abril. No meio da multidão, tremulava uma bandeira israelense.

A presença do símbolo do Estado judeu é comum em manifestações de apoio ao presidente, mas sua associação com a defesa de pautas antidemocráticas tem sido criticada por membros da comunidade judaica brasileira.

Imagem 13 – Jair Bolsonaro recebe manifestantes na rampa do Palácio do Planalto, em protesto contra o Congresso e o STF



Fonte: Ueslei Marcelino - 3.mai.2020/REUTERS

Na última segunda-feira (4), Fernando Lottenberg, presidente da Confederação Israelita do Brasil (Conib), divulgou uma nota após a bandeira aparecer novamente em um ato pró-governo.

Dessa vez, manifestantes criticavam o Congresso, o Supremo Tribunal Federal (STF) e o ex-ministro da Justiça Sergio Moro. Na rampa do Planalto, ao lado do presidente, um apoiador balançava uma haste com as bandeiras brasileira, americana e israelense.

“Lamentamos o uso da bandeira de Israel, uma democracia vibrante, em atos antidemocráticos. Isso pode passar uma mensagem errada sobre a comunidade, que é plural, com judeus e judias em todo espectro político”, dizia o texto.

Para o diretor-executivo do Instituto Brasil-Israel, Daniel Douek, a presença da bandeira associa Israel ao conservadorismo e à agenda bolsonarista, “enquanto na realidade o país preza medidas progressistas, como a garantia de direitos a pessoas LGBTQs e o controle rígido de armamentos”.

“Além disso, a utilização da bandeira de Israel em atos que pedem a volta do AI-5 deturpa e ofende a memória de Ana Rosa Kucinski, de Lara Lavelberg, de Vladimir Herzog e de todos os outros judeus mortos e torturados pela ditadura militar brasileira.”

Israel é alvo da simpatia de grupos evangélicos, base de apoio do presidente. Muitos afirmam acreditar que Jesus Cristo só voltará à Terra se os

judeus estiverem fixados em Israel. Isso motiva a presença de bandeiras israelenses em atos pró- Bolsonaro.

O primeiro-ministro do país, Binyamin Netanyahu, veio ao Brasil para participar da posse do presidente e recebeu Bolsonaro em uma visita a Israel. André Lajst, diretor-executivo da ONG StandWithUs Brasil, avalia a aproximação de Bolsonaro e Netanyahu como positiva.

Para ele, foi importante, por exemplo, o voto na ONU, em março deste ano, que rompeu tradição diplomática brasileira de se abster ou votar contra a posição israelense em decisões envolvendo territórios palestinos ou a Colinas de Golã. Lajst, no entanto, também condena o uso indiscriminado da bandeira de Israel.

“Não faz sentido usar a bandeira em protestos de âmbito doméstico. Isso pode deturpar a imagem de Israel e levar pessoas mal-informadas a acreditarem que Israel compactua com as políticas internas brasileiras”, afirma.

Isso se estende, na visão do diretor, a manifestações contra as medidas de isolamento social durante a pandemia. “Israel aplicou uma das quarentenas mais rígidas contra o novo coronavírus. E Netanyahu criticou nos últimos dias aqueles que minimizam o impacto do vírus”, diz Lajst.

O grupo brasileiro de esquerda Judeus pela Democracia repudiou a utilização da bandeira em mensagem publicada no Twitter. “Basta do sequestro de símbolos”, afirmou o grupo.

Em nota, a B’nai B’rith do Brasil, organização judaica de ajuda humanitária e direitos humanos, também disse não ver sentido no uso de bandeiras de outros países em manifestações de questões exclusivamente brasileiras.

Procurada, a embaixada de Israel no Brasil não quis comentar.

As críticas ao uso da bandeira se somam a outros episódios de conflitos entre a comunidade e o governo Bolsonaro. Em um deles, em novembro do ano passado, quando a Conib fez sua 50ª convenção, o embaixador israelense no Brasil, Yossi Shelley, não compareceu ao evento.

O motivo foram críticas feitas por Lottenberg à declaração de Bolsonaro de que o “nazismo era um movimento de esquerda”. Shelley disse que o presidente da Conib “tem uma agenda política própria”, fala mal de Bolsonaro e “a comunidade [judaica] não gosta disso”.

Além de Shelley, não compareceram ao jantar empresários como Meyer Nigri, da Tecnisa, Eli Horn, da Cyrella, e Fabio Wajngarten, secretário de Comunicação do governo Bolsonaro.

Lottenberg respondeu que a Conib tenta representar toda pluralidade da comunidade judaica e que o Museu do Holocausto, em Israel, já afirmou que o nazismo foi um movimento de direita.

Em outro caso, mais recente, o chanceler Ernesto Araújo comparou as medidas de isolamento social contra o coronavírus aos campos de concentração nazistas que mataram milhares de judeus.

A Conib, o Instituto Brasil-Israel e outros grupos da comunidade judaica brasileira repudiaram a declaração e exigiram que Ernesto se retratasse. O Comitê Judeu Americano também exigiu desculpas do ministro das Relações Exteriores.

O caso repercutiu na mídia israelense. Em entrevista ao jornal The Times of Israel, o brasileiro Ariel Krok, membro do comitê diretor do Corpo Diplomático Judaico do Congresso Judaico Mundial, disse que a declaração de Ernesto era “de mau gosto, perigosa e demonstra completa ignorância do assunto”.

Ernesto, no entanto, ignorou o pedido de desculpas e disse que o jornal israelense fez uma “leitura distorcida” da declaração.

Título: Partida de embaixador amigo de Bolsonaro sinaliza mudança na relação com Israel

Veículo: Folha de S. Paulo

Autor: Fábio Zanini

Data: 4 de fevereiro de 2021

Um dos embaixadores estrangeiros mais próximos do presidente Jair Bolsonaro, o israelense Yossi Shelley anunciou nesta quarta (24) que está deixando o posto.

Imagem 14 – Almoço entre Jair Bolsonaro e o Embaixador Yossi Shelley, em 2019, com lagostas nos pratos borradas



Reprodução/ Twitter/@IsraelinB

São Paulo “Após quatro anos de trabalho intenso, posso dizer que me sinto de coração parte deste imenso e lindo país”, escreveu Shelley em uma rede social.

Ele postou fotos de homenagens que recebeu do Itamaraty e da família do presidente, numa demonstração de sua proximidade com o atual governo.

Shelley foi condecorado pelo ministro Ernesto Araújo com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, principal honraria concedida pelo Brasil a personalidades estrangeiras.

Presente à homenagem estava também o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), de quem o embaixador recebeu uma garrafa de vinho “Bolsonaro – Il Mito”, um cabernet sauvignon de origem chilena, que homenageia o presidente.

Em sua mensagem de despedida, o embaixador agradeceu “por ter sido tão bem recebido pelo povo brasileiro e pela amizade e parceria com o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, sua família e todos os que estiveram ao meu lado durante esta incrível jornada”.

“Como a vida é feita de ciclos, é chegada a hora de encerrar este ciclo que muito me orgulha”, afirmou ele, que foi nomeado em 2017, ainda no governo de Michel Temer (MDB).

Shelley tornou-se amigo de Bolsonaro após sua eleição. Sua partida marca o fim de um período em que a relação pessoal entre embaixador e presidente foi componente importante da aliança política do Brasil com o primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu.

Empresário e ex-dirigente do partido Likud, de Netanyahu, Shelley será substituído por Danny Zonshine no cargo de embaixador. O representante que entra e o que sai não poderiam ser mais distintos, tanto em origem como estilo.

Para começar, Zonshine é um diplomata de carreira, que já ocupou cargos de direção no Ministério das Relações Exteriores de Israel e esteve em postos importantes, como a embaixada em Mianmar e o consulado em Mumbai (Índia).

Em 2001, ele serviu como conselheiro político da embaixada israelense em Brasília e tem domínio mediano do idioma português.

Além disso, Zonshine é mais discreto que Shelley, o que não é algo difícil. O atual embaixador ficou conhecido nos meios diplomáticos brasileiros pelo estilo sem rodeios, expondo livremente sua proximidade com Bolsonaro em redes sociais.

Um dos episódios mais conhecidos dessa relação foi o “lagostagate”, quando publicou uma foto com Bolsonaro enquanto almoçavam o crustáceo em julho de 2019.

A imagem foi borrada de maneira amadora na foto, numa tentativa malsucedida de não ofender judeus ortodoxos, para quem o consumo do animal é vetado. Mas o estrago estava feito.

No mesmo ano, também acompanhou o presidente em jogos de futebol e participou com ele da Marcha para Jesus, principal evento evangélico do país, em São Paulo.

Tanta intimidade acabou incomodando grande parte da comunidade judaica brasileira, por transmitir a ideia equivocada de alinhamento automático dela com o presidente.

Sempre que criticado, Shelley dizia que a relação com Bolsonaro era uma amizade genuína, com o benefício adicional de cimentar a aliança entre os dois países e ajudar nas relações bilaterais, não apenas as econômicas.

Um exemplo de efeito prático da proximidade entre os países ocorreu no desastre de Brumadinho (MG), em janeiro de 2019, quando Israel mandou uma equipe especializada em resgates para ajudar na tentativa de resgatar corpos sobreviventes.

Procurado pela Folha, Shelley não se manifestou. Já a embaixada disse apenas que a troca é um movimento normal, uma vez que a missão diplomática dele chegou ao fim, após quatro anos.

Para Michel Gherman, diretor acadêmico do Instituto Brasil-Israel, a troca de comando na embaixada sinaliza para um novo formato na relação entre os dois países.

“O futuro embaixador provavelmente dará um caráter mais estruturado à relação diplomática, até porque é um profissional de carreira”, afirmou.

Segundo ele, a mudança ocorre em um momento de reposicionamento de Netanyahu no cenário israelense. Político camaleônico, que se mantém no poder há 12 anos, ele disputa mais uma eleição em 23 de março.

Após um período de forte desgaste, inclusive com ameaça de ser preso, Netanyahu ganhou fôlego interno na esteira da bem-sucedida campanha de vacinação contra a Covid-19, que virou modelo para o mundo.

“Se em anos anteriores Netanyahu se associou a Trump e Bolsonaro, agora interessa a ele voltar às origens, como um político pragmático da direita conservadora”, diz Gherman.

Uma associação menos direta com Bolsonaro, embora mantendo laços políticos, seria parte desse processo, o que inclui a troca do chefe da missão diplomática.

A indicação de um embaixador de carreira como Zonshine mostra a intenção de Netanyahu de que ele continue no cargo independentemente do resultado eleitoral. Já Shelley provavelmente seria removido caso a oposição vencesse a disputa.

Zonshine é considerado um diplomata habilidoso, que atuou para baixar a fervura em momentos tensos da relação entre Brasil e Israel durante governos do PT.

Em 2010, por exemplo, quando ocupava o cargo de diretor de Assuntos Públicos do Ministério das Relações Exteriores de Israel, afirmou, em entrevista à Folha, que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva tinha o direito de dar opiniões favoráveis sobre o Irã, país que tem Israel como inimigo.

“Ele [Lula] tem o direito de dar a opinião dele, mas acho difícil que consiga convencer o governo israelense de seu ponto de vista. Somos nós [Israel] que estamos no Oriente Médio e somos ameaçados pelo Irã”, afirmou Zonshine, na ocasião.

Não há data ainda para que a troca seja efetivada, porque isso depende da aceitação do nome do novo diplomata pelo Itamaraty. Não deve haver problemas sobre isso, no entanto.

Quanto a Shelley, ainda não foi anunciado seu futuro. A hipótese mais provável é que ele retorne ao setor privado e às atividades políticas como aliado de Netanyahu.

Título: Lula é eleito presidente pela 3ª vez; acompanhe as principais notícias das eleições

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 6 de dezembro de 2022

Petista derrotou o atual chefe do Executivo, Jair Bolsonaro (PL), o primeiro a não conseguir a reeleição

Destaque:

Primeira-dama vota com camiseta da bandeira de Israel e repete lema usado por Bolsonaro A primeira-dama, Michelle Bolsonaro, votou na manhã deste domingo (30) em uma seção eleitoral em Ceilândia, no entorno de Brasília. Ela usava uma camiseta com a bandeira de Israel.

Em sua página no Instagram, Michelle postou uma foto sua em frente à urna, indicando o número do marido com as mãos. "Que as bênçãos do nosso Deus

estejam sobre o Brasil e sobre Israel. Deus, Pátria, Família e Liberdade." (Renato Machado)

Título: Israel pressiona, e governo Bolsonaro muda voto na ONU sobre direitos na Palestina

Jornal: Folha de S. Paulo

Autor: Ricardo Della Coletta

Data: 14 de dezembro de 2022

Brasília O governo de Jair Bolsonaro (PL) cedeu a pressões de Israel e instruiu a missão do Brasil na ONU a mudar um voto relacionado à questão de direitos humanos na Palestina.

Em meados de novembro, na comissão de descolonização das Nações Unidas, o país votou favoravelmente à resolução intitulada "Práticas Israelenses que Afetam os Direitos Humanos do Povo Palestino no Território Palestino Ocupado". Na reunião do colegiado, a redação foi adotada por 98 votos —foram ainda 17 contrários e 52 abstenções.

Nesta segunda-feira (12), estava prevista a confirmação da votação no plenário da Assembleia-Geral, em Nova York. De acordo com diplomatas ouvidos reservadamente pela Folha, na maioria dos casos o Brasil mantém nessa instância o posicionamento adotado em comissões. O Itamaraty, porém, determinou normalmente que a delegação se abstenha nos debates da representação.

Imagem 15 – Debate sobre a questão israelo-palestina em reunião do Conselho de Segurança da ONU em Nova Iorque



Fonte: Eduardo Muñoz - 8.ago.22/Reuters

A votação, de toda forma, acabou adiada, porque o texto foi enviado para análise de outro colegiado, responsável por temas administrativos e orçamentários.

O Itamaraty foi procurado pela Folha para comentar a ordem enviada por Brasília, mas não respondeu. A ordem para a mudança de voto gerou incômodo entre diplomatas, que afirmam que alterações do tipo entre a comissão e o plenário passam uma mensagem de falta de previsibilidade e confiança para outros países do sistema ONU. Eles apontam ainda que o Brasil tem um histórico de voto favorável em resoluções com teor semelhante analisadas no passado.

Em linguagem dura, o texto aprovado na comissão de descolonização demanda que Israel interrompa "todas as medidas contrárias à lei internacional [...no] território palestino ocupado". Diz ainda que os israelenses devem deixar de adotar "legislação discriminatória, políticas e ações que violem os direitos humanos da população palestina, incluindo morte e ferimento de civis".

Por fim, critica medidas como prisões consideradas arbitrárias, deslocamentos forçados e destruição e confisco de propriedades.

De acordo com pessoas que acompanham o tema, a pressão de Israel contra o texto foi redobrada devido à inclusão de um item que pede um parecer jurídico da Corte Internacional de Justiça.

A consulta ao tribunal visa responder a duas questões: "quais são as consequências legais da contínua violação por Israel ao direito de autodeterminação do povo palestino?" e "como as práticas e políticas de Israel afetam o status legal da ocupação e quais as consequências legais que se impõem para todos os Estados e para as Nações Unidas a partir desse status?"

A menção à Corte Internacional de Justiça foi criticada por Israel durante a análise do tema na comissão de descolonização.

De acordo com um comunicado da ONU, o representante de Tel Aviv disse na ocasião que envolver a instância internacional "dizimaria qualquer chance de reconciliação entre Israel e palestinos", apontando ainda que "tais resoluções demonizam Israel e isentam os palestinos de qualquer responsabilidade pela sua situação atual".

O período Bolsonaro nas relações exteriores foi marcado pela adoção de uma linha pró-Israel nos temas do conflito no Oriente Médio discutidos em fóruns multilaterais.

A adesão a teses israelenses foi mais aprofundada no período em que a chancelaria foi comandada pelo então ministro Ernesto Araújo. Ainda na campanha presidencial de 2018, o atual presidente chegou a prometer mudar a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém — cidade disputada, que Israel considera sua capital —, mas a ideia foi abandonada após forte oposição de países árabes e do agronegócio brasileiro.

A chegada de Carlos França ao comando do Itamaraty moderou o discurso. Embora não tenha abandonado a orientação de ficar mais próximo dos israelenses, o atual chanceler trouxe de volta às manifestações do Brasil uma linguagem abandonada por Ernesto.

Em maio de 2021, por exemplo, França pediu que o Exército de Israel exercesse "contenção máxima" num conflito na Faixa de Gaza e aceitou receber uma delegação de embaixadores árabes em Brasília — grupo que não teve interlocução com o ideologizado antecessor.

Título: Embaixada brasileira em Jerusalém seria 'agressão desnecessária', diz autoridade palestina

Veículo: Folha de S. Paulo

Data: 26 de março de 2019

Brasília O embaixador palestino em Brasília, Ibrahim Alzeben, advertiu nesta terça-feira (26) que uma eventual transferência da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém seria uma "agressão desnecessária". Para ele, a atitude poderia tornar o Brasil "parte de um conflito", em detrimento de sua tradicional neutralidade diplomática.

Às vésperas da visita do presidente Jair Bolsonaro a Israel, Alzeben disse que o presidente palestino, Mahmoud Abbas, também espera receber o líder brasileiro nos territórios palestinos.

"Transferir a embaixada, e não apenas a do Brasil, mas a de qualquer país do mundo (...) para Jerusalém é uma agressão desnecessária, uma agressão ao direito internacional e aos nossos direitos", declarou o embaixador.

Imagem 16 – O Embaixador palestino no Brasil, Ibrahim Alzeben, em Brasília



Fonte: Evaristo Sa/AFP

"O Brasil sempre (...) foi um promotor do processo de paz. Não entendo, não consigo entender nem justificar esta posição de querer ser parte de um conflito entre Palestina e Israel."

Entre os dias 31 de março e 3 de abril, Bolsonaro estará em Israel, onde se reunirá com o primeiro-ministro Binyamin Netanyahu.

Em seu alinhamento com os governos conservadores e nacionalistas, Bolsonaro prometeu durante a campanha eleitoral e após assumir a presidência que

levaria a embaixada do Brasil para Jerusalém, seguindo os passos do presidente americano, Donald Trump.

Mas a questão saiu de pauta diante dos sinais emitidos por países árabes, importantes compradores de carne halal do Brasil, de que poderiam adotar represálias comerciais. O chanceler Ernesto Araújo declarou na semana passada que o governo brasileiro "ainda analisa" a transferência da embaixada.

Israel considera toda a cidade de Jerusalém como sua capital indivisível, enquanto os palestinos querem instalar em Jerusalém Oriental a capital de seu futuro Estado.

Para a comunidade internacional, o status da Cidade Santa tem que ser negociado entre as duas partes, e as embaixadas não devem ficar em Jerusalém até que haja um acordo.

O Brasil mantinha a mesma posição da comunidade internacional. O País reconheceu a Palestina como Estado em 2010, sob a Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva.

Título: Bolsonaro diz que trocará embaixador nos EUA somente após visita a Trump

Veículo: Folha de S. Paulo

Autor: Leandro Colon

Data: 13 de março de 2019

Brasília O presidente Jair Bolsonaro disse nesta quarta-feira (13) que vai anunciar o nome do novo embaixador do Brasil nos Estados Unidos somente após a visita que fará ao país na semana que vem.

Em um café com jornalistas, para o qual a Folha foi convidada, Bolsonaro anunciou ainda que a troca faz parte de 15 mudanças que pretende fazer em embaixadas, entre elas a da França.

Ele negou a intenção de divulgar quem será o novo embaixador nos EUA durante a viagem. "Não pega bem chegar lá com bilhete azul", disse.

Imagem 17 – O presidente Jair Bolsonaro durante evento no Palácio do Planalto



Fonte :Pedro Ladeira - 12.mar.19/Folhapress

"A certeza é que vai ser trocado", ressaltou o presidente. O atual ocupante do posto é Sérgio Amaral.

Segundo Bolsonaro, a troca nas embaixadas é necessária porque a imagem do Brasil no exterior está sendo vendida de "maneira ruim". "Não sou ditador, homofóbico, racista", afirmou.

Conforme a Folha mostrou, o mais cotado para assumir o posto nos EUA é diplomata Nestor Forster, defendido pelo chanceler Ernesto Araújo e amigo do guru ideológico do governo, Olavo de Carvalho.

Mas o consultor e advogado Murillo de Aragão, da Arko Advice, ganhou força nos últimos dias, principalmente pelo bom trânsito que tem entre a ala militar do Planalto —bastante influente junto ao presidente.

Bolsonaro informou ainda que pretende, na viagem aos EUA, assinar três acordos com o governo local, um na área tributária, outro referente à Base de Alcântara, e um terceiro não divulgado por ele.

O presidente disse também que "talvez" receba um convite do presidente Donald Trump para o Brasil passar a ter o status de "major non-NATO ally" — grande aliado extra-Otan

Os dois se reúnem nos EUA nos dias 18 e 19 de março. A designação cabe a países que não são membros da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), mas que são considerados aliados estratégicos militares dos EUA.

Sobre uma possível mudança da embaixada brasileira em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, o presidente afirmou que é preciso ter cautela. "Estamos conversando com todo mundo, vamos ter calma, ter cautela, está sendo negociado não pode vai ou racha."

A promessa do então candidato de mudar a embaixada do Brasil em Israel tem implicações políticas e práticas, como danos ao comércio de proteína "halal" com países muçulmanos.

Bolsonaro também falou sobre Venezuela. Ele disse que só decidiu reconhecer Juan Guaidó como presidente interino da Venezuela depois que Trump fez o mesmo. "Não seria o 01", afirmou.

As declarações de Bolsonaro foram dadas em um café da manhã com jornalistas. A Folha foi convidada.

Participaram também do encontro Renata Lo Prete (TV Globo), Fernando Mitre (TV Bandeirantes), Mariana Godoy (Rede TV), Carlos Nascimento (SBT), Thiago Contreira (TV Record), Fernando Rodrigues (Poder 360), Carlos diFranco (O Estado de S. Paulo), Leonardo Cavalcanti (Correio Brasiliense), Rudolfo Lago (Istoé), Paulo Enéias (Crítica Nacional) e Rui Fabiano.

Título: Primeira-dama, Michelle Bolsonaro vota em Ceilândia, no DF

Veículo: G1

Data: 30 de outubro de 2022

Esposa de Jair Bolsonaro (PL) chegou ao colégio antes das 9h da manhã deste domingo (30). Momento foi registrado em rede social.

Imagem 18 – Michelle Bolsonaro publicou foto após votar no segundo turno, neste domingo (30), em Ceilândia, no DF



Foto: Instagram/Reprodução

A primeira-dama, Michelle Bolsonaro, votou, pouco antes das 9h da manhã deste domingo (30), em um colégio em Ceilândia, no Distrito Federal.

O momento foi registrado na conta de Michelle em uma rede social. "Que as bênçãos do nosso Deus estejam sobre o Brasil e sobre Israel. Deus, Pátria, Família, Liberdade", escreveu na publicação.

Já o candidato à reeleição à presidência da República, Jair Bolsonaro (PL), votou na Vila Militar, no Rio de Janeiro, pouco antes das 8h deste domingo.

"Expectativa de vitória, pelo bem do Brasil", disse ele aos jornalistas do lado de fora.

Título: Viagem de Bolsonaro a Israel não terá definição de transferência da embaixada

Veículo: G1

Autora: Andréia Sadi

Data: 22 de março de 2019

O presidente Jair Bolsonaro bateu o martelo e irá a Israel na última semana de março: a viagem está marcada para o dia 30 de março. Uma das promessas políticas do presidente é transferir a embaixada do Brasil em Israel de Tel Aviv para Jerusalém.

No entanto, a definição da transferência vai ficar para um segundo momento.

A informação foi confirmada ao blog pelo porta-voz da Presidência da República, Otávio Rêgo Barros.

"Claro que não se pode definir a transferência da embaixada do Brasil em Israel de Tel Aviv para Jerusalém em tão pouco tempo. Olhe quantos meses demorou para os Estados Unidos, por exemplo", disse o porta-voz.

Ele afirma que, na viagem, Bolsonaro vai investir em conversas comerciais, sem prejuízo para negócios com os países árabes.

"Quanto às questões comerciais, o presidente vem defendendo multilateralismo comercial."

Imagem 19 - O presidente Jair Bolsonaro



Fonte: Reprodução/TV Globo

A transferência da embaixada, além de promessa de Bolsonaro, é uma cobrança da bancada evangélica na Câmara - que ameaça não ajudar na reforma da Previdência se o presidente não tocar a pauta.

A ideia não é consenso dentro do governo. O vice-presidente, Hamilton Mourão, por exemplo, é contra.

O Brasil ainda não oficializou a troca da embaixada em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, a exemplo do que fez o governo norte-americano. A medida gerou apreensão em razão de eventuais retaliações de países árabes, grandes compradores de carne brasileira.

Israel considera Jerusalém a "capital eterna e indivisível" do país. Mas os palestinos não aceitam e reivindicam Jerusalém Oriental como capital de um futuro Estado palestino.

Título: Após cogitar transferir embaixada, Bolsonaro anuncia escritório comercial em Jerusalém

Veículo: G1

Data: 31 de março de 2019

Presidente confirmou escritório na cidade sagrada durante declaração conjunta com premiê israelense. Jerusalém não é reconhecida internacionalmente como capital de Israel.

No primeiro dia da visita oficial a Israel, o presidente Jair Bolsonaro anunciou neste domingo (31), após se reunir com o premiê Benjamin Netanyahu, a abertura de um escritório comercial do governo brasileiro em Jerusalém, cidade considerada sagrada por cristãos, judeus e muçulmanos e que não é reconhecida internacionalmente como capital israelense.

A abertura do escritório em Jerusalém é uma saída diplomática para o embaraço gerado com países árabes após o presidente ter manifestado publicamente logo após ser eleito a intenção de transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, a exemplo do que fez o presidente norte-americano Donald Trump.

Israel considera Jerusalém a "capital eterna e indivisível" do país, mas os palestinos não aceitam e reivindicam Jerusalém Oriental como capital de um futuro Estado palestino.

O eventual reconhecimento por parte do governo brasileiro de Jerusalém como capital de Israel, e também a eventual mudança da embaixada, suscitou o receio de retaliações comerciais de países árabes, grandes compradores de carne bovina e de frango do Brasil.

O recuo de Bolsonaro em relação à transferência da embaixada se deu após ponderações da ala militar do governo e de ruralistas de que a medida poderia gerar um prejuízo bilionário para a economia brasileira.

Na última quinta-feira (28), ao ser perguntado sobre a mudança da embaixada brasileira, Bolsonaro disse que o presidente norte-americano Donald Trump demorou nove meses para tomar a decisão.

"O Trump levou nove meses para decidir, para dar a palavra final para que a embaixada fosse", declarou na ocasião.

Às vésperas das eleições gerais em Israel, Bolsonaro desembarcou no país do Oriente Médio na madrugada deste domingo para retribuir a presença do premiê israelense

Benjamin Netanyahu na cerimônia de posse dele em 1º de janeiro. Neste domingo, a imprensa de Israel tratava como uma das principais pautas da visita do presidente brasileiro a possível definição de mudar a embaixada para Jerusalém.

Um dos principais aliados externos de Bolsonaro, o primeiro-ministro de Israel foi recepcionar o colega brasileiro no aeroporto de Tel Aviv, distinção que ele reservou a poucos chefes de Estado ao longo dos quatro mandatos em que está à frente do governo israelense. Do aeroporto, a comitiva brasileira se deslocou diretamente para Jerusalém.

Mais tarde, Bolsonaro e Netanyahu tiveram uma reunião de trabalho no gabinete do primeiro-ministro, na qual assinaram acordos bilaterais.

Ao final do encontro, chamando o premiê israelense de "irmão e amigo", o presidente anunciou, em Jerusalém, a instalação do escritório que, segundo ele, será encarregado da promoção de comércio, investimentos, tecnologia e inovação entre os dois países, subordinado à embaixada do Brasil em Tel Aviv.

"Agora há pouco, tomamos a decisão final, ouvindo o nosso general Augusto Heleno [ministro do Gabinete de Segurança Institucional], de abrir, em Jerusalém, um escritório de negócios voltado para ciência, tecnologia e inovação" (Jair Bolsonaro)

"Nosso casamento no dia de hoje trará muitos benefícios aos nossos povos. Estou muito feliz. Peço a Deus que continue nos iluminando para tomar muitas decisões", complementou o presidente, concluindo a declaração dizendo, em hebraico, "eu amo Israel".

Durante o encontro, do lado de fora, um grupo de brasileiros fez um protesto contra Bolsonaro em Jerusalém.

Denúncias de corrupção

Imagem 20 – Bolsonaro foi recebido em Tel Aviv pelo premiê israelense Benjamin Netanyahu



Fonte: REUTERS/Ronen Zvulun

Alvo de denúncias de corrupção, Benjamin Netanyahu vive um dos momentos mais delicados desde que assumiu o governo israelense. Ele é acusado, entre outras coisas, de ter usado de sua influência no ministério das Comunicações para obter cobertura favorável de veículos da imprensa, de ter recebido favorecimento ilícito na compra de submarinos da Alemanha e ainda de ter recebido presentes caros de empresários.

Nas eleições convocadas para 9 de abril, é possível que Netanyahu, líder do partido de direita Likud, deixe o poder após uma década como primeiro-ministro.

O parlamento de Israel aprovou a própria dissolução em dezembro, antecipando a votação que deveria ocorrer até novembro de 2019. A convocação de eleições foi interpretada como uma manobra do premiê contra desdobramentos das denúncias de corrupção. Se for reeleito pela quinta vez, Netanyahu vai superar o recorde de permanência no cargo do fundador do Estado de Israel, David Ben-Gurion.

A imprensa local aponta que a visita do líder brasileiro tem sido usada para "impulsionar" a campanha de Netanyahu, destacando que o premiê faz da agenda oportunidade para mostrar seu poder de influência junto ao Brasil que, até então, era visto como pró-Palestina e às vezes até mesmo pró-Irã, de acordo com veículos de mídia israelense.

Em uma declaração à imprensa logo após a reunião de trabalho com Bolsonaro, Netanyahu elogiou o colega brasileiro – a quem também chamou de amigo –, disse que considera o Brasil "uma das grandes potências mundiais" e lembrou o papel do governo brasileiro na criação do Estado de Israel.

Mais tarde, em outro pronunciamento à imprensa em Jerusalém, Benjamin Netanyahu agradeceu a decisão de Bolsonaro de abrir o escritório comercial na cidade sagrada e disse que esse pode ser o primeiro passo para, no futuro, o Brasil transferir a embaixada.

"Abençoo essa sua decisão de abrir um escritório de comércio, tecnologia e inovação, de representação em Jerusalém", disse o premiê sob os olhares de Bolsonaro.

"E vou contar um segredo a vocês: é o primeiro passo para quem sabe um dia chegar à transferência da embaixada do Brasil para Jerusalém. Sejam bem-vindos a Jerusalém, capital do Estado de Israel". (Benjamin Netanyahu)

Acordos bilaterais

Além da abertura do escritório comercial em Jerusalém, o presidente Bolsonaro também anunciou neste domingo a assinatura de seis acordos com o governo israelense.

O primeiro trata de entendimentos para cooperação em Ciência e Tecnologia, com o objetivo, de acordo como Itamaraty, de "desenvolver, facilitar e maximizar a cooperação entre instituições científicas e tecnológicas de ambos os países com base nas prioridades nacionais no campo de C&T e nos princípios de igualdade, reciprocidade e benefício mútuo, e de acordo com as leis nacionais".

Também foi assinado um acordo sobre segurança pública. Outro ato trata de entendimentos sobre cooperação em questões relacionadas à defesa para "promover a cooperação entre as partes".

Um acordo sobre serviços aéreos, para estabelecer e "explorar serviços aéreos" também foi firmado, além de um memorando de entendimentos, entre o

Gabinete de Segurança Institucional (GSI) e o governo israelense na área de cibersegurança.

O último ato assinado neste domingo por Bolsonaro e Netanyahu é um plano de cooperação na área de saúde e medicina até 2022. O governo informou, até o momento, que o objetivo é permitir a cooperação entre os ministérios da Saúde de Brasil e Israel.

Reuniões com países árabes

O secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Marcos Montes, informou que a titular da pasta, Teresa Cristina, vai oferecer um jantar a embaixadores de países árabes. O objetivo é estreitar relações e afastar a possibilidade de retaliações comerciais dessas nações - que são grandes compradoras de carne bovina e de frango do Brasil.

A ideia inicial é que ocorram reuniões com grupos pequenos de países árabes, e não todos mundo de uma única vez. Segundo interlocutores do Ministério da Agricultura, representantes da liga árabe têm participado de reuniões na pasta desde o início do governo.

Título: Decisão de Bolsonaro gera custo para o Brasil e não agrada Israel nem a Palestina

Veículo: G1

Autor: Valdo Cruz

Data: 1 de abril de 2019

Imagem 21 – O presidente Jair Bolsonaro e o Primeiro-Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, durante declaração conjunta à imprensa neste domingo



Foto: Fonte: Alan Santos/Presidência da República

A decisão do presidente Jair Bolsonaro de abrir um escritório de representação em Jerusalém, em vez de transferir para a cidade santa a embaixada brasileira, é um recuo que precisa ser visto como uma medida correta.

Mas acaba indo contra o discurso do próprio governo, de austeridade, ao gerar custos para o Brasil com a instalação do novo escritório em Israel.

Para um governo que tem combatido, corretamente, desde o início toda e qualquer medida que represente custos para o Tesouro Nacional, abrir o escritório em Israel vai gerar mais despesas para a União sem retorno do ponto de vista comercial e de representação.

O gesto é muito mais político e buscou cumprir, em parte, promessa feita desde a campanha ao primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, de transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém.

Do ponto de vista de negócios e representação, o escritório pode ter pouca utilidade. Quem importa e exporta para o Brasil está baseado muito mais em Tel Aviv. E as duas cidades estão separadas por menos de 70 quilômetros. Tudo poderia ficar concentrado numa ou em outra cidade.

Bolsonaro foi convencido a não cumprir totalmente sua promessa por ruralistas e equipe econômica, temerosos com retaliações de países árabes, estes, sim, importadores importantes de produtos brasileiros. O prejuízo seria enorme.

Adversários de israelenses, os árabes consideram que a mudança da embaixada do Brasil seria o mesmo que reconhecer Jerusalém como capital de Israel, disputa histórica na região.

Agora, a diplomacia brasileira vai entrar em campo para convencer árabes de que a abertura de um escritório de representação em Jerusalém – que Israel considera sua capital embora a comunidade internacional tenha posição contrária – não afronta esses países. Tudo para escapar de qualquer tipo de retaliação comercial.

Título: Bolsonaro embarca neste sábado para visita oficial a Israel

Subtítulo: Presidente tem encontro previsto com o primeiro-ministro do país, Benjamin Netanyahu, de quem se aproximou desde a eleição. Bolsonaro também visitará Muro das Lamentações

Veículo: G1

Data: 30 de março de 2019

Imagem 22 – O presidente Jair Bolsonaro e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, durante visita à sinagoga no Rio de Janeiro



Fonte: Fernando Frazão/Agência Brasil

O presidente Jair Bolsonaro deve embarcar às 13h deste sábado (30) para Israel, onde irá se reunir com o primeiro-ministro do país, Benjamin Netanyahu. Será a terceira viagem oficial de Bolsonaro ao exterior desde que assumiu a Presidência.

Em Israel, dentre outros compromissos, o presidente retribuirá a visita que Netanyahu fez ao Brasil para participar da posse, em 1º de janeiro. Foi a primeira visita oficial de um premiê de Israel ao Brasil.

Na ocasião, Bolsonaro e Netanyahu tiveram um encontro no qual reafirmaram a intenção de estreitar os laços entre os dois países e fazer parcerias em diversos setores. O israelense chamou o brasileiro de "grande amigo", "grande aliado" e "grande irmão".

A agenda de Bolsonaro em Israel prevê compromissos em Tel Aviv e em Jerusalém. As duas cidades estão no centro de uma polêmica envolvendo a embaixada brasileira no país. Bolsonaro declarou, em novembro do ano passado, após vencer a eleição presidencial, que iria transferir a embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém, a exemplo do que foi feito pelos Estados Unidos. Após três meses de governo, a mudança não foi oficializada.

Com a medida, o Brasil reconheceria Jerusalém como capital de Israel, o que suscitou o receio de retaliações comerciais de países árabes, grandes compradores de carne bovina e de frango do Brasil.

Israel considera Jerusalém a "capital eterna e indivisível" do país. Mas os palestinos não aceitam e reivindicam Jerusalém Oriental como capital de um futuro Estado palestino. A comunidade internacional não reconhece a reivindicação israelense de Jerusalém como sua capital indivisível.

Após a polêmica declaração, o governo brasileiro tem adotado um tom de cautela ao falar sobre o assunto. Em diversas ocasiões, o porta-voz da Presidência, Otávio Rêgo Barros, disse que o governo estuda o assunto, e não deve anunciar nenhuma medida nesse sentido na visita oficial a Israel.

Bolsonaro também deve visitar uma comunidade de brasileiros estabelecida na cidade de Raanana.

A comitiva do presidente será formada pelos ministros Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Bento Albuquerque (Minas e Energia), Marcos Pontes (Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações), Augusto Heleno (Gabinete de Segurança Institucional).

Também irão a Israel na comitiva de Bolsonaro os senadores Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), Chico Rodrigues (DEM-RR) e Soraya Thronicke (PSL-MS), além da deputada Bia Kicis (PSL-DF).

Título: Bolsonaro participa da Marcha Para Jesus em São Paulo

Subtítulo: Ele é o primeiro presidente a participar do evento evangélico na Zona Norte da capital paulista. Bolsonaro admitiu que pode concorrer à reeleição.

Jornal: G1

Data: 20 de junho de 2019

Imagem 23 – Jair Bolsonaro na Marcha para Jesus



Fonte: GloboNews/Reprodução

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) participa na tarde desta quinta-feira (20) da Marcha Para Jesus, evento evangélico que se realiza desde a manhã na Zona Norte de São Paulo. Esta é a primeira vez que um presidente da República participa da marcha, que está em sua 27ª edição. O evento combina caminhada, shows e apresentações de pastores evangélicos. Segundo os organizadores, 3 milhões de pessoas participaram da Marcha Para Jesus.

Bolsonaro subiu ao palco às 15h30 sob aplausos dos fiéis. Em seguida foi exibido no telão um vídeo curto com uma mensagem de Bolsonaro exaltando a Marcha Para Jesus.

A bispa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo, agradeceu a presença do presidente: "Pela primeira vez na presidência do Brasil se ouviu o nome de Deus acima de todos". Ela também ressaltou o fato de Bolsonaro ter levado a mulher Michele para discursar no dia da posse, em 1º de janeiro. O apóstolo Estevam

Hernandes, também da Renascer, destacou a presença de Bolsonaro na Marcha.

Em seguida, os integrantes da igreja puxaram uma oração com a presença de Bolsonaro. O prefeito Bruno Covas (PSDB) também discursou. "A cidade de São Paulo celebra a sua diversidade religiosa", afirmou Covas.

Bolsonaro discursa

Imagem 24 – O presidente Jair Bolsonaro, ao lado da Bispa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo; o senador Major Olímpio (PSL-SP) também participa da Marcha para Jesus



Fonte: Celso Tavares/G1

O presidente agradeceu ao convite do casal Hernandez e afirmou que "é muito bom estar entre amigos". "Melhor ainda quando esses amigos têm Deus no coração. Porque assim agora nós somos irmãos. Muito obrigado pelo convite. O ano

passado eu lhes disse: 'Se Deus quiser, estarei o ano que vem nessa Marcha como presidente da República do Brasil!'. Um presidente que diz que o estado é laico, mas ele é cristão!", disse Bolsonaro.

Imagem 25 – Fiéis curtem shows de música gospel na Marcha para Jesus de São Paulo



Fonte: Celso Tavares/G1

Ao público, o presidente afirmou: "Vocês foram decisivos para mudar o destino dessa pátria maravilhosa chamada Brasil. Todos nós juntos compartilhamos dessa responsabilidade. Onde primeiro Deus e depois a família respeitada e tradicional acima de tudo"

"Eu agradeço a Deus também primeiro por estar vivo, porque foi dele esse dom de me dar pela segunda vez a vida. Agradeço a vocês pelas orações nos momentos difíceis que encontrei pela frente. E Ele nos deu a presidência."

Presidente admite reeleição

Bolsonaro admitiu que pode disputar a reeleição em 2022, caso não seja aprovada "uma boa reforma política".

Após discursar na Marcha Para Jesus, tradicional evento evangélico realizado na Zona Norte de São Paulo, Bolsonaro deu entrevista, e um repórter perguntou: "Presidente, o senhor vai tentar a reeleição?".

"Se tiver uma boa reforma política eu posso até nesse caldeirão jogar fora a possibilidade de reeleição. Agora se não tiver uma boa reforma política e, se o povo quiser, estamos aí para continuar mais quatro anos", respondeu Bolsonaro.

Imagem 26 – Fiéis acompanham shows da Marcha para Jesus na Praça Heróis da FEB em São Paulo



Fonte: Celso Tavares/G1

Bolsonaro chamou ao seu lado o embaixador de Israel, Yossi Shelley. "Eu sempre cito Israel quando tenho oportunidade. Costumo dizer: 'Olha o que Israel não tem e o que eles são'. E cá para nós, veja o que o Brasil tem e que nós somos."

Doria no trio

Imagem 27 – O governador João Dória, ao lado de Estevam Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, na Marcha para Jesus



Fonte: GloboNews/Reprodução

Mais cedo, o governador João Doria (PSDB) subiu ao palco de um dos trios elétricos ao lado da mulher, Bia Doria, por volta de 12h. Ao lado do pastor Estevam Hernandes e Sônia Hernandes, da Igreja Renascer em Cristo, uma das

organizadoras da Marcha, Doria discursou para milhares de fiéis que participam do evento religioso. "Este é o caminho da paz, essa é a marcha da paz, da harmonia, daqueles que amam São Paulo, o Brasil, amam sua família", disse Doria.

Além da Renascer, participam pastores e fiéis de outras igrejas populares, como a Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus.

A caminhada começou primeiro com as crianças, a Marcha Kids, às 9h30. Às 10h, os fiéis iniciaram a Marcha saindo da região da Luz, no Centro, com destino à Praça Heróis da Força Expedicionária Brasileira (FEB), perto do Campo de Marte, na Zona Norte.

Durante a longa caminhada os fiéis acompanham trios elétricos com pastores e bandas gospel. Ao longo do percurso não faltam vendedores ambulantes: um dos itens mais populares era a bandeira de Israel, usada por alguns fiéis como manto.

Imagem 28 – Fiéis participam da Marcha para Jesus em São Paulo



Fonte: Patrícia Figueiredo/G1

Religião x política

Moradora do Mandaqui, na Zona Norte da capital, Sheila de Andrade, 55 anos, frequenta a Marcha Para Jesus há cinco anos. Dessa vez, ela veio com sua filha Agnes Camilo, 25 anos, e os netos Henrique, de 7, e Ariela, de 5 anos de idade. "Nós estamos aqui porque a marcha representa tudo que a gente precisa nesse momento: de paz, amor, família, um país melhor e mais justo", diz.

Apesar da multidão, Agnes diz não ter medo de trazer os filhos pequenos. "É muito seguro, eles se divertem", conta. "São eles que sempre pedem para vir."

Sheila acompanhou os trios elétricos na caminhada, inclusive aquele onde o governador João Doria estava presente, mas foi embora do evento antes do pronunciamento de Jair Bolsonaro, marcado para as 15h. Para ela, a presença de políticos na caminhada é bem-vinda, mas a marcha não deve virar palanque político.

Imagem 29 – Sheila (de verde) com a filha Agnes e os netos na Marcha para Jesus



Fonte: Patrícia Figueiredo/G1

"Eu acho que todos são seres humanos, independente do seu cargo, e como Jesus é para todos nós não podemos julgar [os políticos que vieram]. Mas eu particularmente acho que tinha que ser mais separada a política da religião", diz. "A influência religiosa na política, ao meu ver, não é positiva. Ainda mais nesse momento de conjuntura política que a gente vive porque as pessoas acabam se influenciando."

Imagem 30 – Fiéis acompanham shows da Marcha para Jesus de São Paulo



Fonte: Celso Tavares/G1

Com os filhos

Rita de Cássia, de 52 anos, frequenta a Marcha Para Jesus há 22 anos, desde quando se converteu à religião evangélica. Ela veio à caminhada de trem desde o Grajaú com seus dois filhos e colegas da igreja que frequenta.

“Na Marcha vem um monte de gente, mas todo mundo de bem. Quando vem alguém que não tá no mesmo ritmo, ela logo se contagia também”, diz.

Imagem 31 – Cantora gospel Aline Barros se apresenta na Marcha para Jesus 2019 em São Paulo



Fonte: Celso Tavares/G1

A música é um dos principais atrativos para Sidney Batista, 24 anos, que veio à marcha pela primeira vez neste ano, acompanhado de amigos. Para ele, o show mais aguardado é o da cantora sertaneja Isadora Pompeo, que se apresenta às 14h40. Natural do Jardim Itapema, na Zona Leste de São Paulo, Batista promete repetir a programação ano que vem.

Também da Zona Leste da capital, Geisa Moraes, 32, veio pela primeira vez este ano e se surpreendeu com a união entre diferentes igrejas proposta pelo evento. “Não tem bandeira de igreja, não tem placa, são todos os irmãos unidos em nome de Jesus”, diz. “É maravilhoso, não tem como explicar essa emoção. Devia ter vindo antes.

Imagem 32 – Sidney Batista e Geisa Moraes com um casal de amigos na Marcha para Jesus



Fonte: Patrícia Figueiredo/G1

Imagem 33 – Milhares de fiéis participam da Marcha para Jesus em São Paulo



Fonte: Fábio Vieira/Fotorua/Estadão Conteúdo